Universo no Liquidificador com 2 Limões e Cachaça

Contos

por Társio Abranches

Universo no Liquidificador com 2 Limões e Cachaça

Contos

por Társio Abranches

Edição do autor

© Társio Abranches, 2010

Esse livro é uma obra sem fins lucrativos e sua venda está proibida. Ele pode ser baixado, compartilhado, impresso e reproduzido. Desde que, claro, respeite-se a autoria da obra e seja divulgado o nome do autor. Não será permitida qualquer alteração ao conteúdo da obra.

Capa:
Társio Abranches

Foto:
Daniel Yara (dantada)
retirada do site morguefile.com

Edião e projeto gráfico:
Társio Abranches

Revisão:
Flora Pinheiro

Este livro faz parte do projeto experimental para a conclusão no curso de Produção Editorial da UFRJ.

Sumário

Retrato de um jovem quando artista **5**

Fábula diplomática **10**

Construtora 3 Porquinhos Ltda. **13**

Colegas de quarto **21**

Anacrônico **24**

Família Futurista **28**

Falsas utopias **32**

Epitáfio reticente **34**

Frase de efeito **43**

O presente para quem é? **46**

Depois de 30 anos... **51**

Abandonando o ninho **53**

Universo em rejeição **61**

Super-humanos, porém humanos **62**

O garoto no canto **64**

O caso da prostituta 66
Três passos para a felicidade 68
O destinatário 70
Mocinha em apuros nos tempos modernos 73
O contraevolucionista 80
Quantos bites fazem uma pessoa? 94
Último dia 102
Péssimo dia de trabalho 106
E se o nazismo fosse criado aqui no Brasil? 113
A estranha aventura de Januário Fortuna 119
O detetive do ID 130
ABC 149
O que os olhos não veem... 151
O beijo 156
Certezas inconstantes 165
Profissão: protagonista 173
Síndrome narrativa psicótica 177
Sobre o autor 181

Retrato de um jovem quando artista

Após alguns cliques e sites visitados pela internet, uma decisão fora tomada. O jovem Victor seria um artista! Melhor dizendo: já era! Segundo informações especializadas da Fastpedia (sem o academicismo pedante da Wikipedia), a arte é inútil por natureza; e se Victor tinha alguma característica era inutilidade. Por exemplo, ontem, havia molhado papel higiênico e tacado no teto o dia inteiro. Tinha quase a certeza de que aquilo não havia ajudado a ninguém. E depois, sensibilidade é que não faltava, pois, quando uma das maçarocas úmidas presas no teto caiu no seu olho direito, chorou e esperneou até não poder mais.

Desligou o computador e começou a se preparar. A primeira coisa que precisava era do seu All Star. Pegou seu par debaixo da cama. Colocou nos seus pés, disfarçando o cadarço. Sentiu que faltava alguma coisa a mais. Seu *look* ainda estava um tanto normal. Tinha de estar com a aparência mais ousada, tipo a de alguém que fora barrado numa festa intergaláctica por ser muito excêntrico. Abriu o guarda-roupa. Começou a tirar as roupas que realmente usava da parte de cima da gaveta e iniciou uma busca

arqueológica no armário, ao encontro de presentes de aniversários de tias que ele mal sabia o nome. Depois de algumas roupas de time de futebol, um abadá e uma dessas camisas com o nome de uma cidade turística nunca visitada, finalmente encontrou o que procurava: uma extravagante camisa florida. Num movimento performático e ágil jogou a camisa para trás do corpo e encaixou os braços nas mangas enquanto ela vagarosamente se acomodava ao seu corpo. Para o toque final, uma boina. Olhou-se no espelho e foi como se estivesse vendo uma floresta tropical, e não um ser humano. Estava ótimo. Melhor só se a boina tivesse o emblema da Coca-cola.

O próximo passo era se livrar de seu passado burguês, o que significava se livrar dos seus pais. Cortá-los com a faca da poesia, obliterá-los com os canhões da ideologia, ou simplesmente colocar algumas granadas - compradas no submarino.com - debaixo das cadeiras onde seu pai e sua mãe jantavam. As granadas tinham um fio que os ligava a um interruptor nas mãos de Victor que poderia explodir os dois a qualquer momento da janta. Só precisavam de um rápido toque de seu polegar.

Às 20 horas, cada um ocupou o espaço reservado para a grande cena. Após o boom, Victor chamaria os críticos – ou melhor, seus amigos de faculdade - para a apreciarem a sua obra feita em sangue e nitroglicerina. A chamaria da Tristeza do Homem-Bomba, uma crítica à guerra, claro.

– E aí, como foi seu dia, filho? – falou o pai, colocando arroz no prato.

– Ah nada de mais. Fiquei lendo Nietzsche, nada que vocês possam compreender.

– Que interessante. Adoro o Zaratustra.

Um olhar interrogativo passou pelo rosto de Victor. Ele só havia lido a orelha do livro Quando Nietzche chorou, e não se lembrava de nenhum personagem com esse nome.

– Sim... É interessante. – falou, tentando recuperar o ar esnobe – Mas não é a melhor obra dele.

– Ah, e qual você prefere?

– Oras, o que importa! Será que é só isso em que consegue pensar, em nomes de livros! Um bom leitor é aquele que capta a obra com apenas uma frase.

Decidiu que era hora de apertar o botão e mandar aquela baboseira pro ar, mas aí a sua mãe anunciou que eles tinham lhe comprado um presente. Não seria justo lhes privar desse prazer.

– Então, Vitinho, compramos o celular que você sempre quis ontem. Aquele que filma e faz um monte de coisas.

– Ele tem GPS?

– Sim.

Victor apertou os olhos. O celular era uma mídia imprescindível à arte pós-moderna. Não podia ser qualquer coisa.

– Tem acesso banda larga à internet? – certificou-se ele, o dedo encostado no botão vermelho do interruptor.

– Banda larga e acesso a rede de TV – adicionou o pai.

O dedo foi levemente soltando o botão. Aquilo poderia esperar até...

– Ótimo, agora passem o celular para mim!

O pai e a mãe se olharam. E depois riram. Victor apertou os olhos novamente. Essa coisa de rir era típica da burguesia, artistas não soltam risos, dão meio-sorrisos enigmáticos e zombeteiros para que as pessoas possam ver que eles são mais espertos e superiores. Como esses caras podem rir enquanto um mundo inteiro passa fome e desvanece e , acima de tudo, enquanto ele Victor está sem um celular que pode acessar a Fastpedia de qualquer lugar.

– Agora não, querido. – disse a mãe, dando-lhe um sorriso meigo – Esse é um presente para sua formatura!

Victor ficou quieto. A mãe deu uma garfada numa batata, sustentando ainda o sorriso, e o pai lhe deu um tapinha no ombro. Antes mesmo de Victor terminar a frase "Tudo bem, eu aguento esperar..."; pedaços de carne voaram para todos os lados, caindo na panela de feijoada, manchando as paredes de sangue. Mesmo assim, a camisa florida chamava mais atenção do que a cena macabra. A única coisa que sobrara razoavelmente inteira era a mão paterna no ombro de Victor.

– ... uma ova. – completou o garoto, tirando a mão do ombro, como se tirasse uma sujeira.

2 horas depois um vídeo da mesa de jantar feito com um celular era carregado no Youtube. 2h30 depois o vídeo era aclamado por blogs especializados em arte, como

um rompimento com a estética tradicional – a qual cada um deu uma explicação diferente do que seria – e o marco de uma nova era, onde a beleza se desprendia dos limites morais de uma sociedade decadente. Muitos elogios à camisa florida e à boina também foram feitos.

Fábula diplomática

Era dia de festa na casa da ONU, e todas as nações estavam reunidas para descansar um pouco das atribuladas disputas internacionais. O Brasil dava abraço em todo mundo principalmente na Itália, França e outros países de gênero feminino. Holanda estava reunida com a Jamaica dentro de uma nuvem de fumaça num dos salões mais discretos da casa, onde volta e meia entrava um país mais sério olhando para os lados, vendo se ninguém estava ciente de suas relações públicas. O único que estava parado era o Irã, sentado numa cadeira encostada na parede, bebendo o seu refrigerante nacional com cara de pouca diplomacia. Mas não por muito tempo, pois os Estados Unidos, vestindo seu casaco do time de futebol americano, já lhe apontava o dedo, enchendo-o de acusações.

– Esse cara ta tacando bolinhas de papel em mim!

A maioria dos países estava entretida demais nos seus próprios negócios para se importar; além do mais, a Rússia colocara um pouco de vodca na bebida do Vaticano e agora ele estava fazendo striptease em cima de uma mesa.

– Deixa disso, Estados Unidos. O cara tá na dele. – falou o Canadá e desapareceu, carregado por uma fila de chá-chá-chá liderada por Cuba.

Os Estados Unidos tentou relaxar e dar em cima novamente da China, que diziam já haver aberto a porta para todos, mas já lhe dera o fora duas vezes. Tudo bem: a terceira era da sorte.

– Então, eu tenho uma coleção de carros conversíveis lá em casa, gostaria de ver?

Estava prestes a ouvir "não, obrigada, eles provavelmente foram todos produzidos por mim", quando uma bolinha de papel acertou a cara dos Estados Unidos, interrompendo a conversação. O país da liberdade ficou puto e foi tirar satisfações com o Irã que ainda estava na cadeira fingindo não ver nada. Alguns países do Oriente Médio se esconderam, outros começaram a cantarolar junto de Israel: PORRADA! PORRADA! PORRADA!

– Você me tacou esse fucking paper! – acusou Estados Unidos. – EU VI!!

– Não sei do que está falando – disse o Irã, tomando um gole do seu refrigerante enriquecido em urânio – Todo mundo sabe que sou muito educado! E quem disser o contrário é porque devia estar preso.

Os Estados Unidos puxou o Irã pelo colarinho e o aproximou de seus dentes trincados que trituravam ameaças.

– Escuta aqui, Irã, ninguém taca bolinhas em mim e sai tranquilo! Você não sabe quem eu sou?

A essa hora o clima da festa já havia esfriado e todos

estavam atentos ao deslanchar do conflito. Foi preciso a França para chegar e separar os dois.

– Libertê, magnifiquê! – argumentou – Monsieurs, jerrer de pardieu! Jerrer Depardieu! Très bien?

Irã e Estados Unidos se entreolharam.

– Foi ele que começou – protestou o Irã.

– Não foi, não foi! – argumentou o outro.

– Ah, States, você já devia estar acostumado em levar bolinhas de papel e sapatadas na cara, né? – debochou a Venezuela, entrando no quiproquó.

– Motherfucker! – disse os Estados Unidos, dando um soco na cara de Venezuela.

Foi a deixa para a festa virar baderna. Os países latinos tomaram as dores de Venezuela; o Brasil deu apoio moral de longe, enquanto fugia com algumas garrafas de bebida e com o Haiti. Canadá e México vieram em defesa do colega norte-americano, afinal ele era chato, mas era a vovó rica deles. Israel e a Palestina, que entrou de penetra, partiram para a porrada. Quando o conflito se espalhou para a galera da Europa, a Suíça se trancou no banheiro e colocou o som de um rock indie bem alto. Com os países asiáticos, a confusão não estava melhor, pois haviam organizado um torneio de artes marciais no jardim da casa e estavam destruindo as orquídeas e as estátuas gregas com os seus *Ki*.

Era sempre assim. Para reunir todos custava, mas quando se reuniam dava sempre em Guerra Mundial.

Construtora 3 Porquinhos Ltda.

Essa é uma história verídica de corrupção e destruição. É sobre três porquinhos que falavam e tinham acabado de receber uma gorda herança de seu falecido pai. Rios de dinheiro. Espertos como eram, resolveram investir no ramo da construção.

– É um investimento, gastamos agora para ganhar mais depois – dizia o mais velho.

– Mas eu queria gastar logo o meu dinheiro. Eu conheci uma gata que se amarra em animais e... – o mais novo falou, até ser interrompido.

– Eu concordo com nosso irmão. Nós podemos ficar ricos para sempre se fizermos tudo certinho.

E assim eles iniciaram uma discussão acalorada sobre investimentos. Como não se chegou a um consenso no modelo empresarial a se seguir, decidiu-se que cada um pegaria o seu dinheiro e faria negócios ao seu modo.

– Eu vou construir um prédio feito de palha – disse o mais novo.

– Você tá maluco? – criticou o mais velho.

– Ué, assim sai mais barato, o lucro vai ser maior e so-

bra grana para sair com as gatinhas.

– Eu não, vou fazer de madeira e dar um acabamento para que fique parecendo concreto – falou o do meio.

– Não podem estar falando sério? – O primogênito balançava os braços para todos os lados como uma lula com Parkinson. – E se... e se... e se aparecer um lobo mau?

– Um lobo mau? – os dois repetiram num tom jocoso. – Claro, um lobo mau no meio de uma cidade brasileira. Muito sentido...

– É talvez a gente devesse fazer um seguro contra bruxas!

Houve um estouro de risadas, ao qual o mais velho esperou passar, com os olhos apertados de raiva. Os dois finalmente se controlaram; limparam as lágrimas dos olhos e passaram os braços em volta dos ombros do mais velho, como se fosse um idoso perturbado.

– Pode ficar tranquilo, irmão, a gente sabe o que faz. Enquanto isso, invista o seu dinheiro num...

– Prédio de tijolos – falou ele. – Como os prédios são normalmente feitos.

– Isso isso. No seu prédio. Vai dar tudo certo.

O acordo foi fechado. Numa favela nos confins do Rio de Janeiro, construiu-se o prédio de palha. Com o dinheiro que sobrou, o porquinho mais novo pôde subornar autoridades para facilitar os seus negócios e pôde também farrear pelas principais festas da cidade. Mal sabia ele que havia chegado o Lobo Mau, a turismo, querendo conhecer os lugares mais exóticos do mundo tropical. Por esses

acasos grandes da vida ele foi parar numa excursão na tal favela, curioso para ver a famigerada arquitetura local. Impressionado, aproximou-se para ter melhor visão dos detalhes da estrutura da obra, esquecendo que era alérgico à palha. Logo os olhos começaram a fechar e a respiração a cessar na tentativa de segurar o espirro. Este furou a barreira e saiu como uma enxurrada bacteriológica, uma verdadeira tempestade de ventos. Barrancos desmoronaram, pessoas gritaram, palhas e moradores foram jogados para longe e ninguém disse "saúde". Assobiando, o Lobo Mau foi lentamente se afastando do cenário de destruição e depois se pôs a correr antes que alguém pudesse lhe prender.

– Você precisa me ajudar, estou sem nada – clamava o mais novo ao porquinho do meio.

– Nossa, quer dizer que o prédio inteiro...?

– Perda total. Não conseguiram nem encontrar toda a palha. Dizem que pode estar ainda voando por aí.

Atrás da mesa do seu escritório, o porquinho do meio analisava a situação, de vez em quando com um aceno negativo da cabeça.

– Bem, pelo menos o seu nome não apareceu nos jornais... – ele disse. – Acidentes desse tipo acontecem volta e meia nesses lugares. É muito triste, mas temos que pensar no futuro. Felizmente, aqui as coisas vão bem e há sempre espaço para a família.

O porquinho mais novo pulou de emoção e foi abraçar o irmão, perguntando-se qual o mínimo de tempo que

deveria esperar para pedir dinheiro emprestado.

Mas deixemos eles um pouco de lado. Num dos apartamentos feitos de madeira, morava um amigo do Lobo Mau, a quem ele decidiu fazer uma visita. E que notícia maravilhosa recebera! A mulher do amigo dera à luz dois garotos fortes. O Lobo Mau, então, disse:

– Pois trago comigo os melhores charutos! Esperava justamente uma ocasião como essas para estreá-los.

Todos se regozijaram quando uma caixinha foi aberta, com seis charutos cubanos um ao lado do outro. As mãos logo foram afoitas em busca da iguaria e em pouco tempo estavam todas as bocas, infantis e adultas, com a melhor chupeta do socialismo. O Lobo Mau cuidou de acender os charutos. A fumaça se fez presente no apartamento, dançando para lá e para cá animada. Os únicos não muito contentes eram os bebês. Na primeira tragada eles cuspiram o charuto, acostumados que estavam com cigarros mentolados. Os charutos caíram ainda acesos e começaram uma relação ardente com o chão. Chamas subiram na sala. Todos gritaram desesperados:

– Sopra! Sopra!

O Lobo soprou espalhando o fogo pelas paredes, cortinas, mesas e sofá. Uma fagulha solitária atravessou a janela e voou até a fábrica de explosivos vizinha. A explosão foi tão alta que mesmo os dois jovens porquinhos ouviram do escritório em que se encontravam – no lado mais rico do bairro.

Foi um escândalo, salvo apenas pelo dinheiro do seguro que em grande parte serviria para indenizar as vítimas. Claro, depois de passar por muitos processos, pois, se é para perder dinheiro, que seja do jeito difícil!

A situação se tornou pior quando uma foto no Globo mostrou uma figura lupina, de suspensórios, junto de outros moradores, observando o prédio em chamas. Os porquinhos não acreditaram naquilo e por um segundo duvidaram de sua sanidade. O que estava fazendo o Lobo Mau ali? Questionaram a secretária sobre quem achava que era na foto e ela assentiu.

– Boca grande, dentes grandes, olhos grandes, orelhas pontudas, peludo... Bem, só pode ser o Lobo ou a minha avó.

À beira de uma crise de nervos e também de uma crise econômica, os dois porquinhos foram procurar o irmão mais velho. Esse ia muito bem e obrigado. As obras demoraram, a herança quase toda fora gasta, mas o seu condomínio oferecia apartamentos seguros, feitos de tijolos, argamassa e vigas de metal, por preços razoáveis. Era bem verdade que muitos daqueles que perderam a moradia nos empreendimentos fracassados de seus parentes foram parar ali.

O porquinho recebeu os irmãos com um olhar de reprovação e de pena que só um parente bem-sucedido pode proporcionar.

– Recomponham-se! – ordenou para os caçulas que já tendo ruído as unhas, ruíam as mãos e os braços.

– Você não está entendendo... o Lobo Mau está querendo nos pegar!

– É, ele vai assoprar na gente!!!

– Aaaah! Agora, vocês estão com medo, né? Agora, não é mais engraçado, não é mesmo?

– Você precisa nos proteger! Perdemos tudo.

O porquinho mais velho deu uma volta pela sua sala, ficava na cobertura de um dos prédios do condomínio, pois achava que um general deveria ficar junto de seus homens. Olhava para o teto, reflexivo, austero, apreciando cada segundo de desespero de sua família. Fitou-os, sentados no sofá, e disse:

– Bem, irei ajudar vocês.

– YAAAYY!

– Mas com uma condição.

– O quê?

– Vocês sabem.

Os dois pareceram murchar desanimados. Trocaram olhares. Balançaram o ombro. Com a voz de um sobrepondo-se a do outro, pronunciaram a fala esperada:

– Nós pedimos desculpas, irmão, você estava certo desde o início. Foi idiotice construir qualquer coisa com palha e madeira. Você é muito mais esperto do que nós, bebezinhos.

Não houve tempo para o porquinho mais velho se deliciar com sua vitória. Mal o ponto se fez final, o interfone tocou. Ele correu para atender.

– Quem é?

– É o Lobo Mau!

– Ah... humm... espere um instantinho – abaixou o interfone um instante e se voltou para os outros. – É o Lobo Mau.

Em resposta, eles tremeram. O irmão mais velho colocou o interfone no ouvido e apertou a tecla do viva-voz.

– Pode falar. O que você quer?

– Bem, eu queria pedir desculpas.

– Sei sei, conta outra. Conheço essa, aposto que deve também estar com uma cesta de guloseimas e, com o pretexto de subir aqui para nos entregar, pretende nos fazer de jantar e depois derrubar todo o prédio.

– Derrubar?! Nunca faria uma coisa dessas! – assegurou o Lobo Mau. – Foi um acidente.

– Pois você vai ver o acidente que a minha segurança vai fazer com sua cara. – disse o porquinho, cheio da coragem que vem da certeza de se estar distante de seu inimigo.

– Quê?! Tá bem, tá bem.... Já estou indo.

Mas os porquinhos não acreditaram em suas palavras. Provavelmente ele ainda estava lá, no escuro da noite, esperando uma abertura qualquer para atacá-los. Não era hora para relaxarem. Havia um sistema de câmeras de segurança em todo condomínio ao qual o porquinho mais velho tinha acesso 24 horas. Ali teriam como saber o que aprontava o malandro. As imagens, contudo, cortaram suas expectativas. Ele já estava próximo do portão que dava para rua e não parecia arquitetar nenhum plano. De cabeça baixa e mãos nos bolsos, parecia arrasado, quase digno de pena. O portão se abriu e ele finalmente foi embora.

Braços se ergueram aos céus junto de "vivas", "hipe--hipe-urras" e outras coisas constrangedoras que animais falantes gritam quando entusiasmados. Tentaram até jogar o porquinho mais velho para o alto, mas, devido ao seu peso, a tarefa se provou um tanto complicada e a coisa foi resumida a alguns tapinhas nas costas.

O condomínio, livre de ameaças, iria crescer. Os três ficariam mais ricos do que nunca e uma lição havia sido aprendida. O porquinho mais velho achou que era o momento ideal para se terminar a história, por isso olhou para a câmera e disse, gaguejando:

– I-i-isso é-éé tu-tudo, p-pessoal!

Logo após, foi processado pela Warner Brothers por ferir direitos autorais. Perdeu a grana, a imobiliária e foi parar na rua com os irmãos que tiveram de vender o lombinho para sobreviver.

Colegas de quarto

O cérebro lia sentado na mesa perto da janela, enquanto o coração se refestelava no sofá. De repente, este se levantou do seu canto, exaltado.

– Devíamos ir até aquela lanchonete, sabe? – disse o coração.

– Hum?... – murmurou o outro, sem dar muita prosa.

– Aquela que tem a menina simpática. Devíamos ir lá e nos declarar para ela.

O cérebro desviou o olhar do livro e voltou brevemente a atenção para o coração.

– Não, não devemos. Estamos lendo.

– Pfff – reclamou o coração. - É só isso que você sabe fazer?

Não houve respostas. O cérebro continuava firme e forte na leitura.

Irritado, o coração sentou-se de maneira bastante agressiva, esfregando-se ruidosamente no couro, para demonstrar o seu descontentamento.

Não funcionou.

Pegou uma almofada e, a pretexto de afofá-la, bateu-a

furiosamente contra o sofá.

Não funcionou tampouco.

Levantou-se, deu a volta pela sala e parou atrás do cérebro, entretido em sua leitura. Encostou-se bem perto da massa cinzenta e AAAAAAAAAAAHHHH!, gritou.

O livro foi de encontro ao teto ao mesmo tempo em que o dono teve um momento íntimo com o chão. Os neurônios retraídos de raiva se voltaram para o coração. Soltando faíscas de eletricidade, o cérebro bufou:

– QUE FOI ISSO?

– Mmm... Acabei de ter uma ideia...

O cérebro franziu a testa de uma maneira única que só cérebros sabem fazer.

– Vou me arrepender, mas... – ele hesitou - que tipo de ideia?

– Ok! – animou-se o coração. – Nós aparecemos em frente à lanchonete com uma banda e cantamos o nosso amor infinito aos quatro ventos!

– Isso não vai funcionar.

– Claro que vai! Ela vai ser a mãe de nossos filhos! – profetizou o coração, abrindo a janela num gesto apoteótico. Passarinhos cantaram e ele começou a retumbar de maneira sonhadora sob a luz dourada da manhã.

– Ah claro... como a Roberta, né?

O coração parou de bater e uma gota de sangue escorreu lentamente pelo miocárdio. A luz dourada foi embora, começou a chover.

– A Ro...Roberta?

– Exatamente – confirmou o cérebro num sorriso malicioso. Isso lhe daria um pouco de bom senso.

– Roberta? O nosso amor que nos abandonou?

– Essa mesmo.

– Mas... mas... mas.. ROBERTAAAAAAA!! – gritou o coração em pranto; gotas de sangue se transformavam em hemorragias.

– Ei... – chamou o cérebro arrependido – não faça isso, não fique assim...

– POR QUÊ... POR QUE VOCÊ NOS DEIXOU??

O coração tentava se afogar na própria poça de sangue, enquanto desesperado seu companheiro tentava puxá-lo.

– Não faça isso – pediu o cérebro, prendendo o choro. – Você sabe que quando eu vejo um órgão chorando, eu me emociono. Olha, prometo que nós vamos nos encontrar com a moça da lanchonete novamente.

– Verdade?

– Verdade.

O pedaço de músculo involuntário bateu novamente, chegando a saltitar, flutuar e até dar alguns mortais invertidos. O cérebro suspirou.

– Por que nós sempre temos que fazer o que você quer?

– Ah, por favor! Todo mundo sabe que você controla as funções do organismo. Não seja hipócrita.

– Que seja...

Anacrônico

Seu Afonso atravessou a rua e acabou indo parar em outro mundo.

Da década de 70 para os longínquos anos de 2010, se encontrava perdido em plena bagunça do subúrbio, com poeira subindo para todo lado. É claro que ele não fazia ideia de tal proeza, mesmo sendo militar de alta patente, e diga-se de passagem, um general! Havia coisas que não se podia controlar por mais que você as colocasse no pau de arara. O transporte no espaço-tempo parecia ser uma delas.

O mundo no qual agora habitava remetia ao seu próprio, isto visto à distância. De perto, era a imagem do apocalipse. Mulheres desacompanhadas andavam seminuas pelas ruas, homens diziam o que queriam sem checar com o soldado mais próximo se estava de acordo, jornais estampavam uma série de baboseiras e um garoto negro maltrapilho vinha na cara de pau falar com ele:

– Me dá um dinheiro aí, moço, pra comprar um salgado?...

– Dinheiro?

Enquanto os olhos iam do rosto do garoto para a mão estendida, veio-lhe a única explicação para aquilo, como um alarme soando dentro de sua cabeça – os comunistas invadiram o Brasil!

– O inimigo! – gritou ele se afastando do garoto, fazendo o sinal da cruz. Apalpou os bolsos a procura da arma que sempre deixava preparada, mas não a encontrou.

– Qual é, tio?! Não precisa dar dinheiro se não quer não.

– Você não vai me pegar, comunista!

– Ô merda, vão pensar que to tentando roubar o senhor!

O moleque saiu andando ao perceber que algumas pessoas em volta começaram interrogar a cena com o olhar. Ficaram mais surpresas ainda quando o velho deu a correr desajeitado, parando aqui e ali para tomar fôlego. Era necessário que Seu Afonso entrasse em contato com as forças de resistência.

Mas como? Em quem confiar? Os telefones podiam estar grampeados, espiões podiam estar por todo lado, e a polícia? Rá! Prenderiam-no e o serviriam numa bandeja com uma maçã na boca para os malditos russos! O jeito era declarar guerra! Se um homem de bem se colocasse contra o regime, outros logo se reuniriam a ele. Talvez pudessem encher os jornais com ordens de disciplina disfarçadas como exaltações ao presidente operário, ou pichar prédios com dizeres “Abaixo aos direitos civis”, “Liberdade só para alguns”.

Estava prestes a atacar um jovem barbudo, que passava com a camisa do Che Guevara, tendo a ousadia ainda por cima de comer sanduíche vegetariano. No meio do bote, um homem de meia-idade o segurou pelo ombro.

– Pai, não some assim – disse o homem, entre a súplica e o nervosismo. O velho o encarou com estranhamento. Era verdade que tinha um filho, mas de 5 anos, o Medicizinho. Não havia como aquele homem já feito ser o seu garoto. Além do mais, o diabo do sujeito vestia rosa. Rosa!

– Me solte! Ou irei mandá-lo para prisão! Sabe quem eu sou?! General Afonso!

– Olha, pai... lamento te informar, mas você não pode mandar ninguém para a prisão.

– Não me chame de pai!

O velho tentou acertar alguns golpes de caratê no seu interlocutor, sem muito êxito. Os ataques aos poucos deram lugar à tosse e a exaustão, o coração era um barulhento motor antigo que não conseguia fazer a carcaça sair do lugar. Para Seu Afonso, a briga parecia perdida.

– O senhor só está confuso, por que não tomou o remédio para memória?

– Eu não... eu não entendo.

A mão do homem pousou gentilmente nas costas de Seu Afonso.

– Vamos para casa. – disse o filho, guiando o pai, agora frágil e cansado. – Quando a gente chegar, eu prometo que vamos dar um jeito de livrar o país dos comunistas.

– E das mulheres independentes? – disse o general, pensando numa mulher de biquíni que nunca deu mole para as suas cantadas.

– Sim. Delas também.

– Está bem então.

Os dois atravessaram a rua e Seu Afonso já não ouvia mais o som dos automóveis, das músicas subversivas, nem da conversa de um panfletista que o abordou para lhe dar o panfleto de um dos candidatos da próxima eleição. Não estava mais ali. Marchava fardado numa rua onde todos sorriam e o reverenciavam, um pedaço da década de 70 perdido no século XXI.

Família Futurista

Essa história se passa num futuro distante, quando as pessoas tinham coisas mais importantes para fazer do que contar os anos.

A Família Pling7Pow estava reunida em volta da mesa flutuante. Alguns presentes em carne e acessórios biônicos, outros como hologramas. Todos estavam com um copo plástico na mão, ainda a melhor tecnologia para quem quer dar uma festa e não quer ter trabalho de limpar depois. Na conversa, o assunto preferido era política:

– Esse nova República Galáctica é uma besteira! A única diferença de um candidato para o outro é o número de membros e o tipo de reprodução assexuada.

Um velhinho carrancudo ligado a uma série de aparelhos apertou um botão. Alguns segundos depois um robô em roupa de mordomo veio dizer em seu lugar:

– Preferia muito mais o Império. Você pode confiar num governo que tem um homem de capacete e com espada laser para fazer a diplomacia.

– Pois sou mais aquele bonitão, o Collor – disparou o holograma de Dona Esteves, segurando o seu vigésimo

contêiner de cerveja feita a partir de fusão nuclear dos levedos.

Ninguém prestou atenção. Primeiro, porque Dona Esteves nunca falava nada de importante e, depois, porque havia chegado na festa algo mais chamativo. Lucinha acabara de pousar, numa motonave esportiva, junta de seu novo namorado. A matriarca pegou os óculos para observar melhor a cena. Não que ela precisasse. Ninguém mais tinha problema de vistas, mas é sempre de bom tom ter um par de óculos por perto para poder esnobar alguém.

– Lucinha, vejo que chegou um tanto atrasada – disse a matriarca – Acho que seu motorista está esperando a gorjeta para ser dispensado.

– Ora, mãe, por favor! Esse é o meu namorado – puxou o constrangido rapaz pelo braço. – O nome dele é Quartz.

Um burburinho se agitou pela mesa. Ironias foram trocadas de um lado a outro e rapidamente se levantou informações dos pretendentes anteriores para uma condenação justa àquele novo namoro. A matriarca pediu para um dos robôs trazer seus remédios para pressão. Já o patriarca, sentindo que a festa estava ameaçada, decidiu tomar providência rápida e discreta.

– Lucinha, preciso falar a sós com você.

– Pai, se tem algo que queira falar comigo pode falar aqui para o Quartz ouvir também.

– Mas, minha filha não vê que isso é uma festa de família. O seu colega se sentiria... hum... deslocado.

– Ele não é meu colega! É o meu namorado, já disse!

Lucinha agarrou Quartz, dando-lhe um beijo na boca, ou pelo menos no que achava ser a boca. Os diversos queixos presentes caíram. Todos metaforicamente; com exceção do velho fã do Império, sua carranca biônica realmente havia caído. A mãe de Lucinha se levantou em verdadeira explosão.

– Minha filha, não vê que ele é... – pensou um pouco. –Verdinho!

– E daí? Vocês são muito preconceituosos mesmo!

– Ele nem é da sua espécie!

Dona Esteves falou para quem queria ouvir que não via nenhum problema nisso. Uma vez namorou por sete meses um planeta gatinho que conheceu num cruzeiro intergaláctico e tinha sido ótimo. O único problema era que sua atmosfera era meio tóxica e ele tinha muitos satélites para cuidar. Era muito compromisso! Dona Esteves continuou falando até que alguém abaixou o volume de seu holograma.

– Isso é problema meu! – retrucou Lucinha. – Tenho certeza que nós podemos ultrapassar a diferença com o nosso amor, não é mesmo, Quartz?

Quartz soltou um gargarejo que era a forma de comunicação comum a sua espécie. Lucinha o abraçou, comovida, enquanto os familiares dividiam olhares inseguros. Algumas pessoas já anunciavam a sua partida. "Opa, olha a hora! O tempo passa rápido", diziam, levantando-se. Mas todos sabiam que isso não era bem verdade, já

que, devido aos danos no espaço-tempo causados pelos primeiros desbravadores da quarta dimensão, tornou-se comum se ver em uma espécie de câmera lenta de vez em quando, o que tornava acidentes de automóveis um tanto mais cômicos. Também eram comuns os saltos no tempo tanto para o futuro como para o passado, o que de fato havia ocorrido. Todos estavam trinta segundos no passado, no colo dos seus antigos "eus", o que tornou a situação toda mais constrangedora. O pai decidiu tomar uma medida drástica. O pai do passado também.

– De hoje em diante está sem mesada, mocinha! Pode namorar à vontade, mas às suas custas!

– É assim agora? Será que não dá para chegar a um acordo civilizado?!

– Não!

Com um disparo rápido e fulminante de sua arma desintegradora, Quartz reduziu os dois patriarcas num monte de pó e depois soltou um vitorioso gargarejo. Todos automaticamente sentaram em suas cadeiras e brindaram com os copos de plástico.

– Bem-vindo à família!

Falsas utopias

Espantado, Amaro se viu sendo transportado não no espaço, mas no tempo, pela maravilhosa máquina do Dr. Tribérios. Olhando pela janela o mundo a se metamorfosear num piscar de olhos, ele se perguntava que futuro veria, sonhando com robôs e carros voadores.

Quando o cenário se estabeleceu no interior de uma sala, abriu a porta de uma vez, pronto para saudar o amanhã. O que viu foi uma sala, não muito diferente da sua, com sofás cobertos por tecidos floridos onde seu pai e sua mãe costumavam sentar-se e ler jornal ou assistir o que quer que passasse na TV. E de fato havia um velho sentado lendo um jornal, e na TV, que nem 3D era, passava uma reprise do Chaves. Devia estar louco, se apoiou numa mesinha colada à parede, decorada com um tosco jarro de flores secas. O homem, percebendo sua presença, dobrou o jornal e lhe deu um olá.

Amaro voltou para a máquina do tempo, fechou a porta e desapareceu numa espécie de implosão, em que a matéria foi se dobrando igual papel até desaparecer por entre a quarta dimensão deixando menos que fumaça

como resíduo.

Tivesse ficado um pouco mais, saberia que teve o azar de cair numa ala do Museu de História, onde havia sido recriado com detalhes uma sala do início do século XXI, e o velho era nada mais que um dos curadores da exposição.

Nunca mais Amaro quis saber do que viria, e preferiu deixar os limites do espaço-tempo bem acortinados pelas horas do relógio da rotina. E, como os instantes seguintes o levariam sempre a mais do mesmo, o passado subiu em seu conceito: épocas em que se vivia diferente, quando a vida era acometida por revoluções, quando as coisas aconteciam. Amaro quis viver no passado.

Epitáfio reticente

Muitas pessoas naquele enterro estavam tristes: a mãe desconsolada em cima do caixão, a senhora ao lado tão dopada que parecia uma estátua, e a namorada de olhos vermelhos e cabelos mais vermelhos ainda. Muitas pessoas, menos Tiago. Não que odiasse o defunto; era só porque este era o namorado da garota ruiva ao lado. Melhor: ex-namorado.

– Vai ficar tudo bem – falou, dando um abraço na garota.

A morte trazia em si a renovação e, ainda que não fosse religioso, Tiago estava vivo e pronto para colher os frutos. Cuidou da ruiva, que convém chamarmos Alessandra e lhe preparou um jantar, do qual se seguiram outros jantares, até finalmente uma ideia se perpetuar no coração da jovem. Muito tempo havia se passado, a memória é fraca, a carne também. Então, ela se perguntou, Tiago, por que não?

Foram os dois para mais um jantar, agora com intuito diferente do que o de relembrar fantasmas.

– Sabe, Tiago... – disse Alessandra, pousando a mão sobre a do outro – Você tem sido muito bom para mim.

Os olhos de Tiago estavam amarrados ao dela, de forma que não percebeu que errava a boca, derramando o chope em sua camisa.

– Tiago? Tá caindo cerveja em cima de você.

As palavras desfizeram o feitiço e Tiago se pôs a se limpar com um guardanapo. Secar a roupa com um guardanapo encharcado se mostrava uma tarefa difícil, por isso pegou logo o pano de mesa derrubando o que estava em cima numa orquestra desagradável de sons, angariando críticas do público à volta.

– Ops, desculpa.

Alessandra murmurou que não era nada enquanto tentava dar um jeito na bagunça. Comida, garfos, copos em seus devidos lugares, a conversa procurou retomar o caminho.

– Então... você tem estado do meu lado sempre. Ninguém fez isso por mim.

– Ah que isso, querida, eu nunca tenho nada para fazer nos sábados... e domingos... segundas...

– Eu sei que você não ficou comigo só por amizade.

Era como se alguém tivesse surpreendido o mágico atrás de uma cortina no meio do truque de desaparecer.

– Como assim? – ele disse, tentando enfiar de volta os coelhos que insistiam em pular da cartola.

Um pequeno sorriso correu pelos lábios de Alessandra. Tinha o controle e estava se divertindo.

– Nenhum homem passa tanto tempo assim com uma mulher sem estar pensando em sexo.

– Bem, quer dizer ... eu nunca ... os meus sentimentos ... não... eu...

O sorriso continuava a lhe encarar. No bar algumas pessoas se reuniam num burburinho em volta da televisão. Pareciam agitadas, mas Tiago não podia se importar menos com o mundo do que naquele instante.

– Ok ok! Eu gosto de você, sempre gostei. E adoraria ficar com você. – disse ele, extremamente aliviado e certo de que voltaria para casa, sozinho.

– Está bem.

– Você disse está bem?

– Sim.

Pensou em perguntar "tem certeza", mas repensou e achou melhor não dar tempo para raciocínios elaborados. Meio sem jeito devido à falta de prática, Tiago fechou os olhos e preparou-se para o beijo. A mente se perdeu numa engenharia de cálculos e fórmulas de como deveria proceder na situação. Usava a língua? E se usasse, até onde seriam os limites da exploração? E os braços, o que fazer com eles, seria exagerado abraçá-la? Isso era considerado abuso sexual num tribunal? Demorou um tempo até perceber, do escuro de seus olhos, que seu beijo naufragava no espaço, sem encontrar destino. Temeu abrir os olhos. Medo de encontrar a cadeira de Alessandra vazia e ter somente como companhia a conta do restaurante. Sentiu que não havia escolha e os abriu. O que viu foi pior do que imaginara. Alessandra não havia fugido. Pelo contrário, parecia petrificada em seu lugar, a boca ligeiramente

aberta no meio de uma interjeição perdida dentro da garganta. Alguma coisa em Tiago a deixara em choque. Talvez a herpes o tivesse atacado. Mas, merda, tinha tomado os malditos remédios. Desejou ter um balde para colocar sobre o rosto deformado.

– Olha, não é tão contagioso assim como todo mundo fala – disse em desespero. – E daqui a pouco some. A gente pode só conversar. Não é nada de mais!

Porém, Alessandra permanecia silente. Seu único gesto foi levantar a mão e apontar para algum lugar atrás de Tiago. Um frio na barriga o tomou, a sensação de estar caindo. Era isso, ela quer que eu vá embora. Não disse nada. Se levantou, deixando as esperanças, carregando a rejeição. Talvez se tivesse reparado nos gritos e na baderna que ocorria ao redor, Tiago teria antevisto o que iria lhe acontecer. Mas o que importa mais do que o amor? Respondo: A porra de um zumbi com pupilas esbranquiçadas, pele cinza e carne comida por vermes. Tiago encarou o morto, certo de que seu pior pesadelo havia se tornado realidade.

– Acho que o que ela está tentando dizer é que o namorado dela acabou de chegar. – falou o morto, a mandíbula se movendo em ângulos tortos e impossíveis.

Tiago achou a situação ruim o bastante sem que ele vomitasse. Por isso, prendeu a respiração e se esforçou bastante.

– Gustavo, é você mesmo? – falou finalmente Alessandra, saindo do seu torpor.

– Oi, gata! Como vai?

– A-a g-gente só tava jantando – cubos de gelos haviam substituído o corpo de Tiago e sua voz saía com dificuldade sob as tremedeiras. – C-coisa boba... de amigo.

– CALABOCA! Será que um homem não pode descansar em paz, sem que um monte de safado corra atrás da namorada?

E um homem não pode correr atrás de uma viúva em paz sem que o morto venha encher o saco? pensou Tiago.

– Mas, Gustavo, como isso aconteceu?

– Não lembro muito bem. Uma hora eu estava no hospital, agora tô aqui. Em carne e osso, vendo minha mulher com outro.

– Mais osso do que carne... – murmurou Tiago.

– O que você disse?

– Que acho que está na hora de eu sair.

– Bom!

– Ninguém vai sair daqui! – ordenou Alessandra – Os dois: sentados!

Aquilo era complicado. Alessandra massageou a fronte. Nenhuma revista feminina preparava você para isso. O seu ex voltou do além e diz ser um homem novo? Veja as dicas de nossos colunistas.

O morto-vivo encarou Tiago, que procurou afastar a sua cadeira o máximo possível, deixando o casal mais próximo. Olhando os dois, sentiu um amargor na boca. Ficou com dúvida se era melancolia ou enjoo.

– Gata, olha, eu sei que você se sentiu sozinha, mas agora não precisa perder tempo com esse otário. – falou Gustavo, segurando a mão dela. – Eu sinto falta de você.

Para surpresa de Tiago, ela acariciou a mão decrépita.

– Eu também sinto muita falta de você.

Ser comido pelo namorado zumbi da garota que você gosta era ruim, mas ficar assistindo os dois reatarem na sua frente era pior. Era a versão gótica do professor Girafales e da dona Florinda, com uma marcha fúnebre no lugar do tema de "O vento levou". O medo deu lugar ao ciúme e Tiago não pôde se segurar.

– Mas ele está se decompondo! Pelo amor de Deus, é anti-higiênico!

A bravura do homem durou até Gustavo rugir e lhe ameaçar comer os miolos, sem autorização. Tiago foi para trás da cadeira e a usou como escudo.

– Eu já disse pros dois parar! Gustavo, não quero te ver falando assim com o Tiago. Eu gosto dele!

– Gosta? — perguntaram os dois pretendentes.

– Gosto dos dois!

– Como assim? Esse cara é um frangote!

– Posso ser um frangote, mas a pergunta é, na cama, será que os mortos levantam?

– O que você quer dizer?

– Você sabe o que eu quero dizer. Já viu em algum filme um zumbi satisfazer uma mulher?

Os olhos de Alessandra se voltaram interrogativos para Gustavo. Se ele ainda tivesse glândulas sudoríparas estaria

suando de nervoso agora. Ficou ajoelhado diante dela.

– Alessandra, eu te juro, posso fazer qualquer coisa que um homem pode fazer!

– Menos respirar.

– Cala boca.

– E dar filhos...

– Escuta, eu... eu... – em vida, Gustavo não fora bom com palavras e sentimentos. O mais perto de eu te amo que chegou foi: Tá bom, a gente conversa antes de transar. Agora que uma pós-vida solitária parecia se estender a sua frente, via-se mais do que nunca precisando provar seu amor. – Eu arrancaria o meu coração e daria a você se precisar.

Zumbis e vítimas aterrorizadas esqueceram suas diferenças por instante e se uniram num coro comovido. Um longo e adocicado Ó. Lágrimas rolaram do rosto de Alessandra e até Tiago tinha que dar crédito. Aquela cantada toma um outro sentido quando a pessoa realmente pode arrancar o próprio coração.

A batalha parecia perdida de vez, quando Alessandra disse:

– Desculpa, mas, ou nós ficamos os três juntos ou eu saio daqui sozinha.

Houve um confronto no silêncio que se seguiu. Uma quebra de braço cognitiva, na qual todas alternativas eram avaliadas. O ex-morto foi o primeiro a ceder. Voltar do túmulo não era tão complicado quanto os desejos femininos.

– Se assim tem que ser...

– Tiago?

– Vocês estão de sacanagem, né?! Só pode! Olha, se você quer ficar com um defunto, tudo bem. Mas eu tenho autoestima. Não vou me rebaixar a esse tanto. Tem muita mulher disponível, sem namorado zumbi por perto, pra mim. De jeito nenhum. Divirtam-se os dois!

Debaixo do lençol, Alessandra soltou um longo suspiro. O corpo afundava no colchão macio, ainda entorpecido pelo orgasmo. Olhou para Gustavo, o seu namorado zumbi, à sua direita. Ele tinha o sorriso tão largo que deixava à mostra parte do crânio.

– Nossa, são tantas novas posições!

– É... – ele riu – Os mortos levantam finalmente!

– Você também foi ótimo! – disse ela, virando-se para a esquerda, onde Tiago se encontrava encolhido como uma camponesa recém-desflorada.

– Tem algo apertando a minha bunda... – ele noticiou, sem ousar ver o que estava oculto nas profundezas dos lençóis.

Houve um silêncio enquanto o zumbi checava o braço.

– Ops... acho que o meu braço deve ter caído no meio do...

Tiago fechou os olhos, abriu-os de novo, lamentou sua vida em silêncio, e se remexeu na cama. Das suas remexidas trouxe à tona um braço descarnado na altura do

ombro.

– Aqui está.

O braço trocou de mãos por sobre Alessandra e foi novamente reposto ao lugar biologicamente de direito. A moça se ergueu um pouco, apoiada nos cotovelos e encarou um homem, depois o outro.

– Então... – disse, os lábios vermelhos arqueados pela malícia – Vamos para o segundo tempo?

Tiago pegou uma garrafinha prateada com um pouco de uísque misturado com muita cachaça e bebeu um gole. Alessandra se esticou até o abajur em cima de um criado-mudo e puxou uma cordinha que balançava ao lado da lâmpada. Houve um click e a luz se apagou.

Frase de efeito

A íris do olho. O breu da culatra. Um policial, do porte de uma montanha com escarpas musculosas por todo lugar, apontava uma espingarda para outro homem, este muito menor e mais tenso. O silêncio esperava pelo estalo do gatilho e o vindouro estouro do projétil sendo lançado contra o crânio.

– O que está esperando? – perguntou o homem diante da mira, seus olhos ora na arma, ora no rosto de quem a manejava.

– Eu não consigo pensar em nenhuma frase.

– Como?

– Sabe, todo cara durão tem que dizer uma frase de efeito no final...

O esforço do pensamento manifestava-se no rosto do tira, uma expressão facial no estilo “algo está para sair de um dos meus orifícios”. O bandido tamborilou os dedos, o terror da morte tornando-se o tédio de um encontro às cegas desagradável. A diferença era o inconveniente de não poder inventar um compromisso de última hora para escapar.

– De repente, a gente pode marcar isso para outro dia. Para você ter mais tempo para pensar – testou o bandido, erguendo-se lentamente. – Afinal, não quero que a minha morte seja um problema para você.

Quando as pernas se esticaram e ele estava praticamente em pé, houve um movimento rápido da mão do policial e um tiro atingiu o chão, a dez centímetros de seu dedo.

– Pro chão! – gritou o policial.

Ao chão o bandido se jogou. Sentiu o cheiro de pólvora e não gostou nada.

– Eu posso descobrir a frase, tá legal?! Só tô com um... bloqueio – disse o homem atrás da espingarda. Ele costumava ser bom nisso. Fazia verdadeiros haicais. Uma vez ao impedir um assalto com uma bazuca, soltou uma frase que fez as pessoas em volta o ovacionarem com gritos. Está certo que algumas só gritavam por terem sido atingidas pela explosão, mas não tirava o mérito.

– Imagino que deve ser muita pressão... – debochou o bandido.

– Não faz ideia. As pessoas acham que o trabalho de policial é só matar, mas há uma arte nisso!

– E prisões de vez em quando, né?

– Eu não posso – continuou o pacificador, ignorando-o – só chegar e dar um tiro na pessoa. Isso seria fácil.

– Você poderia ler os meus direitos, como, por exemplo, direito a um advogado.

– Nah – rejeitou o policial, dando de ombros. - Seria politicamente correto demais. Não tem apelo, sabe.

– Que tal: sua mãe é uma vagabunda?

– Não...

– Piranha?

– Não, essa não.

– Olha se a gente vai passar a noite inteira aqui, a gente podia pedir algo para comer.

– ISSO!

Uma lâmpada acendeu na cabeça do bombado oficial da lei. Lâmpada incandescente que gasta bastante energia para aguentar passar informação por todos os pontos até o pico da montanha. Estava criando.

– Repete o que disse?

– Eu só tava dizendo, são 8 horas da noite, bem que podíamos comer...

– Que tal um pouco de pólvora para o jantar, filho da puta?

Não houve tempo para o bandido dar a sua crítica. A frase veio ao fim, cunhada de sangue. Mas se pudesse dizer algo seria: “Pelo menos vou ter uma piada para contar no outro mundo.”

O policial soprou a espingarda. Qual arte seria melhor do que aquela que mata o próprio crítico?

O presente para quem é?

Pai e filho entraram na livraria, o que era bastante estranho já que havia um bordel na frente muito mais instrutivo. O filho olhava meio avoado, perdido no conjunto de livros. Já o pai foi direto ao ponto, uma estante com livros volumosos de fotografia e arte. Na aba seguiu o menino. Ele contornou uma mesa e esbarrou em algo que lhe chamou a atenção. Nada mais nada menos do que a seção de desenho animado. Com DVDs que continham a promessa de diversão e de cenas exoticamente violentas, necessárias para o desenvolvimento saudável de uma criança. Pegou o de uma série japonesa – dessas de olhos grandes que fazem sucesso entre os pequenos e nem tão pequenos – e mostrou ao pai, que ainda admirava a estante de livros volumosos.

– Papai! Papai! Olha aqui!

– Pelo amor de Deus! – o pai desviou o olhar, analisando o DVD como se fosse um bicho morto – Isso é o pior dos desenhos japoneses! É horrível! Tire-o de minha frente.

O garoto olhou para o que tinha em mãos para ver se tinha pego algo do Barney, o Dinossauro. Não entendia

como um desenho de piratas com poderes mágicos poderia ser horrível.

– Por que é horrível?

O pai, que era muito culto, respondeu:

– Porque é! Procura algo melhor, vai!

O que ele quis dizer é procure algo que eu aprove, mas o garoto era novo demais para entender tais artimanhas paternas.

– Não é horrível... – resmungou o menino.

– Estou vendo coisa importante aqui, filho!

O garoto remexeu na caixa em que estavam as outras animações e retornou com alguns clássicos da Disney com pato Donald, Mickey e o resto da turma. Puxou a manga da camisa do pai, que naquele instante aprovava com um aceno de cabeça uma fotografia em preto e branco. Com uma veia pulsando em cima do olho, ele se voltou para o filho.

– Que é agora?

– Pai, posso comprar esse?

O homem arrancou a caixa de suas mãos e a colocou diante da luz. Um cientista analisando uma experiência malfeita. Seus lábios lentamente se contraíram até formarem um gancho odioso em seu rosto.

– Disney? Animaizinhos? – ele falou ou cuspiu, voltando-se ora pro garoto, ora pra capa . – Isso é desenho pra crianças! Quantos anos você tem, 8 anos?!

– 9 anos. – O garoto se encolheu, encostando-se na mesa. – Mas é um clássico da animação...

– Um clássico da animação?! – o pai aproximou a cabeça, esticando o pescoço. – Um clássico?! – esticou mais ainda. – Um clássico é a porra do Michelangelo! A sua mãe não te deu o remédio pra hiperatividade hoje não? Você não para de falar!

– Então, onde tem essa animação do Michelangelo?

O pai pressionou as têmporas e tomou fôlego. O garoto se perguntou se era sábio dizer que não tinha mais vontade de comprar nada.

– Sabe, escolha o que quiser, tá. Ali, do outro lado, tem uma monte de coisa legal. Vai lá ver, vai.

– Tá bom.

O outro lado era a estante de antropologia, e o garoto achou que seria difícil encontrar algo remotamente divertido. Só os títulos sozinhos eram maiores do que muitos livros que ele já tinha lido. Pegou um com um índio na capa.

– A identidade indígena: um estudo sobre nossas origens relegadas?

Esperava encontrar massacres, guerras, índios lançando flechas em seus inimigos e principalmente canibalismo. Que nada. O máximo de exótico encontrado foram umas índias com os peitos parecendo a sua bola de futebol furada. O garoto pensou sinceramente que, se fosse um índio, ficaria muito irritado com quem escreveu essas coisas.

– E aí, escolheu o que vai levar? – perguntou o pai.

– Hum... Acho que sim – disse o garoto, fechando o livro.

O rosto paterno parecia muito mais tranquilo agora. Na verdade, se prestasse muita atenção no tom de voz, posição dos ombros, pernas e braços, e, se você conseguisse ver sua aura, notaria que o homem se encontrava sem jeito e arrependido, porém sem a menor vontade de pedir desculpas a uma criança.

– Bem. Eu... Talvez eu tenha sido um pouco duro. Hum... Afinal... Então, eu comprei algo que você deve gostar.

Houve um baque quando o livro que o garoto jogou para o alto caiu no chão. Danem-se os índios carentes, viva aos piratas assassinos! O garoto abriu as mãos e o sorriso, a espera do presente escondido pelas costas do pai. A caixa foi aparecendo lentamente, saindo de trás da silhueta paterna como um sol eclipsado, até que finalmente parou nas mãos do filho, e era:

– Uma coletânea de animações abstratas soviéticas...– ele leu. A fala quase não teve força para sair, os últimos fonemas caíram ao chão, sem onde se sustentarem.

As cores se perderam. O seu ânimo puxou o freio de mão para não bater de cara com um muro. Agora estava perdido na estrada da decepção. E algum idiota parou com um carro conversível e perguntou:

– E aí? Gostou, né filhão?

Teve vontade de fazer birra. Gritar. Cantar uma música punk sobre como os velhos fedem e como destruir o sistema seria um bom passatempo. Em vez disso, falou:

– É. Legal...

Os dois saíram da livraria com as compras em suas sacolas. Anos se passaram e o garoto, muito mais velho, voltou àquele lugar com o seu próprio descendente à tira-colo. Agora, havia muitos computadores aqui e ali, mas em geral continuava a mesma loja. Lembrando-se de sua infância e querendo ser um pai melhor, mais próximo, comprou para o garoto toda uma coleção de desenhos violentos, engraçados e pouco educativos. O garoto o olhou desanimado. Queria mesmo era um holograma da Lua para pôr no quarto.

Depois de 30 anos morando na mesma casa, família se encontra pela primeira vez

Aconteceu na tarde de ontem, na casa dos Sousa e Lima em Copacabana, quando assaltantes invadiram o local. Os membros da família, Anderson, 60 anos; sua mulher, Maria, 58 anos, e seus dois filhos, foram abordados cada um em seu aposento e levados ao banheiro, onde, incrédulos, encontraram-se como estranhos que ficam presos no elevador.

"A primeira coisa que eu fiz quando vi minha mulher e meus filhos foi tentar acertá-los com uma vassoura", diz Anderson dando um riso junto dos seus filhos. "Pensei que fossem bandidos também". O filho mais velhos mostra a cicatriz onde a vassoura lhe acertou em cheio e adiciona, "Até ontem eu pensava que havia nascido no quarto sozinho como um messias, mas fico feliz por ter um pai... E uma herança!"

Há trinta anos atrás Anderson e Maria se casaram após

se verem sem mais nada para fazer. Passaram um dia no mesmo quarto, mas após muitas brigas para ver quem ficava de qual lado da cama, decidiram cada um ir para um cômodo diferente da casa. Ao ser perguntado sobre como fora a gravidez, Maria respondeu, "Só lembro de ter pedido para a empregada arranjar um lugar melhor para guardar as crianças. Elas faziam muito barulho! Fico feliz em ver que eles se tornaram homens!"

Os assaltantes levaram boa parte dos objetos da família, mas Anderson de Sousa e Lima não pretende prestar queixa, "Estamos ocupados em nos conhecer e brigar."

Abandonando o ninho

Um trovão ribombou na casa dos Ferreiras, calando o silêncio da chuva e da mesa de jantar. Alexandre e Louise olhavam para o filho, Alfredinho, que brincava com a comida, catando tudo o que era verde e colocando no canto do prato.

– Vou te chamá de o Vegetal Assassino – falou o garoto para a comida, depois fazendo uma careta de nojo – Mãe, poque a gente não pode tê hambúgue po jantá?!!!

A mãe fechou os olhos. Por que ele come os *erres*? Por que ele precisa falar desse jeito, parando em cada sílaba como se fossem um maldito ponto de ônibus?

– É para a sua saúde.

– Essa coisa não paece muito saudável pa mim! Paece até a vovó, só que mais en-ugada.

– É enrugada, querido – sorriu maternalmente Louise, mesmo que seus pensamentos não fossem exatamente maternais.

O garoto franziu o rosto e voltou a levar a comida à boca, bem devagarzinho, como se a qualquer momento uma ervilha pudesse atacá-lo. O pai e a mãe dividiram

olhares e sentimentos por um instante. Eles não eram maus pais e não é como se eles não amassem o garoto... Não...

Eles o odiavam.

Alexandre remexeu-se em sua cadeira, trocando o peso do corpo de um lado para o outro.

– Menino... hum, filho. – essa palavra sempre lhe fora particularmente difícil de dizer. – Será que você poderia dar uma licencinha para o papai e a mamãe conversarem.

– É sobe o meu pesente de natal? O meu vídeo game novo?! O outo quebo depois que eu pisei em cima.

A mão de Alexandre segurou mais forte a faca ao lado do prato.

– Ahumm. V-vai pro quartinho agora vai.

– OBAAA!! Pesente, pesente! – O garoto levantou correndo, só parando para dizer – Ih fiz xixi nas calças!

Esperaram em seus lugares na sala, até que ouviram o barulho da porta se fechando depois dos corredores, e aí...

– MEU DEUS!! Será que ele não para nunca?! – desabafou Louise.

– Ninguém merece isso, Lu. O garoto é um monstro, tudo que podia dar errado deu nele! Ele passou escondido da seleção natural!

– E ele é feio! Tem certeza que ele é nosso filho? Eu desmaiei no parto, podiam ter trocado...

– Antes fosse. Nós dois fizemos o DNA, querida.

100% compatível.

– Merda!

O pai fez sinal para que Louise falasse mais baixo e os dois ficaram apreensivos, procurando sinais de que foram ouvidos. Louise se debruçou contra a mesa escondendo o rosto.

– Eu não aguento mais. – disse Louise - Daqui a pouco ele vai querer que eu leia uma história e ele fica sempre querendo saber detalhes tolos... – E aqui ela se esforçou para imitar a voz dele com o perigo de destruir as cordas vocais – "Qual é a cô da roupa dele, mamãe? Mas ele é desto? Que doces a chapeuzinho vemelho levava pa vovó?" Piff...

O suspiro de Louise ficou no ar se dissolvendo no desespero da situação. Estavam acuados, sem lugar para onde ir, presos aos laços mais antigos da humanidade: os de sangue. Alexandre se aproximou da janela.Observava a água escorrer pelo vidro, turvando o exterior. Tinha que haver alguma saída.

– E se... – disse ele. – Não não.... não daria certo.

Louise inclinou a cabeça para ele.

– O quê?

Ele foi em direção a ela, puxando uma cadeira e chegando o rosto bem próximo. Alguma coisa brilhava nos seus olhos, talvez fosse loucura, pensou Louise, o garoto finalmente o deixou louco depois de tantas vezes obrigando-o a assistir a "Bom dia e Companhia" .

– É meio tolo, mas – falou Alexandre – nós podería-

mos pedir algum tipo de divórcio ou emancipação do... da coisa.

Emancipação? Todos sabem que um filho pode se emancipar dos pais, era mais do que justo que os pais pudessem fazer o mesmo, afinal ninguém tem culpa de ter um filho chato. Sim! A justiça deveria garantir a felicidade deles, ou pelo menos a infelicidade de quem não pode pagar um bom advogado! E eles eram mais velhos, mais espertos. Quem o juiz ouviria no julgamento, dois adultos com nível superior, ou uma criancinha de 7 anos que não consegue nem pronunciar a porra do *erre*? Sim!

– SIM!! – gritou ela. – Isso pode dar certo!

Não demorou muito e logo arranjos foram feitos. Silenciosamente teceram planos sobre como proceder. Lembraram de um advogado famoso por defender uma companhia farmacêutica que vendia remédios falsos para dezenas de velhos, ele não só evitou um processo contra seus clientes, como ainda fez os velhinhos pagarem uma indenização à farmácia. O homem processaria Jesus, se esse reencarnasse de novo. Com tudo combinado era a vez de bater na porta do pequeno Alfredo e deixar os papéis de divórcio.

O garoto pensava que os papéis eram de alguma historinha, mas na verdade eram o fim das histórias.

– Vocês não podem fazê isso! Nãopodemnãopodemnãopodem! – contra-argumentou o menino, pulando em cima da cama.

– Olha vamos ser racionais quanto a isso, não? Quem

sabe nós ainda podemos ser amigos depois disso tudo – mentiram os pais.

Nada do que dissessem adiantou. O garoto gritou até sua voz se esvair num pequeno fio sonoro sem força. Foi um verdadeiro inferno até o dia do julgamento. Tiveram que ver os desenhos animados dele, comprar presentes que ele queria... Tudo junto com a conta do advogado acabou por enchê-los de dívida. Tentaram levar o menino para a casa de familiares, mas mal davam sinais de que iam aparecer e o povo saía pelas portas do fundo e se mandava. Uma tia de Alexandre, diagnosticada com artrite aguda nas pernas, e que para levantar era um épico, quando viu o menino na porta pôs-se a correr até o outro quarteirão. E correria mais, se não tivesse sido atropelada.

E adivinha quem teve que pagar a conta do hospital?

Todavia, tudo tem o seu tempo e o do julgamento uma hora chegou. O juiz não parecia muito confortável com a situação: uma criança dizendo que queria ficar com os pais de qualquer jeito, e os pais a repreendendo do outro lado da corte era no mínimo inusitado. Para não dizer cruel.

Porém, aí veio o advogado. Era diferente dos que costumavam cruzar o piso branco daquele grande salão. Não usava um terno caro e nem era todo garboso como os outros advogados. Mas na verdade o que chamava atenção era o jeito que parecia dizer, "ei, a estrela aqui é você, cara!" E depois de dar o seu argumento, foi difícil não se identificar. Começou assim:

– Boa tarde, meritíssimo! – falou ao levantar-se da mesa.

Tomou um gole de sua garrafa de água mineral e a ofereceu ao resto da corte. Seguiu-se uma série de "não obrigado", até que ele finalmente deixou a garrafa na mesa e deu alguns passos para diante do tribunal.

– Meritíssimo, eu poderia ficar aqui num papo sem fim aprendido em alguma aula de retórica. Mas todos temos nossos assuntos para cuidar e não queremos alongar essa situação triste. Então, eu gostaria de contar apenas uma história real.

– Prossiga – complementou o juiz, apenas para mostrar quem é que usava a peruca nessa festa.

A história, é claro falava sobre Alexandre e Louise e sobre os seus sonhos e como ter uma criança destruiu tudo. Contou da vergonha que sentiam do filho quando usava talheres errados nos almoços com amigos, contou sobre seu fracasso em tocar a 5º sinfonia de Bethoveen no violino, e do maior fracasso ainda como artilheiro da copa mundial de futebol infantil. O garoto não acrescentava nada às suas vidas, a não ser, literalmente, mais merda; o que ele fabricava a todo momento, fora outros resíduos que provavelmente deveriam ser estudados pela Nasa.

Então, por que cidadãos de bem como estes dois deveriam dedicar suas vidas a algo tão sem valor como esse garoto? O advogado, para deixar mais claro seu ponto de vista, chegou a se aproximar do menino e perguntar o que afinal tinha feito ele por aquele gentil casal. O menino respondeu com cara de choro: fiz xixi.

– EXATAMENTE – concluiu o advogado. – Meritíssimo, aqui encerro minhas palavras.

O juiz não conseguiu deixar de se emocionar com o relato e passou por sua cabeça concordar com o pedido dos pais. Contudo razão é razão, e uma criança sem meios de se sustentar não pode viver sozinha. A emancipação foi recusada e o caso encerrado. Alfredinho correu em direção aos pais, ambos chocados demais para fugirem do abraço.

Talvez se o juiz tivesse optado por outra decisão, a tragédia seria evitada. Quem sabe? O que se sabe são os fatos. Em fevereiro de 2009, a casa de Alexandre e Louise Ferreira foi reduzida a escombros e cinzas após um incêndio, cujo único sobrevivente foi Alfredinho. O caso apareceu na maioria dos jornais, como também o destino do órfão, recusado por demais parentes e adotado pelo mendigo louco do bairro. Os corpos de Alexandre e Louise nunca foram encontrados inteiros...

Aeroporto Charles de Gaulle. Paris, França.

Um homem e uma mulher, de perucas e óculos escuros, conversam entre si, passando pelo portão de desembarque.

– Então, deixa eu ver o meu nome é Francine Bovier e o seu Jean-Renoir. Igual ao cineasta?

– Por que não?

– Meio pretensioso...

– E o que importa, querida? Nós estamos livres!

– Não até nós acharmos uma clínica onde se faça vasectomia.

– Vive la liberté!

Universo em rejeição

Pela janela olhava a rua.

Lá passavam casais, grupos de jovens cantando e uma senhora carregando uma sacola. Deixou escapar um suspiro. Olhou para a sala. Lá não havia ninguém. Suspirou novamente. Em sua solidão, Dorival não podia imaginar que, caso tivesse um bom microscópio em mãos e analisasse as fibras de sua pele, iria encontrar uma algazarra de ácaros festejando e infestando. Eram animados por uma banda de micróbios, com seus instrumentos atômicos. Um ácaro que levara uma garota para cama saía desesperado, fugindo das dezenas de filhos que nasceram na hora. Era uma festa onde parasitas iam para nascer, crescer, procriar e morrer. E ninguém se sentia sozinho.

Mas Dorival não tinha microscópio e, na noite de sábado, era apenas mais um mundo solitário.

Super-humanos, porém humanos

Miguel tinha força sobre-humana. Um dia levantou com surpresa o carro do pai quando tentava pegar a sua bola embaixo. Tinha força sobre-humana, mas também tinha preguiça. E essa coisa de sair por aí, usando músculos dava muito trabalho. Dedicou a vida para ser técnico de informática e nunca precisar sair de uma cadeira. Às vezes lhe passava pela cabeça ajudar os outros. Especialmente naquela vez que, gritando, uma mulher pedia ajuda, agredida por bandidos, num beco escuro da cidade. Miguel podia com um soco fazê-los voar longe, mas já tinha tanta coisa para fazer e, afinal, pagava os impostos justamente para polícia cuidar desse tipo de trabalho! Passou direto. Chegou em casa, e foi assistir à série que deixara baixando no computador.

Gabriel criancinha descobriu que podia correr muito, muito rápido. Foi no dia que sua mãe soube que ele colara um dos sutiãs numa bola pintada de preto, na tentativa frustrada de montar uma réplica em tamanho real do Mickey. Danou-se. A mãe veio esbafejando, o chinelo

ziguezagueando no ar como uma vespa gigante e nervosa. Gabriel não pensou duas vezes e se meteu a correr descambado, levantando poeira para tudo quanto era lado. Só ficou uma nuvenzinha no formato do garoto para a mãe acertar. Gabriel correu, correu até não ouvir mais os gritos de ameaças da mãe, até não discernir lugar nenhum. Passaram-se anos e ninguém nunca mais viu Gabriel, mas ele continua em seu trajeto pelo globo, temendo que, se algum dia parar, terá que prestar contas ao chinelo da mãe.

Roseane lia pensamentos. Era só olhar para a pessoa e a cabeça se abria que nem um livro, com palavras, imagens e signos correndo em alta velocidade. Roseane podia saber tudo sobre uma pessoa, conhecer o âmago da humanidade, só precisava querer. Mas preferia ver novelas a ler pensamentos.

Ahmad podia criar fogo e fazer derreter imensos blocos de gelo. Pena que vivia no deserto do Saara. Era soltar uma chama, em sua casa abarrotada por seus cinco irmãos, seus pais, e um ou outro tio, que já todos reclamavam do calor. Nunca mais usou o poder, mas pensa em emigrar para o norte assim que a oportunidade surgir.

O garoto no canto

Uma vez o jovem Frederico foi a uma festa. Porém, como não descolava da cadeira no canto, seus familiares e amigos começaram a incentivá-lo a dançar com uma garota bonita, sozinha em meio à bagunça de sons e música. Só que o garoto não dava ouvidos, pois só de olhar para ela perdia o controle do lado direito do cérebro.
– Desculpa, gente, mas tenho que cuidar da mesa. Eu ouvi dizer que tem vândalos no bairro – disse, evitando os olhares de seus interpeladores. Seu tio, que fazia parte do grupo e cuja cerveja lhe dava apoio para insistir em suas convicções, protestou entre um soluço e outro: "Deixa disso!" Colocou os braços em torno do garoto, que se tivesse um casco de tartaruga nas costas se encolheria para dentro.

Derramando um pouco de cerveja, o tio continuou:
– Quando tchinha a sua idache, doiche anos ou trinta sei lá... dançava com um monte de gatchias. Me chamavam de Romildo, pé de vala. Não! De valsa! Porque eu era bom de futebol e, e...

– Olha, eu não quero dançar, tá legal! Putz grila!

– Que nada, qual é o máximo que pode acontecer? – alguém perguntou.

O garoto tinha uma resposta para isso, mas várias mãos começaram a puxá-lo da segurança de sua cadeira para colocá-lo diante do misterioso olhar feminino. Sentiu as costas serem cutucadas por algum objeto. Era sua mãe. Havia pegado a bengala da avó e tentava lhe ajudar com um empurrãozinho. O garoto ouvia a voz dela, queimando sua orelha com frases do tipo "Eles não formam um casal bonitinho?". Vendo que não tinha mais escolhas, sentiu-se cada vez menor dentro daquele mundo. Tentou mover-se, mas as pernas estavam mais pesadas enquanto, com medo, o sangue fugia para a cabeça. O coração palpitava como um alarme de usina nuclear no momento em que, de olhos para o chão, perguntou algo muito parecido com "quer dançar". Antes de qualquer resposta pela outra parte, os átomos de seu corpo, em desespero, entraram em fissão e o seu corpo explodiu numa nuvem de energia que cobriu a festa, o quintal, a casa, a rua. Todos morreram e, no local da tragédia, fora colocado um memorial. Uma cadeira com uma placa onde se lê:

Isso é o máximo que pode acontecer.

O caso da prostituta

Ele começou a colocar a cueca sob os olhos vigilantes da prostituta.

– E então, não vai pagar não? – ela perguntou.

– Não.

– Como assim não?

– Oras, como assim! É meu direito de consumidor. No anúncio você disse que me elevava aos céus. E, se aqui é o céu, vou mudar de religião.

– Ei, péra lá. Pode perguntar por aí que vão dizer que nunca deixei um cliente insatisfeito. Pô, cara. Não pagar? Isso não se faz! Se quiser, faço meia hora grátis. Você vai mudar de ideia rapidinho.

– Eu não! Não quero passar por isso de novo. Minha senhora, sinceramente, acho que você não sabe o que está fazendo.

– Vou ter que discordar. É você que não aguenta mulher!

– Eu não aguento?... Vamos falar a verdade aqui: o fato é que você parece um daqueles carros alegóricos cheios de brilho, com estátua que se mexe e tudo, mas que sempre quebra no meio da avenida. É uma enganação.

A partir daí, a história baixou o nível e foi parar no fundo do poço: o tribunal de justiça brasileiro. O homem deu um testemunho emocionante sobre a dor de alguém que vivia solitariamente e esperava encontrar, numa profissional, uma saída para os problemas. Estava disposto a gastar o dinheiro da operação da coluna da mãe em busca de um sonho. Tudo para ver as suas esperanças despedaçadas por uma única mulher.

Depois de feitos os demais testemunhos, passou-se para a análise de alguns vídeos caseiros da acusada em questão, quando especialistas foram chamados para dar as suas opiniões profissionais sobre a habilidade da prostituta. Depois de umas três visualizações, deram o parecer:

– Essa mulher não daria prazer nem a um adolescente depois de ter tomado viagra com red bull.

O veredicto, único na história, forçou a prostituta a pagar uma indenização ao seu cliente por danos morais. Ela saiu do tribunal escorraçada pelas colegas de trabalho, envergonhadas pela má imagem prestada à profissão. Hoje, seu nome foi emprestado a uma posição sexual, ou melhor, a uma disjunção sexual muito comum em casos de divórcios e lesões corporais

Três passos para a felicidade

Com um livro de autoajuda novinho no braço, Afrânio decidiu que era hora de mudar de vida. Iria se trancar em casa, ler o seu livro da primeira letra, falando que ser feliz é tudo muito simples, até a última letra, 200 páginas depois – cheias de regras e gráficos –, congratulando o leitor por ser agora um ser humano pleno e completo e capaz de fazer boas escolhas. Viveria agora segundo o texto sagrado, comprado numa promoção de 9,99 da banca de jornal.

E assim, o sol subiu e desceu sobre a pequena casa do subúrbio. Foi na manhã seguinte, de céu ensolarado e pintado nas cores fortes de um quadro bucólico, que Afrânio finalmente abriu as portas de casa. Parou um instante na soleira, esfregando os olhos mal costumados a luz e deu um sorriso para o mundo. Ali estava um novo homem! Sua postura correta e os ombros relaxados revelavam a autoconfiança de quem sabe que os frutos estão aí, só é preciso estender a mão e pegá-los. "Não há tempo de ficar sentado reclamando da vida, pois a vida estava aí para ser vivida"(p. 102 de *Eu sou feliz e você?*).

Essas palavras piscavam na cabeça de Afrânio quando ele deu seu primeiro passo rumo à felicidade e piscavam também quando deu o seu segundo passo; contudo, no terceiro, o que piscava mesmo – em letras vermelhas e tremidas – era CARALHO! Pois segundos depois Afrânio estava debaixo da roda de um caminhão.

O destinatário

Um dia o governo, muito preocupado com a quantidade de morte por bala perdida, decidiu finalmente agir. Não investindo em educação, melhor treinamento policial ou igualdade social; essas coisas levam tempo, dão trabalho. Aquilo era problema urgente, e necessitava de solução imediata. Os políticos de todo país se reuniram numa sala de bate-papo da internet. Depois de muito discutir o assunto, uma ideia recebeu a aprovação dos *emoticons:* a criação de um correio especial, que teria como única função levar e garantir que as balas fossem a quem lhe eram devidas. E esse era exatamente o trabalho de Janaína – promovida à entregadora de calibre após dois meses de treinamento dedicado na Força Tarefa dos Correios.

Com sua camisa e shorts caqui, e a insígnia da instituição a reluzir ao Sol, ela cruzava ruas e avenidas, para onde quer que fosse, para entregar uma bala. Era um trabalho de grande respeito, porém tinha suas contrapartidas: os carteiros não eram lá muito bem-vindos; e em geral, sua presença significava mau agouro. A maioria daqueles quem a via passar virava a cara e mudava o percurso com

medo de ser o alvo de suas cartas. Uma vida certamente boa, mas solitária.

Mesmo assim Janaína continuava trabalhar com afinco, sem nunca faltar ao emprego ou errar uma encomenda. E por um bom tempo o sistema funcionou. Jornais anunciavam a queda do número de pessoas que morriam por balas perdidas. Janaína fechou o jornal com orgulho e atendeu a chamada para mais uma entrega. Foi ao armário, grande o bastante para ocupar toda uma sala, com vários compartimentos particulares a cada carteiro. Abriu o seu e pegou a pequena caixa, do tamanho das que embalam um colar ou joia, coisas menos delicadas do que a vida de alguém. Viu o endereço do destinatário, lendo com cuidado. De súbito jogou-a no armário, bateu a porta e encostou as costas contra a fechadura. Suor frio escorria do rosto, o coração batia rápido. Era uma bala endereçada a ela. Alguém lhe queria morta. Quem? Não tinha como saber, os endereços dos remetentes eram mantidos em anonimato.

O pavio havia sido aceso. Ou Janaína morria ou desonrava o seu trabalho, ao qual havia dedicado a vida. De qualquer forma, alguém teria de morrer. E talvez quem mandara a bala não soubesse de sua profissão.

Foi para casa, carregando a própria sentença no pacote. O mundo parecia um sarcófago e o uniforme pinicava. A bebida lhe deu coragem, ou melhor, lhe deu a covardia que precisava. A encomenda seria transviada. Tirou a caixa com seu nome, a rua, a casa, o bairro; deu à bala uma

nova caixa, com novo destino. Cuidou para não tocar na bala, usando uma pinça. Sem deixar vestígios e correr riscos, levou-a para um homem que considerava ruim; batia na namorada amiga dela e era médico com diploma comprado, dono de uma clínica irregular.

Não anunciou sua chegada. Deixou a encomenda na caixa de correio. O resto foi esperar em casa a descoberta de seu delito. Não veio. Soube depois através da marca roxa no rosto da amiga que o médico continuava vivo. Tinha amigo no governo, ele arranjou outro destino para a bala. Assim foram as balas passando de mão em mão. O destino passou a ser reescrito para o bem-estar dos homens do governo e seus companheiros.

As manchetes de jornais noticiavam o fim das mortes por balas perdidas, o aumento das mortes por correio.

Mocinha em apuros nos tempos modernos

Numa clareira aberta como um olho no meio da floresta, amarrada a uma grande árvore no centro, a mocinha pedia socorro. À sua volta, arrastavam-se várias preguiças geneticamente modificadas para sentir um insaciável prazer pela carne humana, o que se provou ser algo muito idiota de se fazer. Em duas horas, as preguiças rastejaram com a língua para fora apenas trinta centímetros, sendo que faltavam cinco metros até onde estava a moça. Parecia mais fácil ela morrer de fome ou sede ou tédio. De fato, o único motivo pelo qual a mocinha se metera nessa encrenca foi para conhecer um herói bom partido disposto a constituir família. Foi por isso que insultou um cientista louco que conheceu numa reunião de megalomaníacos anônimos e, por isso, se encontrava nesta condição.

As suas amigas falaram para ela participar de um desses sites de relacionamentos, mas, nos seus 35 anos, já não era nenhuma ninfeta. Queria ter certeza de que arranjaria um homem capaz de cuidar de uma família. O plano

lhe pareceu óbvio: vilão mais mocinha em apuros igual a herói. Em sua defesa, esperava que a coisa toda fosse mais emocionante e cheia de erotismo, que nem nas histórias. Inclusive o rasgão na sua blusa que revelava parte da sua lingerie preta fora ela mesma que fez para ajudar no clima.

– HAHAHAHAHA – riu uma voz que soava a muitas horas num laboratório com gases tóxicos. – Você irá me pagar, mulher! Irei assistir as suas entranhas sendo devoradas de minha nave, e quando você pedir clemência simplesmente te ignorarei!

Do telão de sua espaçonave o cientista viu duas das preguiças fazerem poft, como fantoches que foram abandonados por um ventríloquo. Elas simplesmente estavam morrendo de infarte. O cientista louco apertou os olhos lentamente e depois chamou um de seus comparsas. O homem num uniforme verde veio correndo atender o chamado e depois parou atrapalhado numa postura de respeito diante do chefe.

– Chamou, ó Senhor de todos os seres e reinos, Dominador de dominadores, a Sombra que cobre o universo, o...

O cientista louco apoiou o rosto na mão e bufou.

– Só chegue um pouco mais para a direita, por favor.

– Ok, ó Senhor de todos os seres...

– VAMOS, HOMEM!

O assecla engoliu a saliva e deu um passo para direita.

– Aqui está bom?

Com um sorriso malicioso, o cientista apertou um dos botões de sua cadeira, abrindo um alçapão. De súbito, o assecla se viu sem chão e sobre pleno efeito da gravidade. O cientista se espreguiçou e chamou outro de seus asseclas. Antes que este pudesse dizer qualquer coisa, ordenou que fosse até o chão e desse um jeito de empurrar as malditas preguiças. O empregado assentiu, pegou um paraquedas e desceu. Todo vilão que se preze calcula um excedente de funcionário com a função de morrerem em acessos de raiva.

Eficiente, o capanga pousou no chão de terra, os joelhos dobrados, a poeira levantada sob os pés. Desvencilhou-se do paraquedas e procurou a preguiça mais próxima. Segurou-a pelos quartos e começou a empurrá-la. O animal soltou um grito de espanto. Algo estava acontecendo com ele, mas não entendia o quê. Decidiu ignorar o assunto, tática comum a essa espécie, que ignorou toda a evolução.

Os olhos da mocinha analisavam o homem vindo dos céus. Era um avanço comparado ao cara anterior que se esborrachou e agora era uma mancha no chão. As últimas palavras dele, enquanto caía, foram "Não tenho plano de saúúúúd..." Mas este não. É diferente, saudável, inteiro. Com força o bastante para empurrar um mamífero de médio porte. Isso devia ser algo útil a uma vida familiar. Além do mais, não era como se fosse conhecer mais alguém nas atuais condições.

– Ooooi – chamou ela, caprichando no sorriso.

O assecla largou um instante de seus afazeres, levantando a aba do boné num cumprimento antiquado.

– Olá, madame. Apreciando o dia?

– Sim... Gosto de ficar ao natural.

As sobrancelhas se levantaram, e houve uma tentativa frustrada de levantar uma das pernas, mostrando um pouco mais de coxa. Não adiantou, alguém havia feito um bom serviço a amarrando. Droga.

– Que ótimo! – comentou ele, admirando os arredores e inspirando com gosto o ar. – Aqui é realmente um lugar lindíssimo. Às vezes eu levo os meus filhos para brincar aqui.

– Você é casado?

– Divorciado. Coisas da vida...

– Ah, que pena...

Graças a deus, graças a deus!

– Bem, dona. Tenho que voltar a trabalhar. Essas preguiças não vão se mexer sozinha e o chefe quer terminar logo com isso para poder assistir o seu seriado favorito na TV.

Deu mais um empurrão. Agora só faltavam dois metros. Só uma preguiça permanecia viva, e ela estava com fome. Alheia a isso, a mocinha tentou puxar novamente o assecla para a conversa.

– E te pagam bem no trabalho?

– Ah é um bom dinheiro. Não tem muito o que fazer. A gente evita se meter em situações perigosas. Sempre que a gente captura algum agente secreto, sempre deixamos a

porta aberta para ele escapar sem ter que nos matar para isso.

Solteiro, pai experiente, forte, e com bom emprego! pensou a mocinha. Havia tirado a sorte grande. Quem era a idiota por ter afrontado um psicopata agora? Uma pena as suas amigas não estarem ali.

– Então, é... qual é o seu nome mesmo?

Ele apontou o dedo para o crachá na camisa.

– Frederico. Mas todos me chamam de Raposa Alerta. Legal né?

– Frederico...– ela repetiu, ignorando qualquer coisa que pudesse tornar o seu futuro marido num completo idiota empurrador de preguiças. – Por que você não deixa esses bichinhos de estimação aí e vem terminar comigo... com suas próprias mãos?

Agora não só ela levantou as sobrancelhas insinuantes, como também mordeu os beiços, gemeu e, no desespero, utilizou a única parte do corpo solta de amarras: balançou as orelhas em curvas extremamente sensuais. Se você for um chipanzé se acasalando, claro. O homem, um pouco perturbado, levantou o boné e coçou a testa.

– Não sei não, moça...

Ia falar mais algo, porém foi interrompido pelos comandos de seu superior, um tanto zangado dentro da espaçonave.

– Raposa Alerta, o seriado já ta quase começando, meu filho! Sabe que se eu perder o início, não vou entender o resto depois! Anda logo!

Desviou o olhar da embarcação flutuante e mirou a mulher. Ela piscou o olho de maneira incentivadora.

– Bem, se é para ir mais rápido, né, por que não?

– Exatamente!

Ignorando a política de namoro no trabalho, o assecla largou o traseiro do bicho preguiça e foi em busca de traseiros melhores. A mulher o viu tirar uma faca de seu bolso e usá-la para cortar as amarras. Foi um movimento rápido e firme. As cordas se romperam junto com tiras de tecido, e finalmente a mocinha estava liberta não só das suas amarras como de suas roupas. O cara era bom.

O cientista maluco olhou para a bomba relógio que usava para ver as horas. Aquilo era irritante. Dentro de cinco minutos, o seu seriado iria começar e ainda não conseguira nem cometer um assassinato. Já houve tempo que era uma ameaça ao universo. Alguém tinha que ser culpado. Ligou o visor da nave, preparando-se para a bronca com um gargarejo de ácido sulfúrico. O que viu quase o fez engasgar. Cuspiu o ácido, corroendo parte do equipamento da nave e tossiu violentamente. Depois, olhou de novo no visor, pedindo para o computador dar um zoom. E novamente mais zoom, até que os próprios ácaros fossem capturados pela câmera.

A mão tampou a boca para segurar um grito. Aquilo era uma vergonha. Uma perfídia! Tinha certeza que havia escrito no manual para capangas que era proibido o namoro entre funcionários e mocinhas em apuros. Era o que dá contratar funcionários analfabetos demais para ler

um contrato. Você consegue burlar as leis trabalhista, mas a qualidade do trabalho sempre cai. Procurou o botão do míssil teleguiado no painel de controle.

– Botão para a máquina de pipoca, botão do massageador, esse aqui é o da bomba atômica enterrada na casa da minha mãe. Não. Não... – olhou em baixo da cadeira. - Aqui está!

O dedo pousou delicadamente no botão vermelho com o desenho da silhueta de um míssil, e depois recuou. O cientista voltou-se novamente para a imagem no visor. Era incrível as posições novas que se podia inventar com o auxílio de uma preguiça faminta. Apertou o botão da máquina de pipocas. O míssil teleguiado podia esperar, e o seriado iria repetir no final de semana.

O contraevolucionista

– Hoje, eu gostaria de dizer algumas palavras, umas palavras a todos os homens sem fé, aos materialistas; àqueles que chegam com suas teorias para anunciar que Deus, que Deus, o criador de tudo! não existe!

O auditório estava cheio e todos assistiam às mãos do padre se agitarem em gestos fortes, como se espíritos do mal tentassem se aproximar dele. Alguns dos fiéis olhavam ao lado, com medo de que os tais homens descrentes mencionados estivessem por ali por perto. Alcebíades Farias continuou:

– Sim, eu quero falar da evolução. Vocês já devem ter ouvido falar, porque forçam isso nas nossas cabeças como uma verdade, mas não passa de uma mentira! E vou mostrar. O que diz a evolução? Que seres menos complexos evoluem para seres mais complexos através da seleção natural, de mutações, de combinações genéticas. Essa teoria diz que o homem e o macaco se originaram da mesma espécie. Aí um desses cientistas, cheios de pompa, vindos de não sei aonde, encontra um dente; um dente! numa escavação e diz: Eis a prova!

Algumas pessoas começaram a rir da frase dita de maneira afetada, como se o cientista não quisesse só tornar pública sua descoberta profissional como também sua preferência sexual. Sem amolecer, Alcebíades trovejou:

– MENTIRA! Nunca ninguém encontrou evidências que provem a evolução! Ao contrário! Só há evidências que provem a verdade criacionista. Evangelho de Lucas, salmo 12, capítulo 15, nota de rodapé 1: "Cada espécie foi criada com um desígnio e cada espécie só poderá gerar a mesma espécie!" Está escrito lá, meus caros, vocês podem conferir!

Páginas farfalharam na breve pausa. Olhos cerrados procuravam pela passagem escrita em letras minúsculas.

– Não é isso que diz a genética, descoberta pelo Mendel? Não é isso? Os genes são características especializadas e hereditárias, que só passam de pai para filho. Sabem o que acontece quando se cruza seres de espécies diferentes? A prole é incapaz de se reproduzir, de gerar filhos! Porque é errado; porque é a criação se afastando do caminho do Criador! Ou seja, homem gera homem, macaco só gera macaco. E aí alguém me pergunta: e a mutação, ela não pode gerar outro animal? A mutação, meu amigo, a mutação é caos; só causa desordem. O câncer é nada mais nada menos que uma mutação. Vocês acham que o homem foi criado pelo câncer?

Os fiéis se entreolharam duvidosos. Uma senhora de cabelos brancos, gordinha e curvada gritou, Não! Alcebíades Farias a ignorou e simplesmente respondeu:

– Evangelho de João José, salmo 40, versículo 3,9 do anexo II...

Mais farfalhar de páginas. Alguns procuravam pelo livro entre o antigo testamento, o novo, a bíblia em quadrinhos, o testamento comentado, entre outros livros.

– Lá diz, meus caros: "O homem foi criado à imagem e semelhança de Deus e qualquer coisa...", está escrito aqui hein, "qualquer coisa! dita por Darwin é uma bobagem!" Ora, é a palavra de Deus.

Todos assentiram de acordo, isso era prova mais do que suficiente.

– Eu quero que me mostrem sabem o quê? Os fósseis daquelas fotinhos, sabem... de um primata que começa corcundinha, todo peludo, vai ficando mais e mais em pé e menos peludo até virar homem. Eu nunca vi. Porque isso é u...ma... frau...de, irmão! A verdade taí, na bíblia, onde sempre esteve!

"E então, meu irmãos, vocês preferem acreditar nos materialistas que dizem que tudo acontece por acaso, ou vocês preferem acreditar na verdade espiritual? Vocês se mantêm fiéis ao seu Criador... ou o negam?"

Em êxtase, não querendo deixar dúvidas de sua fé, todos gritaram: SSIIMMM!!!

– ALELUIA, irmãos!

Aleluia, eles gritaram.

Alcebíades, suado e em voz mais branda, agradeceu a presença de todos e entre um louvor e outro, lembrou-os do número da conta do banco da igreja para depósitos.

Afinal, a passagem para o céu vale todo o seu dinheiro, e avareza é um pecado. Falou com alguns em particular, deu alguns conselhos, a maioria pedindo para que fosse para um dos vários grupos de ajuda que havia na igreja e depois partiu satisfeito com o trabalho.

Mais tarde, no jantar com a família, citou trechos da sua pregação. Falava de como as pessoas ficavam agradecidas ao serem despertadas das mentiras da ciência e como choravam em ver o milagre de Deus em cada aspecto da vida. A sua família, porém, não reagia da mesma forma que suas ovelhas. A mulher nem tocava na comida enquanto ele falava – apesar da palidez e dos olhos que caíam desejosos no feijão denunciarem sua fome –; a filha observava, desatenta, seu prato, mexendo para lá e pra cá os grãos de arroz.

O pai nada percebia, estava no seu universo; onde com a espada da fé investia contra o dragão da evolução e cortava suas várias cabeças. Cada uma representava um teórico charlatão: Richard Dawkins, Eugene Dubois, entre outros até chegar à última, a de Charles Darwin, a face do demônio. Estava pisando em sua cabeça decepada, quando a pequena o interrompeu:

– Alguns dinossauros pareciam pássaros...

Ela o olhava meio de cabeça baixa, como se a mesa exercesse a gravidade de um sol. A mãe prendeu a respiração e pensou que aquela jantar demoraria para acabar. Todo Alcebíades Farias era censura, da sobrancelha franzida às mãos sobre as mesas.

– E onde você viu isso posso saber?

– Eu vi numa revista...

– Com certeza é só mais uma fantasia de paleontólogos. Foi assim que surgiram os dragões sabe. As pessoas olhavam fósseis e começavam a imaginar coisas.

– Mas eles podem estar certos também... Por que a gente precisa ter tanta certeza de tudo?

Por um breve momento ela sustentou seu rosto miúdo frente ao pai. Ele não era grande, tinha lá 1,5 metros e não tolerava que a mulher usasse salto alto. Mas fosse um anão, da mesma altura dela, ainda pareceria um gigante. Ele representava Deus naquela casa e, por isso, a filha abaixou a cabeça e engoliu seus pensamentos. Ele perguntou de onde veio essa revista, que, se tivesse comprado, iria lhe tirar a mesada. Falou que era emprestada de uma colega.

– Vá pegar.

Ele pareceu um César chamando um prisioneiro para a execução.

– Mas papai, não é nada de mais, eu juro. – ela suplicou.

Sua grande mão paterna se estendeu, impaciente.

– Vá logo, Maria. Deixe de malcriação – pediu sua mãe.

Minutos depois a revista estava sendo rasgada até não sobrar nenhum vestígio para futuro fóssil.

– Nós temos de ter certeza, porque Deus nunca duvidou da gente. A dúvida é a passagem para fora do jardim

divino.

Quando se deitaram na cama, Alcebíades e sua mulher – os dois tão vestidos que alguém duvidaria se iam dormir ou trabalhar no hospital –, ele repassou a cena do jantar. Não se achava um homem duro, apenas cumpria a sua função de sustentar a ordem da casa no meio do reino do pecado. Era assim que começava: dinossauros, estranhos pensamentos acerca do universo, batom, logo estaria dando o corpo por aí, bebendo feito operário, achando-se dona da própria vida. Sim, os dinossauros são uma das portas do pecado. Senão, por que outra razão estariam extintos? Estava mais do que certo. Puxou o lençol, deixando a mulher sujeita ao frio e dormiu sorrindo.

O sono foi conturbado. Imagens de seres primitivos, de carne sendo rasgada, de uma terra de ossos, em que a palavra de Deus não era pronunciada... Ele estava cercado. Seres de mãos fortes e peludas o puxaram e o carregaram até uma fogueira. Por todo lado era grito, sons horríveis, que vinham da garganta. Sua filha lhe assistia assar, em meio dos animais pulando em êxtase. Sua carne queimava e sua dor subia junto da fumaça. Um dos seus captores ficou a frente e gritou como se discursasse para o resto do grupo. Não compreendeu o que ele disse, se é que era possível alguma daquelas criaturas dizerem qualquer coisa, mas ao fim de seus berros, fez-se uma algazarra entre os demais. E a última coisa que Alcebíades viu, antes de ser engolido por chamas, foi a bíblia sendo erguida naque-

la monstruosa paródia de uma missa.

– Você está bem?

Sua mulher o observava preocupada e checava sua temperatura. Ele se levantou da cama, meio tonto, afastando-se dos cuidados.

– Está tudo bem. O diabo que deve ter vindo me atacar nos sonhos, mas estou com o senhor. Nada me assusta.

– Pareceu ter um pouco de febre.

– Não é nada. – olhou o relógio – Tenho que me arrumar.

De frente para o espelho tinha que admitir, não parecia lá muito bem. Suava muito e tinha um cheiro estranho, a barba já estava por fazer, lhe sujando o rosto, e havia uma dor de cabeça! Batiam com um aríete na sua fronte, sem parar. Tomou um analgésico qualquer, fez a barba e entrou no banho. Saiu um pouco melhor. Devem ser os nervos. Logo irá passar. Desceu as escadas, cruzou alguns corredores e foi para a cozinha onde a mulher e a filha já tomavam café da manhã, sentados a uma mesa farta. Ele tomou uma das cadeiras para si e começou a fazer a colheita de seus suprimentos. Um brioche ali, uma mortadela, queijo, biscoito cereal, bolo; catava tudo como alguém que não comia há meses. A mãe e a filha o fitavam.

– Hã, Alcebíades, você não vai fazer a barba? – disse a mulher.

Ele desviou a atenção da goiabada para ela, sem entender.

– Que bobagem é essa agora? Eu já fiz.

A mulher refletiu se esse era um dos momentos em que não deveria expressar opinião, mas depois percebeu que seria pior se ele saísse na rua assim, fazia parte de seu dever de esposa.

– Tem certeza? Porque não está parecendo...

Ele então virou o rosto para a filha de maneira acusadora, como se ela tivesse traficando revistas científicas para a mãe. Ela só não baixou mais a cabeça por risco de torcer o pescoço. Pegou finalmente uma colher de prata grande e olhou para seu reflexo. Lá estava a maldita barba que havia raspado segundos atrás. Não só inexplicavelmente havia crescido como parecia maior, mais grossa, principalmente nos cantos. Arrastou a cadeira com ruído e correu para o banheiro a fim de raspá-la. Começou a tirá-la, mas a dor de cabeça voltou com tudo e acabou deixando cair a navalha. Acompanhava a enxaqueca uma coceira pelo corpo, foi tirando a camisa para se coçar e notou assombrado que pelos começavam a cobrir-lhe o corpo.

– É difícil dar um diagnóstico. Pode ser um caso de hipertricose, mas não é algo comum... e especialmente não é o tipo de doença que aparece na maturidade.

– Hipertricose, doutor?

Alcebíades imaginou que iria morrer ali mesmo, não ia ter nem a chance de entrar para um clube de golfe. Tocava os pelos da sua face, certificando-se de que não estava preso no pesadelo. O doutor vendo sua preocupação, tratou logo de explicar melhor: hipertricose, também conhe-

cida como síndrome do lobisomem, é uma doença rara causada por mutação genética, a maldita mutação genética! Que causa o crescimento anormal de pelos por todo o corpo. Geralmente hereditária, existe pouca probabilidade de ela acontecer espontaneamente no decorrer da vida de um adulto. Razão por que o médico achou melhor pedir alguns exames, afinal tal hipótese não explicava a dor de cabeça crônica.

– Doutor, existe algo que posso fazer, algum remédio?

– No momento, só posso recomendar que tome analgésico e evite irritar a pele tentando arrancar os cabelos. Mas fique despreocupado, pois não é nada sério.

– Não me preocupo. Deus está comigo.

Foi o que disse, mas não era o que sentia em seu coração. Estava irritado. Ele, Alcebíades Farias, líder religioso, porque tinha de se afligir com uma doença? Não era pobre, podia pagar qualquer tratamento e teria de haver um. Trancou-se no quarto assim que chegou. Evitou a esposa. A filha já estava na escola. Teria uma missa mais tarde, tinha de aparecer. Estava prestes a arranjar um contrato com um canal de televisão, ia poder levar fé para todo o Brasil, além de ganhar muito dinheiro, claro. Sem falar que era o único pastor na sua roda de amigos que não tinha um programa de televisão. Ficar ali no escuro é tudo o que queriam seus inimigos: os caçadores de fósseis, os ateus, os comunistas, destruidores da família brasileira. Tinha de ir. Pegou seu terno, sua bíblia e foi-se. Sua mulher falou que não devia ir na rua assim, mas ali estava um homem

numa missão e nada iria pará-lo.

Dirigir até a catedral não foi fácil. As dores por vezes turvavam a visão, os membros pareciam desengonçados. Sentia-se mais braço e perna do que o normal. Sorte sua a catedral ser quase um castelo. Tinha estacionamento maior do que muito shopping, com dois andares para os carros que também são filhos de Deus, principalmente os importados. O espaço para gente não ficava atrás e era o que dava o ar de castelo por ter vários compartimentos em seus cantos a semelhança de torres. No centro, era a cúpula onde ficava a entrada principal e a área das congregações.

Alcebíades estacionou de qualquer jeito numa vaga de deficiente e seguiu para a passagem vip, por onde só passavam pastores e alguns poucos funcionários. Por lá, chegava-se ao departamento de direção e às salas que funcionavam como camarins para os oradores. Esperava entrar sem ser notado, mas logo viu caras de espanto por onde passava. Alguém lhe perguntou se estava tudo bem. Ele respondeu que não havia tempo.

De fato, faltavam menos de cinco minutos para apresentação. Olhou para o corredor, e viu através das paredes e da porta: o palanque. Podia senti-lo. Ali esperava o microfone e o seu rebanho, pronto para ouvir suas verdades. Ficou parado um instante com a mão na maçaneta. Duvidou por um momento.

Respirou fundo e deu início ao show. Nas cadeiras, bocas abertas o observavam enquanto chegava. Ele fingiu

não as perceber, tampouco o cochicho sobre ele. Porém, o que não percebia mesmo era a mudança em sua fisionomia. A mandíbula estava mais proeminente, esticada; os lábios afinaram e o nariz encolhera, retraído. Mesmo não podendo se ver, sentiu a diferença na voz. A locução lhe era mais difícil de controlar, o tom saía fugidio. Começou:

– Meus irmãos, hoje as forças do mal tentaram me parar. Elas entraram na minha casa por meio de mentiras, depois atacaram meu corpo físico, achando que poderiam dobrar minha alma. Queriam que eu ficasse quieto em casa, mas falei: NÃO!

Muitos *Ós* se propagaram pelo público, todos bastante impressionados com a batalha santa travada diante deles. E também alegres por não precisarem ler nenhuma das bíblias.

– O que aconteceria se Jesus ficasse em casa e não fosse crucificado? – perguntou Alcebíades, o desafio incrustado no olhar. - O que aconteceria se Noé ficasse em casa e não embarcasse? O que aconteceria – passou a vista por todos - se eu ficasse em casa? Não poderia espalhar a palavra e mostrar a mentira que é a ciência. Os ateus querem que nós acreditemos na ciência, e abandonemos a moral para que possam lucrar com a indústria do pecado! Drogas novas são fabricadas todos os dias e eles dizem: Está tudo bem, é o progresso, é a evolução! Gostam de dizer que não somos filhos de Adão e Eva, que somos fruto da evolução e viemos do macaco. Pois eu digo: UUG AACK AAH UGH...

Os fiéis olharam-no, confusos. Alguns procuraram, sem encontrar, aquela passagem nos livros. Alcebíades tão pouco se entendia. Tinha as mãos em volta da garganta com medo do que pudesse escapar dali. Pigarreou e voltou:

– Eu.... EU DIGO! UUG AACK AAH AARG!

Sua boca abria e mostrava uma longa fileira de dentes. O pânico tomou Alcebíades e mais gritos correram da sua boca, incontroláveis. Chamava por Jesus, mas a boca e a língua só imitiam sons ininteligíveis, garranchos no ar.

– UUUUKK UK AAAAAH !

Balançava os braços, procurando afastar espíritos malignos. Os fiéis em suas cadeiras faziam o sinal da cruz, alguns iam embora; ninguém se aproximava. Finalmente cortaram o microfone. Dois obreiros fortes o puxaram pelos grandes braços e o encaminharam para a porta pela qual tinha entrado, para longe dos olhos questionadores.

– Está tudo bem, senhor – um deles disse. – Você só precisa descansar.

Levaram-no para a sala metida a camarim. Não brigou, sentia que tinha força para jogá-los no chão, mas seu espírito estava fraco. Sentia-se abandonado e abandonado o deixaram numa cadeira na companhia de um copo d'água e calmantes pesados. Atrapalhado com os longos dedos, quase deixou o copo cair. Tomado o comprimido, sentiu dos pés à cabeça o corpo derreter. Os olhos começaram a fechar e tudo pareceu fragmentos de um sonho...

Sua mulher parada, sem conseguir esconder o choque, junto da filha.

Ela havia, momentos antes, recebido notícias do médico: "Minha senhora, o caso é mais grave do que esperávamos, o cérebro do seu marido perdeu massa na área frontal." Mas aquilo que estava sentado na cadeira não era seu marido.

Depois veio o líder da Igreja, importante criacionista. Deixara os Estados Unidos imediatamente para atender o caso.

– Cuidaremos bem de você

Que homem bom!, pensou Alcebíades. Sabia que não iria ser esquecido.

Abriu os olhos de novo e dois homens com uniforme o carregavam. Ouviu a sua filha gritar:

– Para onde estão levando ele?

– Nós vamos levar o seu pai para um lugar onde receberá tratamento especial.

– Por que não o levam para o hospital?... Isso não está certo!

– Deixe de malcriação, menina! – ralhou a mãe, puxando-a pelo braço pois ela já queria correr atrás do pai.

Ele por sua vez piscou, com uma ternura nunca antes sentida. Quis dizer algumas últimas palavras, que não foram além de pensamentos. Ah, a minha querida filha, nunca sabe quando ficar calada! Papai vai ficar bem. Até lá fique longe de dinossauros, dos solteiros, de roupas coloridas... bem, fique em casa!

Os homens de uniforme o colocaram numa caçamba e ali dormiu.

Os olhos abriram de novo depois de não sei tanto tempo. Fora jogado num chão duro de pedra. Escutou o rangido de uma porta sendo fechada em algum lugar. Procurou raciocinar, só que tudo virara um borrão com a fome e outras necessidades físicas a sobressaírem. O lugar onde se encontrava era escuro, úmido, feio; mas em algum lugar havia luz e calor, pois sentia cheiro de fumaça e de suor. Seguiu o cheiro.

Às vezes era necessário apoiar as mãos no chão, devido as pernas e as costas não suportarem o peso do corpo. Mais à frente, contornou um canto. Viu uma imensa fogueira a arder vermelha alaranjada naquelas trevas. Seu calor era uma benção e propiciava uma sensação gostosa. Tudo pareceu se encher de significado, uma sensação que havia sentido antes em outra vida. Em volta do fogo, estavam criaturas iguais a ele, arremedos de homens cujas testas eram pequenas e inclinadas; eles tinham as mandíbulas, grandes; a pele coberta de pelos espessos; além de braços fortes e grandes. Alguns traziam roupas esfarrapadas pelo corpo, outros se encontravam nus, todos encaravam o fogo.

Alcebíades Farias, antes pastor, agora espécie sem nome, juntou-se a eles para ouvir a origem perdida da humanidade, perto das chamas de uma fogueira.

Quantos bites fazem uma pessoa?

Cansada de ler e responder e-mails do trabalho, Mariângela abriu sua página numa rede social. Ali, numa foto recém-postada, aparecia vestindo um espartilho negro que erguiam os seios e os deixavam em boa parte expostos, seu cabelo estava brilhoso e sua pele limpa graças às maravilhas do Photoshop, e ostentava um sorriso vermelho de batom cheio de malícia, tudo muito diferente da mulher profissionalmente vestida sentada em frente ao monitor. A moça do perfil, que aliás tinha o nick de Mary@ngel, dizia-se alegre, feliz, que adora estar junto de amigos e curtir a vida. A que estava sentada era entediada e mal tinha tempo para curtir amigos ou vida. Debaixo da foto, havia vários comentários de pessoas que ela nem conhecia: "Mt gata!", "Tu é amiga do Leno?", "Que iiisso, hein! Ai se esse avião pousasse no meu aeroporto..." Viu mais alguns comentários de amigos, aos quais respondeu prontamente. Não se deixa amigo sem responder na internet! O resto dos comentários deixou para outra hora, tinha outras coisas para ver.

Ia abrir a página de um fórum em que participava

quando sentiu a aproximação de alguém; fechou a página bruscamente e abriu o e-mail.

– Oi, queridaaa! Nem falou comigo ontem, hein!

Relaxou. Era só uma colega.

– Ontem?

– É, arrasou com aquele espartilho!

Mas Mariângela não havia saído ontem, muito menos de espartilho, que só usara em casa para tirar a foto. Nunca teria coragem de sair de casa daquele jeito.

– Deve ter se enganado.

– Tá brincando, né? Como é que não era você na festa? Era a tua cara! A não ser que tenha irmã gêmea e não tenha falado.

– Claro que não. Olhe, eu fiquei ontem terminando trabalho, adoraria tá numa festinha, mas não tava.

– Tuudo bem... deve ter sido outra pessoa... Já tinha bebido um bocado. Caramba, você tinha que...

A colega continuou falando, Mariângela é que não ouvia, irritada por ter sido confundida com outra. Quando a colega finalmente fechou o bico e se afastou, abriu o tal fórum. Era específico para fãs de romances históricos, como ela bem era, embora pouca gente soubesse. Correu o cursor pelos assuntos de sempre: Qual é o melhor livro sobre a lenda de Arthur; Erros históricos em livros e filmes; Qual personagem histórico você ficaria. O olhar de Mariângela foi distraído pela caixa de recados. Uma mensagem nova. Clicou. Era de alguém chamado "O Homem da Máscara de Ferro", seu avatar mostrava

um homem com a cabeça escondida por um pedaço de ferro enferrujado muito parecido com a velha cafeteira de sua mãe.

Você é muito doidaaa! huahuahuahaahah A gente se encontra segunda, 21h, no ZéFini, ali na Voluntários. Vamos terminar o que começamos. ;)

Bjos para milady!

Que merda, o cara deve ter mandado a mensagem por engano. O mais provável era que algum conhecido dela tivesse tentado se livrar do cara dando o seu endereço do fórum. Aquele tal enlatado de Ferro devia ser um nerd mala. Não se deu nem o trabalho de responder. Iria fingir que não viu, o problema afinal não era seu. Deslogou depois de ver que era uma das mais populares do fórum. Pelo menos no mundo online sua vida ia bem. Fechou o site e retornou ao serviço e aos e-mails replicantes dos implicantes.

Empacotada para viagem pelo transporte público, Mariângela era só sobras do almoço corporativo. Quase dormia quando o celular vibrou. Deixou escapar um murmúrio no susto. Tirou o aparelho do bolso, acionou o visor. Era um torpedo enviado por um amigo. Não tinha pólvora, mas era explosivo:

Caralho, sério mesmo que tu se demitiu?

Ao que Mariângela escreveu de volta com alguma dificuldade no ônibus:

Tá loco é? Vltndo do trampo.

Instantes depois nova vibração.

Ué, na internet, vc disse q se demitiu! E q tá indo embora gastar tdo dinheiro viajando pra Europa!!!!

Era o dia de tirar onda com a cara de Mariângela, só podia ser. Vai ver clonaram a sua conta. Volta e meia acontecia com alguém. Começou a teclar instruções para seu amigo e outros para ignorarem qualquer coisa que aparecesse na rede virtual com o nome dela, devia ser coisa de hacker. Ia apertar para enviar, quando pela terceira vez o telefone tocou. Era uma ligação da colega do trabalho.

– Cara, que tu disse pru Roberto? Ele tá muito puto contigo.

– Do que você tá falando?

– Do que eu tô falando? De você dá a louca e se demitir daquele jeito!

– Me demitir? Você deve tá enganada.

– Enganada nada, ele tá puto.

– Eu vou ligar para ele, deve ter alguma explicação.

– Tá maluca? Ligar agora? Eu se fosse você esperava. Ele deve estar treinando tiro ao alvo com uma foto sua ou botando papel com teu nome em algum dispacho.

– Mas...

– Um conselho: vai pra casa esfriar a cabeça.

– Mas...

Ela desligou.

Mariângela ficou olhando para o celular como se alguém acabasse de sugar seu cérebro por um canudo. Que merda estava acontecendo? Ela havia deixado o trabalho na mais perfeita ordem. Dera até tchau para o porteiro.

Além do mais, nem vira Roberto hoje. O cara sempre ficava fortificado contra qualquer afazer no interior de seu escritório. Haveria alguém se passando por ela? Podiam muito bem ter ligado pro seu chefe, que não diferenciaria a sua voz de qualquer outra mulher. Claro. Lembrou-se da mensagem lida no fórum mais cedo. Quem quer que estava fodendo com ela, estaria naquele encontro. Bar ZéFini. Voluntários. 21h.

O garçom deixou uma garrafa de cerveja e um copo na mesa ao fundo do estabelecimento, onde Mariângela montara sua base de espionagem. Dali tinha uma boa visão geral do bar, sem ser notada. Faltavam três minutos para as nove, segundo seu inseparável celular. Observou que havia dois homens sentados sozinhos. Um tinha uns trinta, era forte, alto, com cavanhaque e se vestia bem. O outro era baixo, usava óculos e tinha mais jeito de quem frequentava fórum para discutir sua dinastia favorita. Estereótipo no qual Mariângela não se incluía, apesar da participação assídua nos tópicos.

Minutos passaram, e uma garrafa de cerveja também, até finalmente haver movimentação. O baixinho de óculos sorriu e acenou para alguém fora do campo de visão.

A impostora!

Mariângela torceu o pescoço à procura do alvo, mas só viu outro homem chegar e se sentar com o rapaz. Aquela opção estava descartada, tinha que ser uma mulher para imitar a sua voz. Restava apenas o garanhão de cavanhaque, o que significava que a puta ainda tava faturando às suas custas.

Sentiu a garganta seca. Olhou para o balcão do bar e, antes de fazer qualquer sinal, o garçom telepaticamente entendeu que ela queria cerveja. Garçons tem sexto sentido para essas coisas. Podiam às vezes ser antipáticos, legais, estúpidos ou lerdos, mas saberiam se um esquimó estaria querendo uma cerva se ele aparecesse. E logo ele veio prestativo com um novo casco, e a barriga avantajada quase esbarrando na fuça de Mariângela. Ela murmurou um "obrigada" e ele foi embora. Com a visão liberada do pesadelo abdominal, Mariângela percebeu que o homem de cavanhaque já não se encontrava mais sozinho. Ao seu lado, de costas para sua caçadora, uma mulher se sentara. Mesmo dali Mariângela podia ver que o espartilho usado pela impostara era exatamente igual ao dela. A própria estatura da mulher era semelhante.

Bebeu um gole, enquanto decidia o que fazer. Talvez trocasse de mesa a procura de uma posição para tirar uma foto. Mas o que lhe serviria a foto. Devia confrontá-la, puxar seus cabelos até que confessasse. Não, não teria coragem. Se fosse um engano, poderia se meter numa encrenca maior.

Para sua surpresa, eis que a própria moça se levanta e se dirige na sua direção para ir ao banheiro. Mariângela não chegou a ver o rosto, pois, com receio que estava de ser identificada, abaixou a cabeça fingindo ler o cardápio apenas para notar que não havia cardápio. Analisou, en-

tão, o papel toalha feito especialista, enquanto esperava ela passar. Passou e entrou na divisória que dava acesso ao banheiro feminino. Mariângela se levantou e a seguiu.

O lugar era maior do que imaginava. Tinha duas cabines e duas pias no lado oposto com um longo espelho retangular sobre. Não viu sinal foi da mulher de espartilho, mas logo que ouviu o som da descarga soube que era ela dentro da cabine. Por pouco não a pegava desprotegida em suas funções excretoras.

Dissimulou abrindo a torneira da bica para lavar as mãos. Atrás, a porta bateu na mureta da cabine. O barulho foi seguido de passos até a pia à sua direita. Mariângela espiou o espelho e viu o reflexo. O seu reflexo ali duplificado. Mesmo nariz, boca, olhos, a mesma pele, apenas o cabelo jogado para trás e o batom diferiam uma da outra.

Lentamente virou-se para ela, que por sua vez parou de se maquiar para encará-la, sorrindo. A água na pia continuava a correr. Ali estava a imagem tal como podia ser vista em seu perfil na World Wide Web, num holagrama perfeito.

– Quem é você?

– Acho que é óbvio.

– Você... você que pediu demissão?

– Sim.

– Mas como pode existir outro eu? Você não é real... não pode...

– Real? Não só sou real como sou muito melhor que você – ela disse retocando o batom. – Eu tenho mais amigos que você, não deixo o emprego me atrapalhar e visto a roupa que quiser. Eu sou o que todo mundo quer, eu sou o que você quer. M@ryAngel.

– Não, você é só minha imaginação, minha...

M@ryAngel guardou o batom na bolsa e avançou calmamente até Mariângela.

– Mas uma coisa você tem razão... – ela estendeu o braço até a torneira aberta e fechou o registro. Mariângela, encolhida contra a pia, tentando conectar pensamentos para logo desabarem na irracionalidade novamente. – Só pode existir uma.

As unhas pintadas cravaram entorno do pescoço com força. Sem conseguir se defender, Mariângela se via enforcada por ela mesma. Não conseguiu gritar socorro nem se livrar. A outra mão já ia auxiliar no esganamento. Ninguém entrava no banheiro, ninguém podia escutar o débil sopro que tentava ser um grito. Finamente os olhos começaram a fechar e os braços a pender, e o ar a se esvair.

A última imagem que Mariângela viu foi a foto do seu perfil virtual rindo.

Último dia

A vida se acaba. É uma sentença que parecia fútil a nós, que víamos tantos desastres todos os dias: bombas nucleares, genocídios e a programação de tv dos domingos. De alguma forma o milagre da vida sempre persistia... Não mais. Talvez eu esteja louco, depois de anos e anos somente com tubos de ensaio de companhia nesse imenso quadrado de concreto sujo, outrora um super caro e avançado laboratório. Sim, com certeza eu estou louco. É a única forma de agüentar; é a única explicação para o fato de eu estar com os olhos presos nesse microscópio e uma cueca metida na cabeça.

Vejo mais uma vez o vírus tomar controle das células humanas e se duplicar e se triplicar até gastar toda a energia do hospedeiro e finalmente estagnar. Descanso os olhos um pouco, massageando as pálpebras. O que há para se fazer, me pergunto? Dou uma volta pelo lugar, parando para chutar alguma coisa no caminho. Às vezes solto um grito:

AAAAAAAAAAAAAAAHHHHHHHHHHHHH

As paredes me respondem:

AAAAAAAAAAAAAAAHHHHHHHHHHHHH

O meu estômago reclama: EEEERRGGG!

O bom e velho diálogo de todo dia. Comer pelo menos é algo fácil de resolver, mas não exatamente prazeroso. Não. O que sobrou aqui são enlatados de uma mistureba de proteínas e vitaminas essenciais com gosto de diabo estragado. Cientistas são inteligentes, porém péssimos chefes de cozinha! Deixo o meu estômago reclamando sozinho, enquanto continuo a caminhar entre as bancadas que correm ao largo do laboratório. Algumas delas contêm livros; outras, computadores capazes dos cálculos mais impossíveis do mundo. Aqui e ali também se encontram apetrechos químicos com líquidos coloridos e borbulhantes e inúteis.

Era tudo o que um cientista louco poderia querer, mas a pergunta persiste assim como os meus passos: O que há para se fazer? As opções já haviam se esgotado, até rezar, eu rezei! Até coisas escatológicas como olhar no microscópio plantando bananeira ou tacar Omo Multi-Ação em cima do vírus. Fui um prepotente ao acreditar que, me trancando com algumas bugigangas, um belo dia sairia pela porta com a cura e a possibilidade de segurar um prêmio Nobel e uma super-modelo em cada mão.

Interrompo os meus pensamentos para ver aonde as pernas me levaram. Estava diante do portão de aço reforçado, parecido com esses que se vê em cofres de banco. Além dele, ficava uma escada; além da escada, uma outra porta. Além dessa porta, já não sei mais. Ao meu redor

o silêncio do ronco das máquinas que mantinham o ar circulando e refrigerado, as responsáveis pela manutenção do meu tédio. Eu podia ficar ali e continuar a busca por uma cura para humanidade, mantendo a chama da esperança, sacrificando-me por um futuro ou... Foda-se! Vou sair dessa merda. Talvez lá fora eu encontre alguma revista pornográfica, ao menos!

Rodo a trava da fechadura que parece o mastro de um navio e abro passagem. A subida da escada é longa, pois o laboratório fica uns 50 km abaixo do solo. O ar ali é pouco. Já nos primeiros degraus a minha respiração se torna difícil, me obrigando a diminuir o ritmo e descansar de vez em quando. Começo a pensar no que era a minha vida antes, os dias passados no porão da mamãe jogando vídeo game e lendo histórias de zumbi. Acho que troquei um porão por outro no final das contas. Lembro dos colegas do Departamento de Ciência Muito Difícil e Com Números Quebrados da Universidade de Botucatu, todos competindo para ver quem seria a maior revelação científica da vila, mas só eu consegui dominar a tabuada e a arte de roubar a pesquisa dos outros. Todos agora deviam estar mortos. Só eu restara debaixo da terra. Agora era hora de emergir. A última porta estava ali.

Coloco as mãos sobre a fronte para proteger os meus olhos e me acostumo a luz avermelhada de fim de tarde que preenche o vão. Ao meu redor, um terreno baldio, o silêncio. Um silêncio muito diferente. Não se ouvia o som de insetos, nem o farfalhar das plantas; era o silêncio de-

pois do ponto final, quando se chega a última página. Era o silêncio que não pronuncia, nem prenuncia mais nada.

A minha vista percorre árvores secas e casas escuras e abandonadas. Segui até essas construções, mas só encontrei corpos esqueléticos que não mais andavam, largados na rua. Já havia entendido tudo, mesmo assim não parei. Cheguei até a minha antiga moradia, onde agora só a poeira morava. Encontrei alguns livros e revistas os quais coloquei seguros no braço junto de uma cadeira de praia velha. Subi tudo para o telhado e ali assisti o Sol cair naquele mundo extinto, sabendo que tudo que restava era fim, e eu tinha ingresso para assistir da fileira da frente.

Péssimo dia de trabalho

A porta do apartamento bateu com força. Era Carlos. Ia de cômodo em cômodo, gritando pela esposa, "Marcela!". Olhou na sala, foi para cozinha e, enfim, ouviu uma resposta.

– Fofuxo?

Ele voltou para sala; os pés numa guerra particular com o chão que achava não merecer aquele tratamento por ser um chão muito inteligente e bem criado, onde muitos outros pés mais bem apessoados adorariam pisar. Lá, no outro lado do cômodo, estava sua bela esposa com seus longos cabelos loiros, seu vestido branco e sua pele mais branca ainda.

– Marcela!

– Calma, meu bem. – falou preocupada, aproximando-se do marido – Que aconteceu?

A boca dele se abriu, mas só conseguiu soltar um grunhido agudo. Virou-se para a parede apoiando nela numa postura dramática com os dedos da mão livre enfurnados no cabelo.

– Fala pra mim, fala – disse sua mulher carinhosamente, pousando a mão em seu ombro.

O homem voltou-se para sua mulher novamente, numa raiva controlada.

– Marcela... – falou – Você não sabe o despautério que sofri no trabalho!

– Pois me conte.

– Pois bem. De manhã, quando cheguei lá, as coisas já estavam estranhas. O pessoal não me olhava nos olhos, mal falavam comigo. Pensei, deve ser desânimo do início de trabalho, nada de mais!

– Mas não era?

– Ah Marcela, Marcela! – Carlos começou a dar voltas pela sala. – Meus pensamentos se provaram totalmente errados! Aqueles canalhas!... – bufou.

Decidiu se sentar num sofá. Marcela sentou-se ao seu lado, mas logo ele se levantou. Carlos decidiu, então, fazer flexões de braço para se acalmar; contudo, logo na segunda, caíra de maneira retumbante no chão, que ficou novamente chateado por mais esse maltrato e decidiu que iria ficar parado o dia inteiro de greve. Logo, o chão percebeu o quão contraditório estava sendo e se satisfez em ficar chateado.

– Fofuxo, levanta daí. Assim acaba resfriado – pediu Marcela, puxando o homem pelo braço e o guiando para o sofá.

Ela fez uma carícia no rosto do marido e continuou:

– Mais calmo agora? Quer continuar a história?...

– Sim... Então... o dia passou lá no trabalho sem que uma palavra fosse dirigida a mim. Quando eu me metia

em alguma conversa, o assunto morria. E você sabe que eu tenho fama de ser divertido!

– Estranho... – surpreendeu-se Marcela.

– Pois é! Daí, concluí que não era desânimo com trabalho. O problema era comigo! –Carlos bateu com a mão no peito – Depois de um dia inteiro sendo tratado daquele jeito, me estressei e fui ver o que diabos estava acontecendo. Aí cheguei pro Haroldo, desse jeito mesmo, "Vocês não acham que estão sendo mal educados comigo?". Daí ele respondeu, "Deixa disso, Carlos! Cê sabe que a gente não faria isso." Eu não aceitei a conversinha e insisti: "Como explica isso? Agora mesmo vocês mal me olham nos olhos!! Aí tem algo!". Aaaah, mas aquele mentiroso continuou a negar, daí perguntei pro Armando e pro Maurício, e os dois na mesma. Nem parecia que a gente já havia tomado chope junto! Desgraçados!

– Gente! – falou Marcela no seu contínuo basbaque.

– Mas o pior ainda estar por vir, querida. O pi-or! – anunciou Carlos, jogando as mãos para o alto e as baixando até seus joelhos, onde os dedos permaneceram com as unhas arranhando o tecido. – Não desistindo da discussão, disse pro Haroldo, com os nervos já a flor da pele, "Pô, tem cabimento?! Me tratam assim depois de ter chamado vocês para ir na minha casa, conhecer a minha esposa e servir um ótimo jantar? Me diz Haroldo, como pode uma sacanagem dessas?" A coisa piorou, todo mundo ficou mais quieto, a não ser pela risada cretina do Dinho, aquele garoto novato que não gosto.

A mulher parecia mais tensa. Enquanto Carlos falava, ela esfregava as mãos, remexia-se na cadeira, mordia os lábios e desviava o olhar. Ele, concentrado em suas palavras, não notava é claro.

– Foi então – continuou Carlos – que Haroldo disse, "Olha, Carlos, já que você não quer parar com isso, então vou te dizer, porque sou seu amigo." Mandei, desconfiado, ele falar logo, e veja só o que me disse, "Carlos, o problema é a sua mulher." Isso mesmo. Fiquei irritado! Falei pra ele que você era uma santa e que não existia pessoa mais perfeita do que você. – Marcela coçou o pescoço. – Aí ele veio com uma explicação mais doida, que, justamente, você era perfeita demais e que achava isso estranho, e que no jantar havia visto a verdade. Chamei ele de louco, ele respondeu que eu é que era louco e que eu passei o jantar inteiro falando com nada, imaginando uma mulher que só existia em minha cabeça. Fiquei boquiaberto, querida. Imagina só, que afronta! Depois dessa eu saí aos barrancos e, Deus ouça minha palavra, não volto mais lá. Se voltar, vai ser pra dar uma coça naquele viado!

Marcela o olhou numa expressão de constrangimento, os olhos marejados encarando algum ponto insignificante do sofá. Seu marido, preocupado, segurou sua mão.

– Que foi, querida? Se soubesse que ia te chatear, nem teria contado.

– Ai, querido... eu sou uma pessoa horrível! – as lágrimas escorreram pela sua pele pálida.

– Não fala assim.

– Pois eu sou.

Não é; Eu sou; Não é; Eu sou; Não é; EU SOU, CARALHO!

Carlos se recolheu num canto do sofá.

– Desculpa... é que preciso te contar um segredo que guardei nesses anos todos de casados...

– O quê? – assustou-se Carlos.

– Eu sou... er... um fantasma...

– Um fantasma?!

– Na verdade, prefiro forma protoplasmática de pós-vida.

– Quê?!

– Veja.

Lentamente, para que Carlos pudesse observar os seus movimentos, ela atravessou a mão através da parede, sem que essa desse licença. Com a mesma calma, ela retornou a mão para o lado deles.

– Viu?

Os dentes dela morderam apreensivos os próprios lábios. Carlos a olhou sério, mas acabou desatando numa gargalhada.

– Hahaha! Que lindinha! – riu ele, passando a mão nos olhos para limpar as lágrimas – Aprendeu um truque de mágica só pra me deixar alegre!

– Er... ai... olha, não é bem isso... tô vendo que vou ter que fazer aquilo...

– Aquilo?

De costas para Carlos, Marcela abaixou a cabeça, es-

condendo-a dele, e assim ficou por alguns instantes. Carlos, preocupado com a esposa e preocupado com o Jornal Nacional que estava perdendo na TV, decidiu tomar alguma atitude. Pousou a mão nas costas dela e a chamou:

– Querida?

E então aquilo aconteceu. Mais precisamente, aquilo era uma coisa levemente parecida com a sua esposa, só que com olhos que soltavam das órbitas, uma boca cheia de dentes afiados que causaria inveja a um tubarão e um cabelo altamente alternativo, pois era feito de muitas cobras. Instintivamente ele fez o sinal da cruz e invocou a sua mamãe. A coisa à sua frente sacudiu violentamente a cabeça, transformando-se, aos poucos, na sua amada mulher. Ela evitava o seu olhar.

– Você fant é guh.... quer dizer... er fantasma? – balbuciou ele.

–Er... forma protoplasmática de pós-vida.

– Mas eu... nós... – interrompeu ele – nós fizemos... você sabe...

– Na verdade... bem... tecnicamente... – ela arriscou olhar para Carlos, mas sua cara de pânico a fez desistir logo – você ainda é virgem.

– Mas nós sempre... e ... todos esses anos... não pode ser! – Carlos colocou a mão na boca e se levantou, afastando-se da morta.

Marcela segurou o choro, pois não tinha arrependimentos. Oras, só porque ela não quis ir para o outro mundo como os pais sempre queriam, só porque preferiu seguir

um estilo de vida diferente, não significava que não merecia ser feliz. Além do mais, foi só uma mentirinha à toa... que durou alguns anos....

– Se você quiser se separar de mim, eu entendo – disse para o marido encoberto pela sombra de uma estante. – Eu faria o mesmo.

A figura dele saiu das sombras e falou

– Separar? Eu tenho 40 anos, não gosto de festas, sou pobre, não vou conhecer ninguém a essa altura.

– Mas...

– Olha, eu vou pra rua encher a minha cara e é bom você estar na cama quando eu chegar.

– Okay!!! – confirmou Marcela, sorridente.

Marcela e Carlos continuaram juntos para sempre, mesmo depois de ele ser internado no hospício. Possuem planos de adotar pequenas formas protoplasmáticas de pós-vidas, uma de cada dimensão espiritual, e andam pensando em montar uma firma que realiza encontros entre solteiros e mortos à procura de uma existência menos solitária. Aqueles que conhecem o casal, na maior parte médicos – apesar desses considerarem Marcela uma psicose – e mortos, sabem que eles são uma prova da eternidade do amor.

E se o nazismo fosse criado aqui no Brasil?

Nota histórica

É o ano de 1930. A população está insatisfeita com o governo da aristocracia cafeeira. A crise econômica, a desigualdade social e a falta do que fazer no final de semana começam a popularizar ideias socialistas e anarquistas no meio da população. O Brasil está prestes a entrar em caos. Eis que surge a força para trazer o país de volta ao eixo e a glória de seus antepassados, que cruzaram mares nunca dantes navegados. O Partido Social Democrático, liderado pelo Sr. Adolfo Hilário, faz o discurso que mudaria a vida da nação...

O Discurso

Do alto da sacada do prédio, o capitão Adolfo Hilário mirava as pessoas na rua e sorria. Existem muitas coisas a ser ditas sobre essa grande personalidade, mas talvez a mais importante é que ele não era capitão. Apenas achava o título legal. Na verdade, há alguns dias atrás ele era só

um cara no botequim que ficava falando sem parar sobre o que os governantes deviam fazer. Irritava-lhe o fato de que ninguém o achava incrível, apesar de ter certeza de que o era. Foi após algumas pingas que decidiu finalmente que havia algo de errado com todo mundo, principalmente os negros e judeus, e que as coisas seriam melhores se simplesmente se tornasse o presidente do Brasil. Assim, as pessoas teriam de aceitar o quão incrível era. Alguns minutos depois, contou a ideia para dois amigos no bar. Bêbados como estavam, não precisou de muita retórica para convencê-los. Agora estavam os três ali, diante da multidão – ou pelo menos de um pequeno grupo – usando fardas puídas, compradas numa loja de fantasias na Rua da Alfândega.

Eles levantaram energicamente a mão num cumprimento que deveria ser icônico, mas ,devido ao espaço restrito – para não dizer apertado – da sacada, acabou com o capitão sendo acertado na cabeça pelos companheiros.

– Imbecis! – gritou o capitão tentando atingir os dois, embora eles muito indisciplinadamente se desviassem das emendas – Ratos! Ordeno que parem de se desviar dos meus golpes!

– Desculpa, chefinho, foi sem querer – falou o mais baixo. – É que aqui tá um aperto.

– É chefe, desculpa aê! – falou o outro, cujo tamanho do corpo era desproporcional ao cérebro atrofiado.

– Nada de biscoitos para vocês depois do comício! – sentenciou Adolfo Hilário, severo.

Os dois baixaram a cabeça para o capitão, que respirou fundo e se voltou para sua plateia. Estava um pouco menor do que antes, mas ainda tinha algumas crianças, um mendigo e uns dois homens mais distintos. Tossiu um pouco para atrair atenção. Era hora do show.

– Irmãos e irmãs brasileiros! Venho aqui anunciar que esse país chegou ao fundo do poço! Nós demos dinheiros aos poderosos, mas os poderosos nos deram dinheiro?? Não! Tão lá na fazenda deles, em São Paulo! tomando café com leitinho, rindo de gente que trabalha o dia inteiro. Gente que nem eu, que nem vocês; gente trabalhadora que ajudou a construir esse mundão que é o Brasil. Agora, você vê os negros... Hoje em dia tem mais direito do que a gente, donde já se viu? Não fazem nada o dia inteiro pra ninguém! Se não é pra trabalhar, deviriam é voltar pra África!

O capitão ergueu a mão num gesto firme triunfal e fez uma pausa na qual esperava ouvir murmúrios concordando ou mesmo palmo, em vez disso um distinto senhor aproveitou para fazer um comentário.

– Mas o senhor é negro.

– Hum? – Adolfo se inclinou sobre a sacada – Desculpa... Acho que não ouvi.

– Pois repito: eu disse que o senhor é negro.

Algumas pessoas assentiram com a cabeça, mas Adolfo Hilário só deu uma risadinha e trocou alguns olhares com seus subordinados, como se tivesse acabado de ouvir alguma piada.

– Não sou negro. – retrucou – Sou queimado!

E os capangas apoiaram: É verdade. o chefe é queimadinho! Ele gosta de ir para a praia.

A discussão porém não terminou.

– É negro, sim, senhor! – continuou o cavalheiro – E, segundo você mesmo, deveria ser deportado para a África!

– É melhor o senhor guardar esse palavreado... ou você vai direto para a minha Lista hein. Já vou avisando...

Uma senhora ao lado se intrometeu argumentando que ele não era mesmo negro, e sim moreninho igual à filha dela, um negócio totalmente diferente. E uma discussão começou a se armar, com um mendigo tirando a roupa e gritando "olha eu, olha eu". Adolfo Hilário se pôs a gritar e gesticular até chamar atenção das pessoas.

– Olha, esqueçam os negros, está bem! O problema mesmo é que nesse país todo mundo trabalha, mas quem ganha dinheiro são os judeus! E vai pedir emprestado alguma coisa prum judeu!...

– Chefe, posso contar uma piada que lembrei agora?

– Agora não! – ralhou Adolfo com o canto da boca, sem mudar sua atenção – Os judeus...

– Peraí, peraí! – interrompeu mais uma vez o distinto senhor.

– Você... de novo!

– Você ta falando do seu Isaac, lá da esquina?

– Isaac, Samuel, Jesus, tanto faz! É tudo judeu mão de vaca! – afirmou Hilário.

– Mas todo mundo adora o seu Isaac, não é pessoal?

Todas as quatro pessoas assentiram com a cabeça.

– Alguém falar de mim? – perguntou um judeu de 60 anos, com direito a chapéu e cabelo encaracolado caindo pelos lados.

– Isaac, falaram aí que todos os judeus são mãos de vaca e que tão roubando o dinheiro do país.

– Isaac não rouba! Isaac é bom homem!

Aquilo não era exatamente o que Adolfo Hilário esperava. O que ele esperava era o seguinte: Adolfo ia até a sacada e falava algumas coisas muito sábias sobre genocídios. No fim, o povo o aplaudia e o louvava. Depois seria carregado pelos braços da população em festa para a sua cadeira na Guanabara, onde iria receber um por um todos aqueles que o achavam idiota e os obrigaria a escolher entre a pena de morte ou falar como ele era legal. E a noite seria reservada para a orgia com as virgens mais belas da cidade. Estava ficando seriamente irritado. E, quando aquele judeuzinho o chamou de merda e o mandou descer para mostrar que era homem, ele desceu.

Desceu as escadas, e desceu até o chão no primeiro golpe. Estava inventado o krav maga.

Após certo tempo inconsciente, os olhos do capitão abriram-se novamente e ele viu os seus dois companheiros o olhando preocupados. Levantou-se com esforço e olhou em volta, havia sido tirado da rua e levado para calçada, debaixo de uma marquise.

– Cadê o povo? – perguntou.

– Foi todo mundo embora, chefe.

– Todo mundo?

– É... ficaram as crianças.

O subordinado grandalhão saiu da frente e deu espaço para três crianças, que acenaram para Adolfo Hilário – não todas, pois uma se ocupava em lamber um pirulito grande o bastante para lhe cobrir boa parte do rosto.

– Elas querem fazer parte do clube – explicou o grandalhão.

– Não é um clube! – gritou o líder – É um partido, é algo sério!

– Elas disseram que podem contribuir...

Hilário se aproximou um pouco do capanga.

– Contribuir quanto?

– Dá para uma garrafa...

– ÓTIMO! Crianças, bem-vindas ao Clube Social Democrático!

Nota histórica

Em 1932, os pais das crianças descobriram onde elas estavam gastando a mesada e as colocaram de castigo, denunciando Adolfo Hilário e seus seguidores para a polícia. O Partido Social Democrático Brasileiro nunca mais voltou.

A estranha aventura de Januário Fortuna

No mundo existem maravilhosos tesouros. Eles estão perdidos entre múmias de antigos imperadores, fechados debaixo de escombros, escondidos no coração de florestas impenetráveis. E ninguém melhor para encontrá-los do que Januário Fortuna, destemido aventureiro, conhecedor dos mais profundos mistérios da humanidade, capaz de encontrar qualquer coisa pelo preço certo e conhecido no mundo da moda por seus chapéus berrantes.

Em sua última missão, ele se encontrava no interior de um templo subterrâneo chamado de Kakaroth, que significa na língua da tribo local como "Um lugar muito perigoso onde forasteiros não devem entrar". É uma tribo muito pouco inventiva nos nomes. Armado apenas de faca e revólver e vestindo um chapéu com plumas de pavão, ele passou rapidamente pelos guardiões do portal, que compensavam o seu total desconhecimento de armas de fogo com a habilidade de cantar. Mas Januário não foi seduzido facilmente pelas vozes de veludo dos nativos. Os seus

ouvidos estavam protegidos por fones ligados a um mp3 que tocava música pop sem parar. Mal tiveram tempo de terminar "The lions sleep tonigh", os selvagens.

Os guardiões, contudo, não eram a única ameaça. Para encontrar o que procurava, Januário teria que passar por 3 desafios para testar a sua coragem. O primeiro de todos: *a Sala dos Guias da Perdição.* Nela se encontravam passagens para diferentes corredores, das quais apenas uma levava ao tesouro; e vários guias turísticos endividados prontos para levar Januário num tour pelo templo.Eles puxavam seu braço, agarravam sua camisa, lhe mostravam panfletos com fotos.

– Venha conhecer o quarto das orgias, onde múmias podem ser encontradas em posições eróticas – dizia um.

– Faça o caminho dos sacerdotes e durma na masmorra dos sacrifícios por apenas $ 100 – dizia outro.

– Próxima parada: loja de recordações – dizia mais um.

Januário disparou a sua arma para o alto, fazendo com que os guias se dispersassem e pedregulhos caíssem em seu chapéu. Com o caminho limpo, voltou a seguir para uma passagem escura no canto do salão, a única que não possuía tour. Os guias continuavam a empurrar e puxá-lo, e ele tornava a atirar para o alto. Sem se desviar, chegou a seu destino. E bem em tempo, pois no seu revólver já não havia mais balas.

A passagem o levou para um corredor parcamente iluminado. Só se via a luz irregular de uma chama bem

ao fundo, um distante ponto laranja. Apoiou a mão na parede suja e através do tato atravessou a escuridão em pequenos passos. Volta e meia, besouros e insetos com mais patas que um homem seria capaz de contar passavam por cima de sua mão. Ele não a recolhia com receio de perder o senso de direção. No ar, havia um estranho zumbido que aumentava quanto mais se aproximava da luz. Logo os zumbidos se tornaram vozes carregadas de um estranho tom de reprovação e essas vozes tornaram-se palavras discerníveis. "Horrível" "Com ele?" "atitude" "misterioso..." "Rá!"

O volume se tornou extraordinariamente alto de forma que naquela má iluminação parecia haver centenas de pessoas a sua volta. As mãos que deslizavam pelas paredes de repente encontraram apenas ar. Os pés pararam centímetros antes de caírem num abismo. Do outro lado, havia uma tocha que brilhava forte e jogava uma luz bruxuleante nas donas das vozes, no fundo do abismo.

Ali, várias senhoras, gordinhas, de braços cruzados, o olhavam com cara de reprovação. Pois aquele era *o Fosso das Sogras Reprovadoras*. O homem que caísse ali seria tão aporrinhado que seus testículos encolheriam e a visão de qualquer outra mulher se tornaria insuportável até que um dia ele se transformasse em mais uma sogra do fosso.

– Olha aí quem vem? Ele pensa que pode chegar aqui dessa forma, nem marcou nada, agora deve ta esperando que cozinhemos algo! E olha como se veste! Com certeza deve ser algum criminoso!

– Hum? – disse Januário olhando para baixo meio confuso – Alguma de vocês saberia dizer como chegar do outro lado do abismo?

Elas viraram uma para outra e discutiram indignadas.

– Veja só, que postura! Vem cá, você tem algum trabalho ou passa o dia invadindo templos privados?

– Bem, na verdade eu tenho um emprego como um prestigiado professor universitário.

Elas se calaram por um tempo e de repente um piso se ergueu no que antes era vazio. Parecia parte de uma ponte até o outro lado. Januário observou o fenômeno intrigado. Deveria haver um mecanismo por trás de tudo. Seu raciocínio foi atrapalhado por novos gritos das mulheres.

– Ah sim, ele é um grande professor, nossa! Mas conhecemos esse tipo de pessoa, prefere ficar com as caras nos livros ou caçando antiguidades do que ficar com sua esposa! É o tipo de gente que não está aí para ter filho, e eu quero netos! – disse uma sogra.

Sim! Exatamente! Falou e disse! – concordaram as outras.

– Pois saibam que meu sonho é ter filhos! – contra-atacou Januário, fingindo um semblante desolado – Por isso às vezes é tão difícil achar a mulher certa. Elas só querem saber de carreira, é uma tristeza esses tempos modernos... gosto mais de antigamente.

Um novo piso se ergueu e a sobrancelha direita de Januário também. O mecanismo estava agora claro em sua mente. Pulou do primeiro para o segundo piso. E olhou

novamente para as mulheres. Em seus rostos, a reprovação se mostrava em dúvida. Ele deu um sorriso charmoso para elas.

– Sabem, vocês são muito bonitas, agora eu sei de quem as filhas de vocês puxaram!

Vários risinhos brotaram e mais dois pisos apareceram.

– E um dia desses vocês tem que ir na minha casa para um almoço. Vão adorar, fica longe da cidade, tem esse quintal espaçoso com um jardim. Sempre fico imaginando crianças correndo por ali.

Outro piso.

– E eu cozinho um ótimo espaguete à carbonara.

Quando Januário Fortuna atingiu o outro lado do abismo, as sogras estavam dóceis e lhe acenavam com pedidos de volte logo. Perto da tocha, ficava uma longa escada bem iluminada. Subiu sem dificuldades, mas alarmado. Elas davam para um grande salão. Ali não havia as paredes rústicas feitas de grandes pedras levantadas há muito tempo atrás. Não, ali era muito mais parecido com a área recreativa de um hotel de luxo. Havia sofás juntos de uma televisão de plasma, frigobares, buffet, fliperama, computador com acesso à internet banda larga, tudo que alguém reza para encontrar depois de ficar 3 dias no meio do nada, dormindo no chão de terra. Januário foi se aproximando do sofá devagar, a boca seca, com medo que um movimento súbito assustasse aquela imagem. Mas a proximidade trouxe um aspecto sinistro do lugar. O sofá se

encontrava ocupado por um esqueleto e sua caveira caída no lugar ao lado, cheia de vermes. Em uma de suas mãos ossudas, repousava um controle remoto. Provavelmente morrera assistindo televisão. E não era só isso. Sob o teclado do computador havia um esqueleto debruçado, logado ainda ao chat da uol; perto do fliperama, um amontoado de ossos; e, na jacuzzi jazia um cadáver enrugado. Era necessário sair dali, pois aquele não era qualquer salão, era *a Armadilha das 332 Distrações*, da qual nenhum invasor jamais saíra vivo.

A porta estranhamente se encontrava em vista, perto e sem qualquer obstáculo. Era de madeira envernizada, bem simples e parecia zombar de Januário. Como se duvidasse de sua obstinação. E eu sei que você deve estar pensando, esse homem que já encarou a morte tantas vezes e lhe deixara embaraçada, nunca cairia em tal armadilha. Porém, talvez seja bom olhar para os seus pensamentos. Em sua cabeça, Januário se perguntava, que mal seria uma olhada rápida em seu e-mail. Seria questão de segundos. Clicar aqui e ali e fechar, pronto! Uma olhadinha de nada. Afinal, ele não queria deixar ninguém irritado à espera de alguma resposta sua. Logo os seus pés iam em frente, mas o resto do corpo se voltava para o computador. Ele parou antes que algum acidente acontecesse e esperou até todas as partes chegarem a um consenso. Elas decidiram, com apenas um voto contra, dar uma espiada nos e-mails.

Esqueleto desalojado, e-mail acionado. Anúncio de aumento peniano, pagamento digital, um catálogo de chapéus, um aviso do Facebook dizendo que é aniversário do seu primo. Claro, precisava dar os parabéns para ele, senão ficaria super chateado e Januário estava muito perto de completar 200 amigos para arriscar ser excluído. Ele entrou, então, no Facebook. E no Facebook alguém dizia que curtiu muito os seus chapéus. Era uma garota bonitinha e logo ele estava escrevendo alguma coisa para ela e a adicionando no twitter, que aliás estava cheio de tuites novos, mas são curtinhos né, o que custa ler?

6 horas depois, ele estava baixando toda a filmografia de Spielberg em HD, vendo um site pornográfico, lendo um ensaio sobre chapéus e personalidades e conversando com alguém na webcam. E ele ficaria toda a eternidade ali se um hacker abençoado não tivesse invadido o computador. Enquanto janelas abriam e fechavam aleatoriamente no monitor, Januário saiu do seu transe. Ele olhou ao redor e para o seu relógio de pulso. Assustado se levantou derrubando a cadeira. Tinha de sair dali. Voltou-se para a porta, fechou os olhos e foi até ela. Ignorou o seu entorno. Concentrou-se na porta e apenas nela. Andou até bater na madeira. Tateou até encontrar a maçaneta. Girou, abriu, fechou atrás de si o mais forte que pôde. Estava a salvo, assim pensava.

Havia chegado a uma câmera bem menor com um altar. Em cima do altar, o seu tesouro. Era a relíquia mais feia e tosca já criada, fruto do esforço incomum dos Balabongas para criar um objeto de arte sofisticado. Eles eram uma tribo prática sem muito senso estético, que se divertiam contando árvores. Após serem esnobados por outras

sociedades cheias de esculturas de madeira ornamentadas e balangandãs, reuniram um conselho de arte para demonstrar que também tinham cultura. Depois de anos de muita frustração, pegaram um pedaço de madeira desenharam dois olhos e uma boca e começaram a adorá-lo como a imagem de Deus. Inexplicavelmente em seguida, eles foram vítimas de uma calamidade climática, que quase os dizimou. Os sobreviventes esconderam a sua grande obra no templo para protegê-la das intempéries e do risinho de outras tribos. Logo se tornou o pedaço de madeira mais procurado por colecionadores.

O pagamento que Januário receberia por aquela raridade seria equivalente ao PIB do um pequeno país de terceiro mundo. A avidez foi tanta que só percebeu que havia outra pessoa na sala quando ela disse:

– Posso lhe ajudar?

Era um homem de meia idade muito bem vestido, usava terno e gravata, e carregava uma maleta. Januário puxou sua arma, apesar do homem não apresentar ameaça e lhe dar um sorriso bastante amigável.

– Não acho que vamos precisar disso - ele apontou para faca – certo?

– Januário o observou mais detalhadamente, sem baixar a faca. Não havia sinal de armas, mas podia ter algo escondida na mala. O homem de terno percebeu.

– São só papéis. Não precise se preocupar – ele disse e puxou algo do bolso de seu paletó – Acho que devo me apresentar. Eu sou um advogado.

Ele passou o cartão. Apolônio Cadafalso, o advogado que você pode confiar.

– Como diabos você entrou aqui?

– Pela porta dos fundos.

Ele apontou para uma pequena porta atrás do portal com uma placa de volte sempre.

– Veja bem... senhor Fortuna acredito?

Januário confirmou com um aceno da cabeça.

– Certo. Muito prazer. Eu trabalho para uma Ong que defende a preservação da cultura regional e eu devo dizer que se o senhor retirar essa peça, estará roubando um bem cultural, um verdadeiro patrimônio da humanidade, o que é um crime passível não só de multa, mas de prisão. E tenho certeza que o senhor não faria uma coisa dessas. Você é um homem de caráter, posso ver pelo seu chapéu.

– Mas veja bem... – Januário começou, sem encontrar muito o que contra-argumentar – eu passei pelos três desafios, me provei digno, tenho direito a essa relíquia mais do que qualquer um!

– Sim e eu entendo perfeitamente o senhor. E eu adoraria ajudá-lo, acredite! mas você deve compreender a minha situação, é o meu trabalho e a lei é a lei.

– Mas, mas isso... isso não é justo.

Januário Fortuna tinha que assumir: precisava de aulas de retórica.

– Talvez você se animaria se passasse na loja de recordações. Já foi lá?

– Não! Eu preciso levar esse coisa comigo! Vão me ma-

tar se eu aparecer com mãos vazias! E advogado nenhum vai me parar!

Rápido, ele avançou para cima do advogado, balançando a faca no ar de maneira quase enlouquecida.

– Opa opa! Senhor Fortuna, antes de mais nada talvez você devesse saber que tomei algumas providências. Há uma escuta comigo, toda nossa conversa está sendo transmitida e gravada por um amigo de confiança. Se a minha integridade física for de alguma forma prejudicada, ele tomará as medidas necessárias contra você. Uma situação que nós dois não queremos, com certeza.

Em sua imaginação Januário furava o advogado até transformá-lo em uma peneira e arrancava sua mão para enfeitar seu chapéu. Seria fácil, só que nunca mais poderia voltar para sua casa e sua vida de professor e para as universitárias. Largou a faca e baixou a cabeça.

– Ótimo ótimo! – disse o advogado lhe dando um tapinha nos ombros – Agora, com licença. Eu tenho trabalho a fazer.

Gentilmente, o aventureiro foi levado até a porta dos fundos e a sua busca teve fim.

Ou quase. De volta a selva, Januário Fortuna andava desolado. Havia até tirado o chapéu e agora sua careca brilhava sob os raios de sol que atravessavam as folhagens. Descarregava a sua raiva dando chutes no que visse pela frente: pedras, pequenos animais em extinção, tocos de madeira. Como poderia ele falhar depois de anos? O

que faria quando encontrasse com seus empregadores? A vida realmente não era como os filmes. Sentou-se no chão e ficou a pensar. Na sua frente, folhas se cruzavam numa mistura caótica. Um toco de madeira se destacava às suas vistas, encostado a uma pedra, para onde ele o havia chutado. Pareceu lembrá-lo de algo. Era feio, inútil, comum. O que seria? Subitamente seus poucos fios de cabelo se arrepiaram. Levantou-se, pegou a madeira e se abriu em gargalhadas.

Algumas aventuras terminam em explosões, incríveis fugas, tiroteio. Outras terminam com um pouco de tinta e muita mentira.

O detetive do ID

Era mais uma manhã abafada no escritório do doutor Sodomiro Pathos Puntos. Ele podia sentir o mundo a sua volta tremular de calor como uma estrada no deserto. O ar condicionado estava desligado e ele não sabia ligar. Quem ligava era a secretária... vinha sempre reclamando que era só apertar um botão. Ao que ele lhe explicava que não tinha feito faculdade de ligar ar condicionado, e sim de psicologia. O que era mentira, pois o seu diploma era falsificado. Dava para perceber a falsificação pois ele mesmo havia feito com lápis numa folha de papel ofício. Havia marcas de borracha onde ele tinha escrito o nome.

Cansado de cozinhar, Sodomiro foi até o telefone em cima de sua mesa requisitar os serviços da secretária.

– Sra. Frida, quero que você venha até o meu escritório tirar a sua roupa.

– Acho que isso não faz parte de minhas funções, doutor Pathos.

– Oras e para que eu pago você?

– Para aguentar esse tipo de piada.

– Ok, Frida, se você não quer vir ser assediada sexualmente, pode pelo menos fazer o favor de ligar aquela maldita máquina.

– Mas é só...

– Eu sei, mas tenho medo de ser eletrocutado!

– E eu não?

– Botox é isolante.

– Eu não uso botox!

– Devia!

– Doutor – disse ela, deixando cubos de gelo caírem da boca para o telefone – Tem uma cliente esperando para ser atendida. Acho que isso é mais importante, não?

– Ela sabe ligar um ar condicionado?

– Creio que todo mundo sabe.

– Mande ela entrar.

Linha fechada, telefone no gancho, doutor Pathos correu para trás da mesa para preparar a sua pose de efeito. Cigarro aceso na boca, pernas em cima do tampo da mesa, olhos entreabertos e atentos, com as sombras da persiana a hachurar o rosto. Mas se atrapalhara, não encontrou a cadeira e acabou se debruçando sobre o tampo, o traseiro arrebitado numa pose digna de revistas para adultos, e o cigarro torto na boca. A fumaça acabou tossindo. Foi nesse momento que a secretária abriu a porta, acompanhada de uma moça mais ou menos jovem, mais ou menos bonita, cujas roupas largas e de cores apagadas tornavam difícil definir melhor o físico.

– É a sra. Miranda.

Sodomiro respondeu com mais tosse e balançou a mão

como se dissesse “muito bem, pode ir”, mas a secretária já havia se retirado muito antes, só restando uma Miranda, aflita, sem saber o que fazer.

– Bom dia – ela disse.

Mais tosses e a palavra ar-condicionado entre elas.

– Como? – ela perguntou.

Sodomiro fechou os olhos, pigarreou como se tivesse um carburador no lugar da laringe.

– É para ligar o ar-condicionado, faz o favor.

A mulher ficou parada, perguntando-se se estava sendo testada de alguma forma, se a sua reação àquela pergunta decidiria se tinha algum tipo de distúrbio e se era afinal por isso que estava insatisfeita com a vida. O ar-condicionado era um símbolo para sua existência ou era só... um ar-condicionado?

– Você disse para ligar?.

– Sim, está quente aqui. A não ser que esteja com frio...

– Não. Tudo bem, vou ligar.

No final das contas era só um ar-condicionado mesmo. Besteira sua. Foi até a máquina que ficava no alto, fora de alcance, mas que era ligada a um interruptor mais abaixo. Virou a chave, houve um estrondo, e o aparelho roncou reclamando do trabalho forçado, aos poucos cedendo para o habitual ruído monótono desses aparelhos. Quando ela se virou novamente para o doutor, ele a observava sério, intrigado.

– O que foi? – ela perguntou, arrependida.

– Nada... só... – ele apertou as sobrancelhas, tentando discernir algo - peculiar.

Ficaram os dois ali; ele encostado na mesa, ela debaixo do ar-condicionado, piscando um para o outro, até que finalmente o doutor pediu à Miranda que se sentasse no divã e contasse a sua história.

– Eu não sei como começar. O doutor me desculpe, é que nunca estive com um psiquiatra antes.

– Nem eu. Mas pode ir falando que eu to prestando atenção.

Miranda não tinha muita certeza ao vê-lo dar uma mordida num sanduíche do mesmo tamanho de seu braço.

– Você vê, doutor. Eu tenho um marido, que é muito bom para mim e tenho uma vida boa. Tenho uma casa para morar, conforto... Na verdade, nem sei que faço aqui. A coisa é que... às vezes, eu fico me perguntando se não tem algo mais, sabe?

– Não faço ideia do que você está falando.

– Às vezes eu penso, a minha vida é tão...

– Banal? Estúpida? Desnecessária?

– Hum... eu ia dizer vazia. Eu fico pensando se eu não poderia arranjar um emprego, ou voltar a estudar. Mas fico com medo, e se eu estragar tudo? E se eu não servir para nada, ficar desempregada e o meu marido me largar? Ainda mais agora, que ele vive falando sobre ter filhos. Não sei se estou preparada, não sei o que fazer. O que eu faço, doutor?

O doutor Pathos ergueu a palma da mão em sinal de espera, enquanto mastigava um pedaço de sanduíche

muito maior que seu crânio. O som dos dentes triturando alimento se assomaram ao zum-zum-zum do ar-condicionado. A mão continuava erguida. Miranda trocou de peso do corpo no divã, esperando. O alimento recém-mastigado foi para garganta e ali ficou inchando a pele do pescoço num formato arredondado, até finalmente descer junto com um gole extra de saliva, caindo no estômago com um baque. Doutor Sodomiro limpou o suor do rosto.

– Eis o que vamos fazer! Quero que você conte até vinte carneirinhos em voz alta, lentamente, balançando este pêndulo – ele entregou um medalhão dourado preso a uma correntinha de metal – na minha direção.

– Você vai me hipnotizar?

– Não, você é que vai me hipnotizar, estou a fim de tirar uma soneca.

– Mas é um absurdo! – reclamou a moça a ponto de entrar em erupção.

O doutor Pathos olhou para os lados.

– Cadê?

– Eu estou te pagando é para me ajudar, não é para tirar uma com a minha cara!

O doutor sorriu.

– Tirar uma com a sua cara é mais engraçado.

– Quê?

– Vamos, se acalme – o doutor pousou a mão no ombro dela em busca de trégua; tirou a mão quando sentiu o cheiro de queimado, a mulher pegava fogo – É claro que vou ajudar.

– Então, não devia tá anotando ou dizendo alguma coisa froidiana.

– Minha querida, eu não falo froidiano. Mas tenho lá meus métodos, e não incluem papo furado.

– Pois é, cadê esse método todo? porque tenho mais o que fazer. Só vim aqui, porque me disseram que o senhor era muito bom.

– Claro, mas primeiro...

O doutor tirou um papel da gaveta e levou até o divã. Tirou uma caneta do bolso do paletó, apertou o botão que liberava a ponta esferográfica e entregou papel e caneta para a mulher.

– Assine isto.

– Por quê?

– Nada. Praxe.

Ela leu:

– Assumo responsabilidade por qualquer prejuízo a minha integridade psíquica... Como assim?

– Olha não é nada de mais. Alguém me indicou, certo?

Miranda acenou que sim.

– E o que essa pessoa falou sobre mim?

– Que você era esquisito e fedia a queijo.

– Eu não... Enfim. Ela disse alguma coisa mais?

– Disse que você curou ela de uma fobia... numa consulta só.

– Viu? Prometo a você: estará se sentido bem melhor em instantes. É só assinar, não se preocupe.

Miranda, de caneta e papel na mão, encarou-o como se ele escondesse uma torta atrás das costas. Ela poderia ir embora, mas e depois? Não teria coragem de procurar outro analista. Tomara todas as precauções do mundo para não ser vista entrando no prédio, inventara ao marido a mentira de que ia na manicure só para estar ali. Suspirou e assinou o acordo. Mal terminou, o papel lhe foi tirado pelo doutor.

– Ótimo! Agora deite um pouco, procure relaxar.

Miranda deitou no divã almofadado como se deitasse numa cama de pregos.

– Você não parece muito relaxada, mas tudo bem. Feche os olhos.

A muito contragosto os olhos se cerraram e ela mergulhou na escuridão portátil que todos trazemos. Sentiu-se frágil, o mundo tátil parecia ameaçador, a superfície macia e áspera do tecido do divã parecia querer tragá-la. Uma pressão se formou em sua boca, forçando-a a abrir. Assustada voltou ao mundo visível. Em cima dela, estava o doutor Pathos, os braços flexionados se encontrando na sua boca, onde as duas mãos ocupavam-se de cada maxilar, afastando o superior do inferior cada vez mais. Gemeu desconexamente, enquanto debatia-se, tentando se livrar.

– Calma calma – dizia o doutor.

A cabeça ia mais para trás quanto mais abria boca. Era inumano; ele achava que sua cabeça era tampa de baú? Já dava para passar uma bola ali dentro e, quando tudo parecia não poder piorar, o doutor enfiou uma perna com

sapato e tudo ali dentro. Era para ter atravessado a cabeça de Miranda, arrancando seus miolos, mas a perna simplesmente desapareceu como o truque do coelho na cartola. Sem aliviar a pressão do maxilar, o doutor enfiou a outra perna, que sumiu igual a anterior.

– Ótimo ótimo.

Aquilo parecia para ele extremamente normal.

– Espero que tenha feito uma boa higiene bucal.

– HUUummmmm- ela gemeu.

– Ok... Você vai sentir um leve desconforto.

Dito isso, ele se debruçou para dentro, com cuidado para evitar os dentes. Afastando mais seus maxilares, o doutor desapareceu no interior da paciente.

– Agora, isso é que uma prisão limpa!

Doutor Sodomiro Pathos Puntos estava atrás das grades, mas se não fosse por elas, não saberia que estava numa prisão. Todo o resto dava a impressão de um quarto: as paredes verdes-claras, um armário, uma cama de casal com lençol brancos, um criado mudo ao lado com abajur e um retrato de Miranda com o marido. A própria Miranda estava sentada na beirada da cama olhando para ele confusa.

– Onde estamos?

O doutor andava de um lado para o outro, analisando as grades e o que havia além delas, um corredor escuro que ia em duas direções. Para onde elas levavam era impossível ver.

– No seu inconsciente – ele por fim respondeu.

– Meu inconsciente? – ela disse, experimentando a textura da cama, exatamente igual à textura da original. – Não parece.

– Sim, imagino que você tenha visto muitos inconscientes...

– O quê?

– Eu disse: imagino que você não se incomodaria de se levantar – o doutor sorriu.

– Não... – ela se levantou. – Por quê?

O doutor deitou-se imediatamente na cama, abrindo os braços e as pernas, em forma de estrela, ocupando completamente a área do colchão.

– Me deu uma canseira – ele disse.

Enquanto o doutor se esparramava, Miranda foi até a foto em cima do criado-mudo. Já a conhecia. Tinha uma exatamente igual no seu quarto de verdade. Estava ela e o marido na praia. Sorriam para a câmera, mas a viagem não fora alegre. Discutiram boa parte do tempo, principalmente por causa da possibilidade de ter filhos.

– O que significa isso? Como vamos sair?

O doutor Pathos tirou dos olhos o tampão que havia colocado para afastar a luz e voltou-se para ela.

– O significado é meio óbvio, e como vamos sair só depende de você, a jaula é sua. É só querer sair que saímos.

– Como?

– Me imagina com uma serra, sei lá. Mas é bom ser

rápida, estou cobrando os segundos.

Ela olhou para as barras de aço maciço e para as sombras além.

– Mas não sabemos o que tem fora daqui, pode ser perigoso.

– Perigoso, talvez. Mais tedioso, improvável.

– E... e... eu tenho roupa para passar.

Ela apontou para uma cesta de roupas que apareceu ao lado de uma tábua com um ferro em cima.

– Ah será que você pode passar as minhas calças? – disse o doutor Pathos, se livrando do algodão com a maestria e rapidez de um stripper enquanto Miranda tapava os olhos.

– Ora, abra os olhos, mulher. Se quiser permanecer aqui, terá que se acostumar com a visão do paraíso. Agora vamos, passe logo! estou ficando com frio. Hum.... – Houve uma breve pausa para a investigação das pernas brancas com pelos arrepiados, em principal as partes internas da coxa. – Acho que vou aproveitar para me depilar. Tem gilete?

– NÃO!!!! – gritou – Vamos sair daqui!

– Ótimo!

– Mas coloque as calças antes!

Devidamente vestido e novamente em pé, doutor Pathos Puntos pediu espaço. Com uma caneta que retirou do bolso do paletó bateu nas grades, algumas fizeram um barulho meio surdo, diferente do tinido de metal. Forçou-as, elas se desfizeram como se fossem feitas de

cinzas. Um espaço para uma pessoa passar de lado se abriu.

– É só achar o elo fraco – ele disse, deixando Miranda ir na frente, com um curvar cerimonioso.

Sabia que a terapia estava longe de acabar. Havia entrado em mentes demais, visto os vários mecanismos que as pessoas usavam para entravar suas vontades. Já encarara Deus inúmeras vezes em discussões teológicas, e até mesmo em duelos de guarda-chuva. Já caíra na garra de fobias sem formas e percorrera armadilhas feitas de culpas para chegar no âmago das pessoas. Por isso, quando saiu para o corredor, e sentiu o chão tremer e pedras caírem ao redor, apenas bocejou.

– O que está acontecendo?

– A sua psi.. psico... psi...

– Psiquê?

– Isso! Sua psiquê está desmoronando. É uma forma clássica de depressão.

– Isso é horrível! – disse Miranda, desviando-se por pouco de uma pedra particularmente grande.

– Mais ou menos, você vê, isso significa que de fato estamos avançando, é preciso da destruição para a criação emergir de suas ruínas... Nossa, bonito isso, não? Tome nota: ...

– Aaaaaaaaaaaaaahhhhh...

– Muito educado isso. Talvez eu devesse dizer algumas coisas sobre a sua cara feia... Ué, onde está?

Havia um monte de pedras no lugar onde deveria estar

Miranda. Um gemido se espremeu pelo entulho e chegou aos ouvidos do doutor. Ele puxou a manga do paletó até o ombro e enfiou o braço dentro do monte; quando levantou, fazendo poeira se erguer, puxava pelos cabelos uma Miranda esbugalhada e coberta de terra.

– Ora! O que você estava fazendo aí? – ralhou doutor Pathos. – Isso é lugar pra se esconder.

– Eu não entrei aí de propósito – choramingou Miranda.

Quando finalmente o doutor a deixou no chão, ela lhe perguntou como diabos iriam sair daquele lugar. E o doutor mencionou, “com aquela bicicleta ali, talvez”, e de repente havia uma bicicleta parada adiante, a espera de um piloto. Era pequena, de criança, branca, com o nome da marca escrito em letras pretas, inclinadas, como se quisessem disparar, mas uma haste de ferro presa a roda traseira as mantinha congeladas e a bicicleta em pé. O banco de couro preto parecia ter um brilho convidativo, e o guidom tinha um design plano, sem aquele V típico. Não era a primeira vez que Miranda via aquela bicicleta.

– Eu não sei se ... se posso andar... – ela disse. – Anda você.

– Não, eu torci o pé, e depois não estou com sapatos de andar de bicicleta.

– Mas não s...s...sei andar...

– Bobagem! – disse o doutor, lhe empurrando em direção aos próprios temores – É só uma questão de impulso, equilíbrio, e não bater na parede e morrer. Simples.

Miranda tentou dizer um ok entre os dentes trincados enquanto continuamente era empurrada. O doutor deu as instruções: suba no banco, cada pé num pedal, não! a perna não fica cruzada; pé direito no pedal direito, isso, agora tira a haste que está escorando a bicicleta em pé; vou segurar, calma, é só dá um chute, segura o guidon e mantém o equilíbrio, vou começar a empurrar hein!

– Espera, espera! Eu não vou conseguir. Eu tô com medo.

– Vou contar até três: três... dois...

– Sai daí, menina! Quer levar um tombo?! – disse alguém que não era nem Mirada nem Sodomiro; quem era? Viraram para trás. Uma senhora muito parecida com Miranda estava nos fundos do corredor. Tinha cabelos grisalhos, vestia avental e era mais gorda.

– Mamãe?!

– Henrique! Fala para sua filha largar a bicicleta e voltar pra casa antes que vá parar no hospital.

Um homem, sentado numa cadeira de praia lendo jornal, tirou os olhos das notícias e mirou os dois.

– Menina, sai daí. Vai acabar quebrando a bicicleta do seu irmão.

– Mas, papai, eu consigo andar também... – resmungou Miranda, numa voz mais aguda do que o normal.

Com estranhamento, o doutor notou também que a bicicleta ficara mais leve, podia conservá-la em pé com uma mão tranquilamente. A razão disso, ele notou em seguida, com a perspicácia de sempre, era porque estava sentada

agora na bicicleta uma menina Miranda, de oito anos, não maior do que suas pernas.

– Boa hora para regredir.

O pai se levantou e dobrou o jornal.

– Mocinha, estou avisando! você já quebrou essa bicicleta antes, sabe quanto custa?! Vá brincar com sua boneca!

– Eu não gosto da boneca, ela é idiota! – gritou Miranda e abriu o berreiro, derramando uma tempestade de choro em cima de Sodomiro, que tapava os ouvidos. – AAAHHHH! Vocês nun-nunca! deixa eu fazê nadaAAAAAHH!

A mãe falou para o pai que a menina precisava de disciplina e desembainhou uma espada medieval de quase dois metros. Aquilo alertou o doutor, as coisas começavam a ficar perigosas.

– Escuta, Miranda... Você não precisa ouvi-los, não é mais uma garotinha agora.

– Não sou?

– Não, é uma adulta, você pode fazer as suas vontades, é normal errar. Os seus pais provavelmente usam frauda geriátrica agora.

– Usam?

– Claro.

Atrás, os pais de Miranda ostentavam contra a vontade deles enormes e acolchoadas fraldas geriátricas, com babadinhos. Eles tentaram tapá-las com a mão, envergonhados. A menina Miranda riu.

– Viu? Você consegue. Eu vou ajudar.–

– Ok!

– Preparar: no três.

Protestos se erguiam atrás deles. A menina Miranda colocou óculos de aviador e se inclinou. O doutor flexionou os pés e os joelhos.

3... 2... 1...

– Vai!

Mãos começaram a empurrar a traseira. Pés bateram no chão. Rodas giraram. Poeira levantou, enquanto pedras caíam do teto da caverna. Os dentes de Miranda pressionaram o beiço, os óculos protegiam os olhos. Os nós dos dedos brancos ao guidom. Pedais girando.

Quando o doutor soltou a bicicleta, o mundo pareceu desviar de Miranda, o guidom ia de um lado pro outro, tentando encontrar o caminho de volta. Uma parede se aproximava. Perto. Mais perto.

– Cuidado!

Miranda fechou os olhos, virou o guidom ao máximo, inclinou as rodas até ficarem rentes à superfície e apoiou o pé direito no chão, descrevendo uma curva fechada, a centímetros da rocha, não caindo por pouco e voltando ao controle, percorrendo o caminho do corredor, onde as sombras desvaneciam a metro percorrido.

– Consegui! – ela gritou, agora Miranda novamente, em todo seu tamanho de adulta. Os joelhos quase batiam no rosto de tão apertada, mas a bicicleta ainda andava em linha reta. O doutor pulou no bagageiro atrás e ficou de olho nos perigos da retaguarda. E não estavam longe.

Aparentemente a mente de Miranda havia deixado de sutilezas e agora ia para tudo ou nada, os pais haviam se transformado em enormes ogros gelatinosos que deixavam uma gosma ao passar. Pedras caíam dentro deles e ficavam presas. Um usava avental e carregava a espada, o outro tinha cavanhaque e carregava um enorme jornal enrolado com o qual rebatia pedras.

– Direita – gritou o doutor. Miranda fez uma curva, desviando de um enorme pedregulho lançado contra eles. – Acho melhor ir mais rápido.

– To tentando!

O doutor abriu o paletó e tirou dali cinco cápsulas grandes, similares a remédios, mais cada uma do tamanho de um dedão. Dentro delas algo brilhava vermelho. Tacou duas. Elas caíram próximas aos ogros e explodiram. O ar quente veio até eles e fez a bicicleta balançar. O doutor jogou as outras três cápsulas, elas atravessaram a pele gosmenta dos monstros e explodiram. Gosma caiu no rosto de Sodomiro Pathos Puntos.

– Que foi isso?

– Bombas antidepressivas. – respondeu o doutor, limpando o rosto. Vão nos dar algum tempo.

Continuaram pedalando. Os tremores agora eram constantes e pedaços de rocha cada vez maiores caíam. Já era impossível seguir o caminho numa linha reta, era necessário costurar os poucos espaços livres aqui e ali. Não ajudava muito à Miranda o fato do doutor estar cantando.

– Ai ai ai ai, está chegando a hora, o dia já vem...

O terreno começou a ficar cada vez mais inclinado, até que o doutor foi obrigado a se segurar em Miranda.

– Você está me enforcando! – engasgou Miranda.

– Ops – o doutor largou o pescoço e a segurou pela cintura.

Pedalar estava mais difícil; se à frente o terreno ficava cada vez mais claro, o mundo atrás parecia ter se tornado um abismo, e a escuridão da não existência levantava suas garras. A bicicleta avançava em impulsos: parava, pegava no tranco; parava, pegava no tranco. Suor escorria do rosto de Miranda. No ouvido o doutor gritava: mais rápido, mais rápido! E começava a acertar o calcanhar em suas ancas.

– Eu não sou cavalo! – ela protestava.

Se caíssem, talvez ficassem presos no inconsciente para sempre. Virariam sombras de sonhos e despertariam apenas ocasionalmente. O doutor sabia desses riscos. E tinha uma saída de emergência, causar um colapso nervoso total no paciente. Estava escrito em letras miúdas, no verso do termo de responsabilidade. Uma corrente de ar frio os envolvia; vinha de mais à frente, onde uma abertura branca luzia.

– Olhe! Estamos perto.

Mas havia uma silhueta compacta fincando o branco. Pensaram que era apenas uma rocha, mas logo ela tomou a forma de um homem, e depois se tornou óbvio que era o marido de Miranda contra a claridade.

– Amor, saia da bicicleta – ele suplicou. – Vamos conversar. Você não pode correr esse risco se quiser ter um bebê.

Ela tomou impulso e empinou a bicicleta na roda traseira. Segurando-se no bagageiro, as pernas balançado no abismo, doutor Pathos deu-se a permissão de gritar pela mamãe. Miranda tomou mais impulso. As palmas da mão erguidas do marido pediam para que parasse.

– Não, amor! – ela disse. – Eu quero correr riscos.

A roda dianteira acertou a cara do homem, cravando o pneu no rosto como um carimbo. A bicicleta passou por cima como se ele fosse uma rampa; e Miranda, a bicicleta e o doutor Sodomiro Pathos Puntos voaram para a claridade.

– Aqui está o pagamento, em dinheiro vivo, como pediu.

O bolo de dinheiro estava enrolado num elástico, formando um bloco de tijolo azul de notas de 100. O doutor agradeceu. Estava montando um forte feito de dinheiro em casa e precisava de muitos blocos. Esperava entrar para o Livro dos Recordes. Miranda se virou e saiu pela porta, sentindo-se mais leve do que havia entrado.

A sós, o doutor Sodomiro Pathos Puntos deu a volta pela mesa e sentou na cadeira, pondo os pés sobre o tampo, e descansando a cabeça nas mãos debruçadas sobre o encosto. Ainda era mais uma manhã no escritório, já não tão abafada. De fato estava meio frio, já sentia até

dormência no nariz, e não sabia desligar o aparelho de ar condicionado. Pegou o telefone e requisitou os serviços da empregada.

ABC

Replicante de clichês, retransmissor de teorias, arauto da repetição. Péricles sentiu uma convulsão e parou no meio da rua. Acabava de voltar de uma reunião onde tinha embasbacado todos com suas opiniões não próprias. Abaixou a cabeça. A violência do refluxo era tanto que lhe causava espasmos, como um tique, como se puxassem sua cabeça. Tampou a boca, tentou lutar. De noite o movimento na rua era pequeno, mas existia. Não queria ser visto vomitando em público. Alguém conhecido podia lhe ver. Procurou respirar, controlar. Sentiu a vontade diminuir, se recolher. O seu interior parecia se assentar novamente na prisão do corpo. Aliviado, fez que ia levantar, mas permaneceu encurvado. O refluxo voltou, mais forte, como se tivesse recuado para causar mais estrago, tsunami. As vias do aparelho digestivo queimavam; ele queimava no vento frio da noite. Contorceu-se. Não tinha como se afastar para um lugar às escuras. Veio a golfada. No meio da calçada, na luz âmbar, vomitou preto. Abrindo a boca até as juntas dos maxilares doerem para dar passagem ao jorro interminável de palavras, conceitos prontos, frases de

efeito, senso comum, preconceitos, todos em letras pretas de fontes variadas, algumas com pontas afiadas, que lhe cortavam a garganta e saíam para o ar com pequenas gotas de sangue. Ajoelhou-se diante do enxurro que lhe saía, entulhando o chão ao redor de palavras. Pessoas fugiram com alguns clichês, que discretamente colocavam no bolso das calças, nas mangas da camisa e até engoliam.

O jorro continuou a sair, mais lento, diminuindo a velocidade. A calçada era um amontoado de fontes pretas – com serifas e sem serifas –, que barravam a entrada dos prédios das redondezas.

Péricles parcialmente coberto de vômito, cuspiu a última letra – o l de sociedade cristã-judaica-ocidental – e desmaiou.

O que os olhos não veem, o coração não sente

Presépio não era o tipo de cara do qual você toma nota. Ele aparecia e desaparecia sem você se importar muito; igual a uma caneta Bic. Ele já foi demitido do seu trabalho como contador numa empresa de imóveis e continuou trabalhando lá por uns 3 meses. Nunca trabalhara tanto, aliás. As pessoas simplesmente deixavam os papéis em cima da mesa e achavam que eles desapareciam por mágica. No colégio, o inspetor do andar o trancou no banheiro, pois não reparara que havia alguém numa das cabines, ainda que ele estivesse gemendo por causa de uma baita diarreia. A verdade era que, se alguém chegasse para Presépio e dissesse "Meu rapaz, lamento dizer mas você é um fantasma", ele provavelmente daria de ombros e responderia algo do tipo "Isso explica muita coisa".

Ele não se importava ou pelo menos já havia aceitado esse aspecto da sua vida. Não era um homem que esperava muito de si mesmo. Agora mesmo ele está num restaurante, esperando a meia hora que algum garçom per-

cebesse os movimentos frenéticos que fazia com as mãos – iguais aos de uma senhora ao gritar bingo – sem muito sucesso. Suspirou e decidiu descansar um pouco. No máximo, sairia do restaurante sem pagar a conta.

Voltou, então, sua atenção para uma mulher sentada numa mesa no fundo, além dos banheiros e ao lado de uma pilastra, isolada do resto do restaurante. Ela era gordinha, não muito, apenas o bastante para ter aquelas dobras na barriga; também tinha um rosto redondo, com olhos grandes que lhe davam uma aparência alegre e cabelos curtos na altura dos ombros. Presépio a achou bonita o bastante para não ter coragem de chegar a dois metros de distância. Não que fizesse diferença, pensou, poderia se vestir de Carmem Miranda e dançar debaixo do nariz dela que a moça nem repararia. Engraçado... Ele sempre gostou de Carmem Miranda; é contagiante. Todas aquelas frutas... Todavia, não era hora para devaneios, a mulher do fundo fazia uma careta estranha. Seus olhos estavam esbugalhados, suas mãos seguravam a mesa com força e ela parecia tentar tossir sem êxito.

Presépio, embora não fosse médico, sabia o que acontecia. Um legítimo caso de "engasguidão" repentina, concluiu. Assistira a isso no E.R. Imaginou-se salvando a mulher e sendo aplaudido pelos clientes. Contudo, logo essa imagem turvou, transformando-se num episódio onde matava a coitada e era esquecido para sempre dentro de alguma prisão. O mais correto a fazer, concluiu, era olhar para uma parede e contar até 3. Tudo se resolveria. 1...

2... 3... Ok. Vamos olhar. É, agora ela está com as mãos segurando a garganta em desespero. Ótimo. Ele fez sinal para o garçom. Não adiantou. Deu um puxão nele. Ele o olhou com um sorriso, enquanto processava no cérebro da onde havia saído aquela criatura.

– Em que posso servi-lo, senhor?

– Tem uma mulher sufocando ali atrás.

– Uhum – anotou o garçom em seu caderninho. Sorriu novamente – Já traremos o seu pedido.

Ele deu a volta pela mesa de Presépio, foi até o balcão, deixou o seu bloco em um lugar qualquer e começou a rir quando viu uma pegadinha na televisão. Presépio se esforçou para parecer incrédulo. Aquilo necessitava de uma atitude extrema. Tirou o pigarro da garganta e disse tímido, sua voz variando por toda escala tonal:

– Tem algum médico aqui?

Nenhuma resposta.

Bem. Ele tentou.

Pegou o celular e discou emergência.

– Alô, tem uma mulher engasgan...

– Sua ligação logo será atendida. Por favor, aguarde alguns instantes.

Uma música monofônica começou a tocar. Era uma música de natal.

Ficou irritado. A sua habilidade de ser ignorado geralmente só o afetava, mas agora uma outra pessoa corria risco. E não era só uma pessoa, era uma mulher bonita pelo qual estava interessado. Não podia deixar de ligar

para isso. Encontrava-se num daqueles momentos da vida que nos dão a oportunidade de mudar, de reescrever a nossa história. E Presépio sentiu que podia. Levantou-se da cadeira, empurrando o garçom que passava logo atrás e seguiu a passos firmes até a mesa da mulher; o rosto vermelho de vergonha. Algumas pessoas passaram a olhar para todos os lados, tentando entender o que estava acontecendo. Algumas começaram a pensar que seriam muito melhor tratadas em outros restaurantes onde provavelmente não teriam garçons bêbados caindo por aí. Nenhum deles reparou no pequeno herói caminhando entre eles.

Presépio colocou os braços em volta do tórax da mulher, cuidando para não encostar nos seios. Concluiu, irônico, que iria demorar muito para ficar tão próximo do sexo oposto novamente. Dizem que o máximo que pode acontecer quando se flerta com uma mulher é receber um não. Pois bem, nesta ocasião, alguém poderia morrer. E isso seria um fora realmente traumatizante. Presépio soltou um suspiro, contou até três e fez pressão sobre o abdome. A moça cuspiu um pedaço de algo que Presépio não definiu muito bem, talvez um osso de galinha, e depois respirou fundo.

– Essa foi por pouco dona – disse ele, limpando o suor na testa. Havia conseguido! Salvara alguém! Seria lembrado durante toda a história! Ou pelo menos teria uma placa com seu nome no restaurante... quem sabe um sanduíche feito com Panetone chamado Presépio... – Sabe, não

precisa agradecer. É meu dever civil salvar mulheres tão bonitas como a senhorita. Aliás, você...

– Ufa, a sorte q eu consegui tossir a tempo – interrompeu ela, sem dar muita bola.- Um milagre de Deus!

– Deus não! Eu! Eu! Deus tá muito ocupado rolando no seu sofá cósmico.

Presépio tentou dar chilique, sacudir a dona, mas essa não se contentava em parar de comer. Uma locomotiva que, em vez de engolir trilho, engolia frango a passarinho. A não ser que ele criasse asas e fosse assado no forno, seria impossível lhe chamar a atenção. Decidiu entregar os pontos. Talvez ele devesse ficar alegre por notar a própria capacidade ao salvar a mulher, ou talvez essa moral seja uma simples baboseira. O fato é que ninguém o viu quando pegou a garrafa de vinho tinto de uma mesa e nem quando saiu para a noite da rua, sem prestar as contas com o restaurante. E aquilo o deixou satisfeito.

O beijo

Ele a beijou numa sexta-feira treze, debaixo de uma escada, na frente de uma loja de espelhos quebrados. Não que ele houvesse reparado. Não repararia se torcedores do Flamengo comemorassem um gol de virada com todos os fogos do mundo, não repararia nem se um buraco se abrisse e o levasse ao fundo. Enquanto as línguas se cruzassem, a dele e a dela, e os lábios se abraçassem, o dele e o dela, aquilo era tudo que lhe bastaria, ele e ela.

Quando o beijo chegou ao fim, e sua boca se encontrou sem a sustentação da outra, sentiu um quê de espírito esvaindo-se com seu hálito e, por pouco, não tombou no mundo que enfim reapareceu. Equilibrou-se mal, esfregando a cara na vitrine da loja de espelhos quebrados. O vidro frio contra a face quente serviu para aumentar o choque da volta ao real.

Se pôs de pé. Olhou para os lados, tentando absorver o seu entorno.

Onde estava?

Não havia nenhum sinal de quem antes estava à sua frente, a não ser um gosto e algo como um peso no corpo. Podia muito bem se lembrar da fisionomia dela, dos cabelos pretos entre os seus dedos e a pele que lembrava madeira – se a madeira tivesse a maciez do tecido. Talvez ela tivesse corrido dali, num arrependimento ou num ato de vergonha. Ele, embasbacado que estava, nem percebera a fuga. Senão, lhe teria agarrado, ou ao menos pedido o telefone, msn, facebook, qualquer forma de endereço.

Tocou os lábios com os dedos e se deixou estar por um tempo; até finalmente declarar derrota. Ela havia ido embora. Já mais nada podia fazer. Baixou os ombros, deixou a frustração escapar com o ar expirado pelas narinas.

Resignado, andou alguns metros sem saber para onde ir e parou num botequim qualquer. Só queria um lugar para se sentar, mais ou menos vazio. Comer ou beber estavam fora de questão, não só porque estava sem vontade, como também uma rápida espiada nos salgados enrugados à mostra o fez lembrar por demais da pele de sua avó para conseguir abrir o apetite. Mas sentar, sem pedir nada seria impossível, por isso decidiu pedir um cafezinho, que pelo menos podia distraí-lo com seus vapores.

Foi até o balcão onde se debruçava o dono e único atendente – um senhor gordo, com a cara redonda pontilhada por fios de barba grisalha, a cabeça careca, e olhos preguiçosos pousados num ponto qualquer, de forma que parecia ter nascido e vivido para sempre naquela posição, tão enraizado estava. Aproximando-se, o dono lhe notou a presença e, sem mexer qualquer músculo, voltou as vistas para o cliente.

– O que vai querer?

Ele, então, abriu a boca e não disse nada. De alguma forma havia esquecido o que queria pedir, ou melhor, sabia muito bem, só tinha se esquecido como dizer. O dono juntou as sobrancelhas num símbolo universal de impaciência.

– O senhor pode se apressar, tenho outras coisas para fazer – falou o dono, que tinha de fato muita coisa a fazer, todas as que não havia feito desde que o bar havia sido inaugurado em 1966.

A face do relutante cliente contraiu, esticou, contraiu de novo, e os lábios se contorceram para formar variados desenhos, e, com muito esforço, produziu um:

– ÃÃÃÂ UUUUUU CA!

O dono finalmente mudou de posição, se aproximando mais daquele estranho que lhe perturbava a paz e o sossego.

– Quê?

Novas flexões faciais e:

– ÃÂÂ UUUUUUU CA ZIPLI BLUMG!

– Você – disse o atendente, apertando bem os olhos – tá tirando uma com a *minha* cara?

Ele respondeu encarecidamente que "Zasp plic na na ná, tum tum", e recebeu em troca o melhor serviço da casa: um empurrão e um ponta pé. Jogado na calçada de qualquer jeito, acabou caindo de joelhos. Levantou-se rápido e se afastou mais rápido ainda do atendente que vociferava às suas costas.

– VAGABUNDO!

Enquanto andava sem direção, buscava palavras e procurava dizer qualquer coisa, nem que fosse um "b a-ba, b e-be, b i-bi, b o-bo, b u-bu", mas tudo o que saía era um monte de sons deformados e incompreensíveis. A língua parecia não obedecer, sentia-se como se jogasse fliperama e ela fosse um mecanismo à parte, descalibrado, com o qual tentava catar sílabas.

As pessoas na rua o estranhavam, o vendo gritar como um louco varrido. Alguns chegavam até a atravessar para outra calçada, quando viam o seu rosto retorcido pelo esforço de chamar por ajuda. Ele sentiu que precisava se acalmar. Sentar em algum lugar e se acalmar. Tinha que haver alguma explicação lógica, talvez fosse um distúrbio nervoso, talvez só precisasse de um descanso. Ali perto de onde ele estava, havia uma praça, onde ficavam alguns desconfortáveis bancos de concreto. Sentou-se num deles. O movimento de passantes começava a aumentar, conforme a tarde cedia à noite. Ele apoiou o rosto entre as mãos e tentou colocar os pensamentos em ordem. A garota do cursinho que ele pretendera acompanhar até a casa, o beijo, o desaparecimento dela, a perda da capacidade de coordenar sons inteligíveis. Qualquer relação racional entre esses fatos não lhe ocorria. Xingou e lançou vogais e consoantes ao léu. Quem sabe fosse melhor ir ao hospital? Um exame poderia descobrir o que havia de errado. Só que... gostaria *realmente* de descobrir o que estava errado? E se fosse algum câncer raro afetando partes

do sistema nervoso responsáveis por sua habilidade de comunicação? Começou a roer a unha do polegar. Não teria coragem de ir sozinho. Precisava de alguém. Até mesmo porque, do jeito em que se encontrava, como iria explicar a sua situação. Não. Era-lhe impossível. O melhor a fazer era pegar o celular e contatar alguém. Se as palavras não saíam pela boca, sairiam pelo texto; seria perfeitamente capaz de digitar uma mensagem.

Pegou o celular, escolheu o número de um amigo e selecionou a opção de mensagem de texto. Começou a digitar algo que saiu assim: "KLHKHDSjhads AHSH 372hsdhjkAAA Beeesasdak".

Apagou e recomeçou de novo. Uma nova sequência sem qualquer sentido apareceu: "DEJAHFZXM3 ## bvicaDi *#9002 asjkdhfkajsndfbasdbfkasjdfhaksjdfhaskdhfa".

Apertando o celular entre os dedos, furioso, tacou-o no chão, onde o aparelho quicou e rachou. O visor, solto do resto do aparelho, ficou sobre o cimento, o encarando com a mensagem sem significado. Ele bufou, se ergueu e pisou com força no que havia sobrado, uma, duas, três vezes.

– Blauasgssdf – disse.

Um guarda que estava ali perto deixou cair os olhos desconfiados naquela figura, que, percebendo-se alvo de um exame, procurou se endireitar. Empurrou os restos mortais do celular para trás do banco e sorriu para o guarda. O melhor a fazer era ir para casa. Podia pagar a passagem do ônibus sem qualquer palavra. Talvez, se descansasse... O certo é que na rua seria tratado como louco varrido.

Tomou rumo para o ponto de ônibus, ali perto, numa das vias que cortavam a praça. Havia já um bocado de gente, resultado provável de um ônibus que demorava a passar. Os rostos lhe eram todos indiferentes; mas um trecho de braço moreno, pertencente a uma pessoa oculta por trás de um homem avantajado, fisgou sua atenção. O braço era feminino, com certeza; a linha delicada e o ombro suave eram o bastante para perceber isso. Foi andando para ter uma visão melhor da pessoa. Viu as costas, a roupa, o longo cabelo preso, a bolsa. A familiaridade tomou forma em todos os sentidos e a memória veio esquentá-la. Puxou o braço, de leve. E ela se virou, espantada.

– Você?

Ele abriu a boca e a fechou. A mão ainda estava presa ao braço.

– O que você está fazendo?

Ela procurou se desvencilhar, balançando os braços, chamando atenção de quem estava perto. Ele procurou lhe dizer que ficasse calma, que tivesse paciência e o ajudasse, pois ele não conseguia falar e não fazia ideia por quê. O que acabou se tornando:

– Fique calma, vai. Por favor. É que eu preciso de ajuda, não estou conseguindo falar nada, não sei por quê, não sei o que está acontecendo.

Surpreso, ele piscou os olhos para ela que, assustada, tampara a boca após ter dito palavras que não eram suas mas, sim, dele. Ele tentou mais uma vez, agora iria dizer: "Era exatamente isso que eu ia dizer".

– Era exatamente isso que eu ia dizer – ela disse com a voz abafada pela mão.

O som produzido era definitivamente feminino, mas o verbo, as letras, até a entonação e sotaque eram dele! Puxou-a para longe do rebuliço, para onde não pudessem ser ouvidos enquanto travavam um estranho diálogo feito de um monólogo.

A menina, amedrontada, se deixou levar, enquanto falava para si: "Fique calma. Vamos resolver isso. Vai ficar tudo bem." Ao mesmo tempo, a ela mesma explicava que, minutos atrás, no banheiro feminino, havia tentando pedir um cafezinho, sem nem perceber. Quando alguém a interpelou, questionando a sua saúde, ela novamente pediu um cafezinho, e explicou que não estava tirando onda com ninguém, só queria um cafezinho, assim, no banheiro, sem mais nem menos. Saiu correndo do banheiro, teve de abafar os xingamentos que lhe vinham com um pano empurrado violentamente contra a boca, quase engolido. Eram palavras que chegavam sem passar por sua mente; pronunciavam-se por vontade própria.

– Não vê o que está acontecendo? – ela disse, junto aos gargarejos sem sentido dele.

– Não – ela própria respondeu.

– Foi o beijo! Algo aconteceu! Você não sentiu nada, como algo seu se perdendo?

– Hum... não, não senti nada, não.

Aquilo o machucou um pouco, pois achava que aquele tinha sido o melhor beijo de sua vida.

– Nada, nada?

– Sei lá, não prestei atenção... não sei o que passou pela sua cabeça de me beijar daquele jeito.

– Mas foi você! – ela falou, refutando a si mesma. – E também isso não interessa agora. Eu tenho um plano.

– E qual seria?

– Bem... hum... nos beijarmos de novo?

– Não, obrigada. Qual vai ser o plano B, me estuprar?

– Não! Talvez o beijo seja o gatilho para algo. Sabe? Que nem as pessoas fazem para sair de hipnose. Talvez estejamos hipnotizados.

– Isso soa ridículo – ela disse, sem que ele soubesse se estava se referindo ao fato de ter que falar por dois, ou do plano.

– Tem ideia melhor?

Remexendo-se, como procurasse por uma escapatória, ela ameaçou recusar. Passado um tempo, evitando olhar para ele, aceitou a proposta. E desajeitadamente os dois foram se aproximando, como se deslocassem não no ar, mas numa água pesada, a puxá-los em direções contrárias. Os lábios finalmente entraram na mesma corrente, e eles se beijaram. A falta de jeito logo virou sincronia, língua a língua falaram-se um para outro sem o intermédio de sons. Não perceberam que era sexta-feira 13, nem o gato preto passando por entre as pernas, nem a oferenda debaixo de seus pés, numa encruzilhada. Ele se afastou e a realidade voltou com todo o peso, tirando quase o equilíbrio dela. Ele experimentou mover a língua, para um

lado e para o outro. Como parecia normal, arriscou algumas palavras:

– A e i o u.

A voz era dele e não havia a descoordenação de antes, tudo decorria organicamente.

– Funcionou!! – gritou em triunfo.

Ela quis dizer que deu certo e comemorar junto, mas as palavras não conseguiram juntar-se na boca, e, em vez disso, migraram para a dele. Ficaram os dois a se olhar.

Depois sorriram, deram de ombros e se beijaram novamente.

Certezas inconstantes

Dois casais cruzam a rua e se dirigem para um restaurante, vindos de direções opostas. Não se assuste. Não irei perguntar em que instante vão se encontrar, se estão andando a 8 km/h. Eles simplesmente se movem e chegam cada um à sua hora no Best Pizza, a legítima pizza italiana. Para facilitar o entendimento, os chamemos de casal 1 e casal 2.

O casal 1 entra e se senta perto da vidraça, logo ao lado da porta. O casal 2 entra e se senta no fundo, numa mesa um pouco mais afastada do burburinho geral de refeições sendo constantemente dizimadas por clientes famintos.

A moça do casal 1 observa seu par, sem saber de suas intenções de terminar o namoro. Ele, por sua vez, olha para a rua e os carros passando. Pergunta-se qual será a melhor hora para introduzir o assunto: antes ou depois da pizza? E a pizza seria de mussarela ou calabresa? Preferia calabresa. Se ela pedir para dividir com outro sabor, termino antes. Combinado. Ele passa a mão pelos cabelos escuros e ela o admira, achando-o muito bonito naquele momento, tanto quanto da outra vez em que vieram a esse

mesmo restaurante. Daquela vez, ela lembra, ele trouxe uma vela e colocou em cima da mesa, agora já não há velas e os dois mal se olham.

No fundo, o casal 2 está mais animado. Só possuem olhos um para o outro. A garota ri do rapaz que acende, com um isqueiro barato, uma vela vermelha extravagante. Um garçom os olha feio.

– Não está exagerando? – diz ela.

– Ei, já que eu não tenho dinheiro para te levar a um lugar mais romântico, então eu levo o romantismo até você.

– Com licença, senhor – diz um garçom, a estátua da seriedade – mas não pode acender velas aqui.

O rapaz coloca a mão no peito, num gesto dramático.

– Será que não dá para abrir uma exceção em nome do amor? – diz.

A garota ri, o garçom não. No ramo da pizzaria não se brinca. Pessoas lépidas não sobrevivem a esse tipo de trabalho. Deixam a pizza queimar, trocam pedidos, cortam as fatias irregularmente, deixam fregueses acenderem velas que podem cair e tacar fogo no prédio inteiro. Não no restaurante dele.

– Hum. Acho que é melhor apagar a vela – diz a garota. A mão pousa sobre a do rapaz.

– Mas... tá, por mim tudo bem.

A chama dobra ao ser soprada, aumenta um pouco e depois se extingue.

– Muito obrigado, senhor. Já sabem o que vão querer?

– Hum... não sei. O que vai querer? – pergunta o rapaz.

– Será que não pode ser metade calabresa, metade margarita? - pergunta a garota do casal 1.

O companheiro suspira e se aproxima da mesa. A postura toma o ar objetivo de um médico ao dar o diagnóstico do paciente.

– Precisamos conversar.

É estranho, mas o termo conversa geralmente é usado ao se tratar de problemas num relacionamento. O resto é teatro, alegoria, convenção. A conversa verdadeira vem quando se mostra as cartas e não há mais o que esconder. Ninguém diz: "Precisamos conversar. Acabei de ver algo muito engraçado na internet que a gente deveria discutir." Todo casal que se preze obrigatoriamente tem uma conversa ao menos. Não é de surpreender que a garota olhasse para o namorado, espantada, antevendo o rumo das coisas.

– Você não vai dizer que vai terminar comigo, né? Isso seria muito clichê! – ela dá uma risada nervosa, frenética, as mãos amassando um guardanapo com força.

O rapaz responde apenas com um silêncio que pesa sobre a garota, fazendo os músculos de seu sorriso nervoso desmancharem. Sem muita sensibilidade, o rapaz procura amenizar a situação.

– Ah, vamos lá. Ambos sabíamos que não ia durar, não é mesmo?

– Então, você me viu na loja e achou que rolava uma conexão entre a gente, que nos conhecemos em outras vidas? Você não acha que eu realmente vou ficar caída com esse tipo de cantada né?

A garota do casal 2 falseia um rosto esnobe, sentada meio de lado, olhando-o de esguelha.

– Sei lá. Funcionava bem para o Chico Xavier.

Os dois soltam risadas.

– Sabe, você parece um cara legal. Os últimos caras que eu conheci nem se davam ao trabalho de memorizar o meu nome direito.

– É mesmo, Luciana? – diz ele, os olhos traindo a pegadinha.

– Bobo. Você sabe o meu nome.

A garota toma um gole do guaraná para ter algo para fazer com os dedos. O rapaz tenta pensar em algo bom para dizer. Nunca vem nada genial quando se precisa. Talvez devesse dizer nada e partir direto para o beijo. Seria constrangedor se ela o rejeitasse ali, na frente de todos aqueles rostos paralisados com queijo derretido caindo de suas bocas abertas. Antes de tomar qualquer atitude, sem prestar atenção, já estava dizendo:

– Eu devo gostar de você mais do que qualquer um, então.

Mas essa frase não chegou ao seu fim. Muito antes, a

garota já havia aportado um beijo em seus lábios.

Pratos, copos e talheres retinem com o peso da mão que cai na mesa. Algumas pessoas por perto desviam a atenção brevemente para o casal 1. O rapaz, embaraçado, distribui sorrisos políticos a todos.

– Se você vai terminar comigo, eu quero saber por quê! – diz a mulher.

– Fica calma.

– Desculpa, mas sou eu que tô levando fora, tenho todo direito de não estar CALMA!

O rapaz abaixa o rosto e o esconde com a mão. Um garçom interpreta errado os sinais e vem lhes dizer:

– Já decidiram o pedido?

– Não, agora não. Depois... – pede o rapaz.

A garota, porém, se dirige ao garçom:

– Escolhemos sim. Pode trazer metade calabresa, metade margarita.

– Opa! Ninguém aqui concordou com isso – o namorado perde o controle – É sempre assim, a gente tem que fazer tudo do seu jeito né? E a minha pizza calabresa? Onde fica?

– É só por causa duma porra de uma pizza que você vai terminar comigo? Por que não enfia a pizza no...

– Muito maturo – ele interrompe. – Não é por causa da pizza que eu vou terminar com você não, querida. Mas você quer saber tanto, né?

– Quero sim.

O garçom dá meia-volta e vai descarregar a raiva com alguém da cozinha.

– Eu gosto de filmes do Woody Allen, conhece?- diz a Senhorita Casal 2 para o atento pretendente. – Tenho mania de me mexer enquanto durmo. Sou a favor do aborto, não me venha com conversa de que a vida é sagrada! Gosto de Wando, mas tenho vergonha de assumir. E, bem, não acho que um arroto faz mal depois de uma boa refeição. É isso.

Ela teme ter falado mais da conta. Parte do sucesso do relacionamento é saber o que esconder para ser descoberto depois. Menos o bonitão dentro do armário, dizia a sua mãe.

– Nossa! Tem mais alguma coisa que eu deva saber sobre você? Cérebro humano na geladeira? – ele brinca.

– E não dá para dividir a cama com você! Parece que eu to dormindo com uma britadeira. E o arroto?! Você engoliu o Godzilla, por acaso?

Para o casal 1 tudo vai de mal a pior. O corpo da garota treme com o esforço de não chorar.

–Você sabia dessas coisas... – ela murmura.

– É, mas a gente nunca sabe o que é uma tempestade até ver uma de perto. Sem falar que o sexo é ruim também.

– O sexo?!

– Você não se mexe. Seria melhor se estivesse dormindo...

A última gota que faltava para inundar de vez a represa. A garota começa a chorar. O cérebro age rápido, tentando encontrar razões para tudo ter dado tão errado. Imagens passam por seus olhos numa onda sem fim de tristeza.

Uma ponta de culpa agulha a consciência do jovem. Talvez ele tenha exagerado. Realmente pensara que o término do relacionamento ocorreria de maneira mais harmônica, como o fim de uma canção. Escolheu um lugar público justamente para evitar dramas. Lhe vem uma vontade de pedir desculpas, dizer que não a achava ruim. Isso será o melhor? Talvez não. Ele fica em silêncio. Não a olha, apenas escuta o farfalhar do vestido e sente o vento soprar o seu rosto quando ela passa por ele e vai embora.

O garçom se aproxima.

– Vai querer mais alguma coisa, senhor?

Balança a cabeça, negando. Depois muda de ideia.

– Desculpa, vou querer uma calabresa média.

Não se pode deixar o fim passar em vão.

O casal 2 tinha a atenção presa na mulher com rosto em lágrimas atravessando a porta. Um mal-estar alcança a mesa, uma nuvem negra sombria paira sobre eles.

– Caraca, nunca termine comigo numa pizzaria – diz a garota.

– Não sabia nem que a gente estava namorando.

A garota o reprova. Fecha a cara e se afasta. Logo, porém, deixa de lado. Não consegue o levar a sério.

– Pode deixar. Não sou tão babaca desse jeito – ele

aponta para o homem ao lado da vidraça.

Os pensamentos são interrompidos, pois chega uma pizza cortada simetricamente em metades de calabresa e margarita. A nuvem se dissipa, os dois comem satisfeitos.

Profissão: protagonista

O cavalo rompia as sombras das árvores do bosque. Um vulto rápido, somente acompanhado pelo som das patas martelando o chão. Nas suas costas, altivo, o protagonista, com a sua armadura reluzente. Quilômetros havia percorrido e mistérios havia resolvido. Encontrara a nobreza perdida em sete desafios, tudo para poder resgatar a donzela que sofria nas mãos de seu marido, um rei tirano. Saiu do bosque, galopou colina acima, atravessou o rio e chegou às muralhas do castelo. Lá, enfrentou valentemente a guarda real, escalou as paredes da muralha e abriu caminho até o quarto da donzela. Num chute derrubou a porta do quarto de suas dobradiças e ergueu a espada com um grito retumbante.

– Minha rainha, libertar-te-ei de vossos tormentos!

Do outro canto do quarto, sentados a uma mesa, olhavam espantados, a rainha, o rei e o advogado do reino.

– Mas que bagunça é essa, posso saber? – perguntou a rainha.

– Como assim? – disse o protagonista, sentindo que a sua entrada triunfal fora estragada – Vim te tirar das garras desse crápula, ué.

O rei bateu com as mãos no peito, sentindo-se ofendido.

– Crápula? Eu? Assino um papel de divórcio me comprometendo a sustentar alguém que nem filho me deu e eu que sou crápula?! Rá, muito boa essa! E saiba você que vai ter de pagar o conserto dessa porta.

– Mas...

O protagonista olhou de um rosto irritado para o outro e depois para o pergaminho que lhe foi estendido. Dizia para comparecer a um julgamento. Sentiu que era hora de ir embora. De uma maneira constrangida, mas ainda assim valente, correu e pulou pela janela, caindo na sela de seu cavalo.

Virou a página, e o protagonista deixou a armadura para trás. Agora é um órfão vivendo a vida-cão do subúrbio que descobre, no talento para futebol, a oportunidade para a ascensão. É o último jogo do campeonato, a torcida grita. Ele é a grande arma para a vitória, porém um machucado adquirido numa briga com o padrasto invejoso pode impedi-lo de jogar. O técnico aconselha a ficar no banco, a não jogar. Desistir agora, professor? Depois de ter vindo de tão longe? Não senhor. O time precisa de mim. Entra no gramado sobre a ovação da torcida. O adversário é que dá o primeiro passe, mas é parado pelo meio de campo. Veloz, o jogador dribla a defesa inimiga como se fossem objetos inanimados, enquanto o protagonista corre para área a espera de um passe. O protagonista faz sinal para um cruzamento. O colega não dá atenção. Já está na

cara do gol, é só chutar. O primeiro gol! O protagonista se junta ao abraço coletivo, não está nem aí se não foi a estrela. Muita bola ainda vai rolar.

E não dá outra, 10 minutos depois, há uma falta a seu favor, na distância certa para o gol. Mas quem é escolhido para cobrar é o goleiro. O protagonista tenta conversar, mas o goleiro insiste que vinha treinando duro por uma chance dessas e era verdade. Sempre treinava batidas de falta. O que custava fazer uma caridade? Vai que é tua. O goleiro se prepara, mira e manda uma trivela no ângulo. Ninguém teve chance. Foi o segundo gol. Depois disso veio um terceiro, pela cabeça de um zagueiro; depois um gol contra; um gol de ombro do que havia até então sido o pior jogador de time, Leomar, o vesgo; mais dois gols do parceiro de ataque; e... nenhum gol dele, o protagonista! Foi uma vitória de lavada, nem tinha importância o seu sacrifício, ninguém se lembraria do risco que correu. Na fotografia do jornal, no dia seguinte, o protagonista era uma pessoinha mancando ao tentar acompanhar os colegas eufóricos na volta olímpica.

Virou a página. 2º Guerra Mundial, o protagonista era um soldado que passou a batalha inteira com dor de barriga, sendo obrigado a voltar para a casa muito antes do grande desembarque na Normandia. Assistiu embasbacado a derrota dos nazistas sem ele. Virou a página. O protagonista agora era um ex-policial durão que assume a missão de evitar um ataque terrorista ao maior prédio da cidade. Quando chegou lá, a bomba já havia estourado.

Pessoas morreram, mas um grupo de policiais e bombeiros já haviam controlado a catástrofe. Um oficial o manda se afastar e não atrapalhar as operações. Virou a página. Era um jovem numa roadtrip em busca de conhecimento pessoal. O carro pifou a dez metros de casa. Virou a página....

O protagonista, cansado de tentar ser o centro das histórias, se senta numa cadeira, abre um livro e começa a ler, decidido que o mundo sabe se cuidar sem ele.

Síndrome narrativa psicótica

Ao abrir os olhos, Cassiano pensava, "mais um longo dia de trabalho". Tirou as cobertas de cima e esfregou o rosto com as mãos na tentativa de espantar o sono. Todas as manhãs, Cassiano acordava seis e meia, tomava café, pegava o carro, ia para o seu trabalho de executivo numa empresa importadora de vinho, onde, no seu escritório, desejava nunca ter saído da cama. Levantou-se. O cabelo estava jogado para um lado só, arrepiado, igual ao de um espantalho na fazenda. Mas Cassiano não era nenhum espantalho e não podia ir assim ao seu trabalho. Procurou no armário alguma roupa para se vestir. Havia uma coleção de camisas brancas e toalhas num canto. Ele escolheu uma camisa...

– NÃO!! Não é assim que a história é!

– Como não? Eu sou o narrador aqui.

– Deveria fazer um trabalho melhor. Não há dramaticidade. É pura descrição. Já vi obituários com mais conflitos.

– Então como faria?!

– Pois não! Aqui vai:

As mãos de Cassiano tocaram o tecido macio e suave do algodão da camisa – a maciez: ilusão protetora da aspereza da vida e das regras da sociedade. Obediente, ele colocou a gravata por cima, como um cão e sua coleira. Porém, com humanos é diferente de animais de estimação, pois homens são levados a acreditar na necessidade de seus grilhões. Eles mesmos os colocam e fingem estar tudo bem. Mas será mesmo Cassiano? Tinha um bom apartamento, bom emprego, ótimas roupas macias, era jovem. Mas por que seus passos soavam tão pesados? Serão as amarras da sociedade que o fazem se arrastar?

Enquanto Cassiano se forçava a seguir até o precipício de sua rotina, até mais um café e mais um dia, um pensamento lhe chegou à cabeça, uma saída para tudo. Se morresse agora, o que realmente iria perder? A televisão? O sofá confortável? De nada eles o serviam nas noites solitárias e sem sentido. Os amores das mulheres eram vazios, caixas de biscoitos, onde os biscoitos já haviam acabado. Era só lixo. Sim, iria, se matar!

– Isso não é um tanto exagerado?

– Isso é tragédia. É arte. Por que não vai fazer seus continhos água sem sal em outro lugar, burguesinho de merda?!

– Vamos ver quem vai botar ponto final nisso.

– Nenhum de vocês dois, isso eu sei.

– E agora quem é você?

– O novo narrador. Melhor, o eu-lírico! Prazer.

– Ai, merda. Poesia...

– Com licença, vocês dois. Preciso me concentrar agora... aham...

Morte. Vida.
Existência.
Cassiano, pisciano, fulano.
Quem eu sou?
A luz bate na janela.
Espero
Por
Ela?
Dona morte, por que não vem? Está esperando o ônibus, mas não tem
Vintém?
Pois a luz pressiona em mim,
Os barulhos da rua me abraçam.
A vida veio, como um pequeno serafim.

– Vamo parar com essa porra! Ninguém aqui vai se matar, ninguém vai declamar poesia!

– Diz quem, querido?

– É, quem você é?

– Eu sou o narrador-personagem e ninguém vai mais ditar como a minha vida deve ser.

– Igual ao proletariado que faz a revolução, você tomou

os meios e ferramentas de produção de volta para s.i

– E sem metáforas, por favor!

– Hunf... Metido! Não vai saber o que fazer sem a gente...

– Vou sim. (tosse. Pigarreio. Tosse)

Eu, Cassiano, tomei o meu café da manhã, imaginando qual a mulher mais feia e famosa que eu pegaria. E, dependendo da droga, acho que aguentava muito bem a Hebe Camargo, se ela não acabar desmontando no meio das sacanagens. Depois fui para o meu trabalho, que é muito legal já que eu não faço muita coisa. Você pode falar tudo sobre vinho, se ele tiver numa embalagem bonita e vier do lugar certo. Ninguém vai querer algo vindo das vinícolas, sei lá, de Xerém. No final, é tudo a mesma merda. E tem esse estagiário que eu peço para ele fazer as coisas mais desnecessárias, tipo separar todo o lixo, um lugar pro plástico, outro pro metal, essas coisas. Rá, a gente sempre mistura tudo de qualquer forma. Reciclagem o cacete! Nesse dia, eu pedi para ele ligar para minha mãe e dizer que eu não poderia ir no aniversário dela e ele recebeu a bronca por mim. Saindo do trabalho, fui para o bar assistir futebol com os amigos. O Fogão perdeu, mas é até melhor que a gente acaba bebendo mais quando o time perde, que é para afogar as mágoas. Me levaram para casa e dormi feito criança, satisfeito com mais um dia.

Sobre o autor

Último filho de uma gloriosa raça alienígena, Társio perdeu todos os seus incríveis poderes (superforça, voar e falar "hipopotomonstrosesquipedaliofobia" sem gaguejar) ao cair no planeta Terra. Agora tem força apenas para digitar, com muito suor e pausas para descanso, contos no seu computador. Ele vive no Rio de Janeiro, onde foi criado por terráqueos, e além desde livro possue um conto publicado na antologia Moedas para um barqueiro, da editora Andross.

Possui dois blogs: Devaneios inúteis de uma mente nada brilhante e o No fundo do poço, que possue críticas de filme e até alguns quadrinhos feitos pelo autor.

Esse livro foi composto na tipologia
Souvenir LT BT 11/15.